O BRAZIL

E

OS BRAZILEIROS

POR

ANTONIO AUGUSTO DA COSTA AGUIAR.

SANTOS,
TYPOGRAPHIA COMMERCIAL,
RUA DE SANTO ANTONIO N. 60.

1862.

O BRAZIL E OS BRAZILEIROS.

CAPITULO I.

As doutrinas do Dr. Justiniano José da Rocha sobre a colonisação européa, exaradas no periodico — Regenerador — de 12 e 14 de abril, ns. 25 e 26, analysadas por Antonio Augusto da Costa Aguiar.

De ha muito que sabemos, que o illustre redactor do *Regenerador*, não é affecto á colonisação européa.

Certos sentimentos, certas expressões, expargidas pelos seus numerosos escriptos, quando por incidente tocava n'esta materia, bem nos indicavão as suas idéas á respeito d'ella. Foi porém só nos ns. 25 e 26 do seu *Regenerador*, que encontrámos em uma serie de artigos, sob a epigraphe: *A colonisação européa*, todos os argumentos em que bazea a sua opposição á esta medida encorporados. Ora, se são de longa data os sentimentos adversos á colonisação européa, nutridos por este illustrado publicista, se é profunda a convicção em que elle está, dos males, que da realisação d'esta idéa deverão resultar para o Brazil: nós podemos tambem dizer, que, desde o dia em que os nossos olhos se abrirão á luz da razão, calárão no nosso espirito sentimentos diametralmente oppostos. Nós, ao contrario do eximio redactor do *Regenerador*, encaramos a colonisação européa, como a maior

e a mais palpitante necessidade do nosso paiz, e fazemos do preenchimento d'ella, consistir todo o futuro d'este Imperio. Todas essas lutas de supremacia individual, todas essas lutas de preponderancia de partidos se somem, e desapparecem aos nossos olhos, como mesquinhas, ante a consideração d'esta grande necessidade. A vida ou a morte d'este grande paiz mesmo, nós fazemos depender da realisação n'elle, da colonisação européa em vasta escala. E pois, sendo os nossos sentimentos tão profundamente oppostos, tendo o inclyto redactor do *Regenerador* desenvolvido os seus argumentos nos artigos precitados, cumpre-nos agora expôr a nossa contrariedade, afim de que o publico orientado possa formar o seu juizo, ouvindo uma e a outra parte.

Não entramos na contenda sem um certo sentimento de orgulho. Discutir com o illustre Sr. Dr. Justiniano José da Rocha, é uma tarefa sempre grata, e por certo digna da mais elevada pretenção, pois que, quando uma ou outra vez, deixão os seus escriptos de levar a convicção ao espirito dos seus leitores, jamais deixão elles de deleitar e edificar, pela elegancia, pela moderação e polidez do seu estylo. Estavamos acostumados a ouvir e a ler, quando se tratava d'esta materia, as expressões de *réos de policia, borrachos, insolentes, immoraes,* e outras do mesmo jaez, applicadas aos estrangeiros.

A' repetição de taes expressões, não nos dignariamos de responder, porque aos olhos do homem sensato, ellas só indicão o ciume, o rancor, o máo genio, e a estupidez e grosseria dos seus autores. Nada disto porém encontramos n'estes artigos do *Regenerador*. A calma do espirito transuda das suas palavras; os seus sentimentos são lançados com aquella reflexão e pureza de linguagem, tão notaveis no illustrado cidadão, que os escreveu. Ja dissemos entretanto, que não concordamos no seu espirito, passaremos pois a expôr as nossas objecções, e seguiremos uma practica, muito usada em outros paizes, qual, a de citar o texto do autor, em primeiro lugar, para adduzirmos, logo em seguida, os nossos argumentos e as nossas objecções em contrario a elles.

Começaremos pois sem mais preambulo, e pedimos a attenção benigna do leitor.

« Antes de tudo dizemos, que nos ufanamos de ser Brazileiro. »

E' o que nós tambem dizemos.

« Não ha condição nenhuma de prosperidade, que quizesse-
« mos obter á troco da ruina da nacionalidade. »

Nem nós tão pouco.

« Ora a patria, que herdamos dos nossos paes, e de que tanto
« nos ufanamos, queremos conserval-a para nossos filhos, para
« nossos netos; se ha desgraça diante da qual nosso pensamento
« recua horrorisado, é a de serem elles ilotes, submissos á uma
« classe conquistadora, usurpadora no territorio nacional. E o
« que é a patria? Será esse chão inerte que se extende entre o
« rio Oyapok, e a lagoa Merim? Não por certo; a patria é o
« territorio nacional, animado por uma população da mesma in-
« dole, da mesma lingua, das mesmas tradições, das mesmas
« venerações, das mesmas instituições; a patria é o chão nacio-
« nal, ligado, associado á todas as idéas da nacionalidade. »

Será isto exacto? Se as condições constituitivas da nacionalidade são esse conjuncto de sentimentos, legados por tradição de paes a filhos, sendo uma grande parte dos Brazileiros ainda do tempo colonial, as suas recordações deverião prender-se á historia de Portugal.

Os feitos gloriosos pois, da nossa Independencia, os heróes, que nos derão a patria de que gozamos, longe de merecerem as nossas benções e gratidão, deverião antes ser apresentados á posteridade, como objectos para a sua execração, por se terem revoltado contra essas recordações tradicionaes, que dizeis, deverem constituir a nacionalidade de um povo.

Não, o sentimento de nacionalidade e patriotismo jamais se inflammou de recordações retrospectivas; procede elle porém, de um sentimento mystico, gerado das recordações da infancia, das associações e communhão de interesses, da nossa virilidade,

da gloria, da riqueza, e das vantagens, que desejamos auferir no paiz em que nascemos, e legar á nossa próle.

Não é a patria dos nossos avós que adoramos, é sim aquella aonde existimos, aonde fundamos os nossos interesses, os quaes anhelamos transmittir aos nossos filhos, que géra e inflamma no nosso peito o sentimento do patriotismo. Ora, sendo assim, se reconheceis que os filhos dos Portuguezes se mostrárão susceptiveis dos excitamentos do patriota, tanto que, erguendo-se contra a mãe-patria e suas tradições européas, proclamárão-se independentes; porque razão, perguntamos nós, não serão os filhos do Allemão, nascido no nosso paiz, accessiveis aos mesmos sentimentos de patriotismo? Vamos relatar-vos um facto entre muitos, que vos convencerá dos erros das vossas apreciações.

Existia na cidade de Santos um respeitavel cidadão, por nome João Xavier da Costa Aguiar (forçoso nos é citar nomes proprios, afim de frisar melhor a nossa argumentação), Portuguez de nascimento, negociante e coronel de milicias. Teve este cidadão filhos e filhas; tres d'estas casárão com estrangeiros, sendo um Inglez, Guilherme Whitaker, e dois Allemães, Frederico Fomm, e Carlos Henrique Melchert. Tiverão estes estrangeiros varios filhos, que hoje occupão lugares nas posições elevadas que o nosso paiz offerece. Os seus nomes se encontrão, com distincção, entre os altos funccionarios do paiz, na magistratura, no foro, na lavoura, e no commercio.

Pensaes vós que tendes sentimentos mais brazileiros, que tendes mais dedicação pelo Brazil, do que a tem o actual Presidente de Santa Catharina, o Dr. João Guilherme d'Aguiar Whitaker? do que a tem o Promotor de Itapeteninga, o Dr. Antonio Affonso de Aguiar Whitaker? do que a tem o Advogado de Piracicaba, o Dr. Carlos Henrique d'Aguiar Melchert? do que a tem o fazendeiro d'esta cidade, Adolpho Julio d'Aguiar Melchert? ou do que o corretor de fundos da praça do Rio de Janeiro, Augusto Fomm? pois todos estes Brazileiros, do Brazil, quanto á materia, só tem o facto do nascimento, mas o seu amor á

elle é tão ardente, tão intenso, como se pudessem computar a sua descendencia em linha recta, de algum indio das nossas mattas: é que os seus interesses, as suas associações da infancia, e o seu futuro, se prendem á este paiz, de cujo engrandecimento e prosperidade igualmente depende o seu porvir. Ora, nós só vos citamos este ramo de uma familia, porque ahi se encontrão, em relevo, todas as provas da nossa argumentação. São elles filhos de estrangeiros, netos de outro estrangeiro, não pulsa nas suas veias uma unica gotta de sangue indigena; e no entanto aquelle que mais se jactar de Brazileirismo, ha de tel-o tanto como elles.

E como estes poder-vos-hiamos citar centenas. Aqui mesmo, n'esta cidade, temos ja os Englers, os Daunts, os Kilians, os Kiehls, os Frischs, os Schwermanns, os De Vit Meyers, os Lawrences, os Krelingers, os Bauers, e outros, casados com Brazileiras, tendo filhos, e alguns ja netos, nascidos no nosso paiz. Não podemos pois comprehender a significação d'esse *ilotismo submisso á uma classe conquistadora*, á qual suppondes que verião a ser reduzidos os Brazileiros, com a colonisação dos Européos. Esta provincia ainda prantêa a morte do distincto Sr. Dr. João Dabney de Avellar Brotero, entretanto, filho de pai portuguez e de mãe americana, nascêra o Dr. Brotero poucos mezes depois da chegada d'estes ao nosso paiz: sua virtuosa mãe porém, já o trazia no seu ventre, quando os seus pés tocárão a terra da Santa Cruz. Tinha elle pois de Brazileiro, materialmente, apenas o nascimento, a sua raça nada tinha em commum com este paiz: vinde porém, perguntar aos Paulistas qual a sua nacionalidade; perguntae aos academicos de S. Paulo, que ha pouco se cotisárão para erigir um monumento á sua memoria, se o havião por estrangeiro. O Dr. Brotero era incontestavelmente o homem mais popular d'esta Provincia.

O Brazil constitue uma nação organisada, tem as suas instituições firmadas, a sua lingua e religião, o seu exercito, a sua armada e magistratura, e occupa ja um lugar importante entre as nações do mundo culto; não podemos pois conceber, como al-

guns milhares de estrangeiros, chegados aqui pobres, e com animo pacifico, poderião reduzir os filhos da terra á *ilotes submissos á uma classe conquistadora, usurpadora,* como dizeis: pelo contrario, temos a convicção de que, quantos estrangeiros aqui chegarem, com intenção de permanecer, se fundiráõ na nacionalidade brazileira, como já se tem fundido, os que tem aqui chegado, communicando entretanto aos seus descendentes, aquella actividade, energia e perseverança, que constitue o apanagio da sua raça. E será isto um mal? Será crivel, que possa despertar no coração do verdadeiro patriota qualquer sentimento de compuncção a perspectiva de que, d'aqui a trinta ou quarenta annos, mediante a colonisação, terá completamente desapparecido a preguiça, e indolencia, o espirito acanhado, inerte, e rotineiro, que presentemente é tão commum no nosso paiz, conservando alias a mesma lingua e religião, e as mesmas instituições que hoje temos? Fazei que para aqui se dirijão todos os annos cem mil allemães como colonos, e vereis como todos elles se fundem na nacionalidade brazileira, elevando no entanto o timbre d'esta ao nivel da sua tempera. Perguntamos-vos agora, seria isto um mal? Feixae porém os portos d'este Imperio, concentrae-vos nos vossos recursos proprios, tomae por modelo o systema China, e no cabo de algumas dezenas de annos, tereis conseguido o amalgama de uma raça abastardada, fraca, inerte, e similhante a das colonias portuguezas de Macau e Goa: então sim, tel-a-hieis preparado para rojar-se *submissa aos pés de uma classe conquistadora, usurpadora.* Notae porém, que, se imaginassemos, que a vinda hoje de alguns milhares de allemães pobres e laboriosos pudesse determinar o estado de *ilotismo submisso*, que designaes; do fundo do coração dir-vos-hemos, que quanto mais depressa se realisasse tal resultado, tanto melhor, pois que uma raça, por similhante modo, pusillanime e abjecta, deveria ser varrida como cisco, da face deste bello paiz, por indigna de habitar n'elle.

« Dêmos que os governos germanicos, comprehendendo as « vantagens, que lhes offerecem os nossos colonisadores, fazem

« apparecer agora na velha Germania, um movimento de exo-
« do, e que esse movimento se faz para o Brazil: dêmos que
« se multiplicão nos nossos portos navios e navios transportando
« aos milheiros colonos d'essa procedencia: dizei-nos ao cabo
« de algumas dezenas de annos, o que será d'este nosso Bra-
« zil, latino, catholico, na presença d'esse outro Brazil ger-
« manico, protestante; em habitos, em indole, em tudo com-
« pletamente repulsivo, antagonico ao Brazil a que pertence-
« mos, de que nos ufanamos. »

Sim, nós vol-o diremos. Se tal exodo algum dia se realisar, trazendo-nos centenas de milhares de colônos da velha Germania; vós vereis desapparecerem, no fim de uma dezena de annos, as mattas que são hoje o couto das feras e dos reptis, vereis esgotarem-se os pantanos, d'onde hoje manão miasmas pestilentos, vereis as terras nas visinhanças das grandes cidades, agora abandonadas por cançadas, cobertas da mais luxuosa vegetação, como o fructo de uma industria intelligente, produzir os generos alimenticios, para o abastecimento d'essas cidades, vereis a superficie do paiz cortada por estradas de ferro e canaes, as povoações e fabricas, erguendo-se aqui e ali como por encanto, e o Brazil todo trajando as galas do progresso e da prosperidade; entretanto que a sua lingua e a sua religião continuarão a ser as mesmas, quaes hoje são, e as suas instituições se terão consolidado, pois que terá, em grande parte, desapparecido o perigo perenne da caudilhagem, e do capanguismo.

Quando os Estados-Unidos proclamárão a sua emancipação, tinhão elles pouco mais de tres milhões de habitantes, fallavão a lingua ingleza, e professavão o culto anglicano. São decorridos oitenta annos, a União conta hoje quasi trinta milhões d'almas, porque esse exodo, não só da velha Germania, como tambem da Irlanda, para lá se dirigio; qual é porém a lingua que se falla, qual é a religião que prevalece, n'esse grande e poderoso estado? A lingua ainda é a ingleza, e o será até a consummação dos seculos, e a sua religião a mesma anglicana, porque os filhos

d'esses Germanicos, e Irlandezes, fundindo-se na massa da população do paiz, tomárão a sua lingua e o seu culto. Nos Estados-Unidos só são catholicos os Irlandezes e alguns Allemães, porém os filhos d'estes vão seguindo a corrente geral da população do paiz. Nós acabamos de vos citar os nomes de uma porção de Brazileiros, filhos de paes estrangeiros: estes estrangeiros fallavão o inglez e o allemão, quando chegárão ao nosso paiz, e seguião, a maior parte d'elles, o rito protestante, e entretanto seus filhos fallão o portuguez, e são catholicos.

Existe porém um meio de perturbar as operações d'esta feliz amalgamação, que obedece á natural ordem de cousas, e é elle, levantar-se aqui a bandeira ominosa do Santo Officio, proclamar a intolerancia religiosa, e levar ao Auto da fé todos os hereges que não commungão no mesmo credo. Então, estimulados os brios dos que não são catholicos, instituiráõ elles, como um preceito para os seus descendentes, a observação dos mesmos ritos, que seguião os seus paes, e d'aqui se renovaráõ as discordias, e as guerras religiosas de outras épocas, que a tolerancia e as luzes dos nossos tempos tem feito desapparecer completamente.

« Perguntae á raça celtica da Gallia, da Britannia, da Hespanha,
« o que foi feito d'ella, quando o Vizogodo, o Franco, o Saxonio,
« vierão occupar as suas provincias. »

Nós vos responderemos, que nenhum exemplo da historia antiga ou da média idade, que possaes adduzir, tem a mais remota applicação aos successos dos nossos dias.

Presentemente não se exterminão povos com o ferro e o fogo; annexão-se, e assimilão-se.

Os Germanicos não virião conquistar-nos, impondo-nos a sua lingua e as suas leis; não, não, elles aqui virião buscar um melhor estar, e fundindo-se na população da nação, communicar-lhe-hião a sua civilisação e a sua industria.

« Nos Estados-Unidos não existe nacionalidade; apenas algum
« *yankee* protesta por ella, formando o partido *Know-nothing*, e

« vendo-se supplantado por todas essas raças colonisadoras, juxta-
« postas, e não confundidas, nem amalgamadas, juxta-postas e
« detestando-se, tendo entre si, por lei, o *revolver* de seis tiros e
« a faca de matar boi! só unidas para o latrocinio e a piratagem. »

Eis-aqui um trecho, que por certo não foi escripto pelo illustrado e calmo redactor do *Regenerador;* e convencidos de que taes palavras não sahirão da sua penna, passaremos a respondêl-as, com um vigor, que não empregariamos contra quaesquer proposições emanadas d'ella. Ha, pois, n'este trecho completa ignorancia das cousas, á par de excessiva má vontade.

A nacionalidade americana desenha-se hoje tão distinctamente, como a nacionalidade ingleza, franceza ou hespanhola. Seja a procedencia dos paes, qual ella fôr, venhão elles da Germania, da França, da Hespanha, ou Inglaterra, os filhos d'estes recebem ao nascer o typo americano, que já é tão notavel e conhecido em todo o mundo, como o é o inglez ou o francez. Por toda a parte distingue-se o Americano pela sua energia, pelo seu genio activo e emprehendedor, pela sua altivez, pela sua independencia de caracter e confiança em si, pela adoração profunda que consagra ás instituições politicas do seu paiz, e pelo modo verdadeiramente liberal, por que apprehende os homens e as cousas.

Os filhos das provincias do Sul (aquellas que possuem escravos) continuão a dar aos do Norte o epitheto primitivo de *Yankee,* porém notae, que não forão estes, e sim justamente aquelles, que originárão o partido dos *Know-nothings*, que aliás pouco tempo teve de vida em um paiz, aonde imperão o bom senso e as maximas do verdadeiro patriotismo. Fallaes no *revolver de seis tiros e na faca de matar boi;* mas vêde, que entre nós, aonde não existe *essa mistura de raças juxta-postas*, que attribuis á esse paiz, nós vos apontaremos cem, perpetradas pelo bacamarte e tambem pela faca, por cada uma das mortes feitas pelo *revolver de seis tiros* nos Estados-Unidos; e notae, que lá não ha noticias do assassino de profissão, não se mata atraz do páo, não ha emboscadas e nem veneno. As mortes lá fazem-se a peito desco-

berto, em combate violento, sim, e muitas vezes injustificavel, mas leal e franco, não se perpetrão assassinatos cobardes e traiçoeiros, como aqui. Realmente, depois que as folhas diarias da côrte começárão a publicar correspondencias das provincias, as quaes vem sempre repletas das relações de horrorosos assassinatos, nós Brazileiros, deviamos cobrir a cara com ambas as mãos e observar rigoroso silencio á respeito dos attentados que se commettem nos outros paizes.

« O general Andréa, dando-nos conta, na qualidade de pre-
« sidente do Rio Grande, do que vio nas colonias d'essa provin-
« cia, exprimio-se assim, e já não erão allemães primitivos,
« erão os filhos desses allemães, nascidos no Brazil, brazileiros
« da constituição, e não erão muitos ainda, erão uma imper-
« ceptivel minoria na massa da população brazileira; pois
« bem, disse elle, que já não querião as leis, as autoridades,
« a lingua nacional,— foi necessario recorrer á força e á trans-
« acção.!! »

Nós respeitamos sobre modo a memoria do inclyto general Andréa, para contrariarmos de chofre a sua autoridade; seria, entretanto, mister que vissemos o seu relatorio, que estivessemos scientes de todas as circumstancias narradas n'elle, para podermos aquilatar devidamente a sua apreciação dos factos. Mas, porque razão fostes desencavar um relatorio tão antigo, tendo aliás á mão ainda o ultimo do illustrado Sr. conselheiro Antão, no qual se encontra uma minuciosa descripção do estado actual d'essas mesmas colonias? Ah! que não vos seria isso grato, porque ahi verieis, que, tendo a provincia do Rio-Grande se tornado como que o celleiro d'este Imperio, é a colonia de S. Leopoldo, por excellencia, o celleiro d'aquella provincia. Que esta colonia, que tal já não deve ser chamada, e sim uma das mais florescentes comarcas da provincia, prospera a olhos vistos; que a dedicação ao trabalho que distingue os seus habitantes, e o seu amor á ordem e socego, vae servindo de modelo e exemplo ás de mais povoações d'ella. Ha pouco declarava um chefe de policia d'aquella

provincia, em seu relatorio á presidencia, que a lavoura no Rio-Grande era exercida, quasi que exclusivamente, pelos colonos allemães e seus descendentes, pois que os Rio-Grandenses (os unicos, propriamente Brazileiros, no vosso modo de pensar) só se dedicavão á vida nomada de peões e capatazes, por não se quererem sujeitar á occupação afanosa de cultivar a terra.

« Ainda, se as colonias de raça Germanica, que desejaes,
« consentissem em fundir-se na população do paiz, em amalga-
« mar-se com ella, seria mais um elemento heterogeneo, quando
« já tantos elementos heterogeneos temos, mas, emfim, o traba-
« lho da assimilação não seria impossivel. Isto, porém, não
« póde dar-se; ha entre as raças tão profundo antagonismo,
« tantos pontos de repulsão, que não poderião encontrar-se,
« senão para que uma procure dominar a outra, julgue-se supe-
« rior; condemnar-se-hão á reciproco desprezo, offender-se-hão
« em reciprocas desintelligencias, até que de feito a invasora
« domine.... »

Ora, eis-aqui um pedaço muito bonito; tem, porém, um grande defeito, não passa de pura declamação, sem fundamento algum na realidade dos factos.

Já vos apontámos o ramo de uma familia, em que tres senhoras casárão com estrangeiros; erão sete irmãas, outras tres casárão com Brazileiras, uma ficou solteiro, e todos vivêrão em plena paz; e o que se deu a respeito deste ramo, igualmente succedeu com outros ramos da mesma familia, aonde temos ainda os Glennies e os Diederichsens, sem que de taes consorcios tenhão resultado essas guerras exterminadoras, essas dissenções perpetuas, esses antagonismos profundos, que vos apraz phantasiar no vosso artigo.

Na verdade, a fusão das raças européas com as do paiz, já ha muito que se está operando, gradual e pacificamente, e só nos admira, que o perspicaz redactor do *Regenerador* ainda não tenha dado por isso.

Da mesma natureza declamatoria são os periodos, que se seguem á este, no artigo a que respondemos; não cansaremos, pois, a attenção do leitor em refutal-os.

Ah! que se as vossas opiniões pudessem produzir écho no paiz, e se traduzissem em realidade, então sim, teriamos o Brazil uma terra de lutas sangrentas; o santo officio reviveria, e as fogueiras da inquisição de novo se accenderião.

« Só fallamos da colonisação allemãa, porque quem diz coloni-
« sação em grande escala, diz por força colonisação allemãa; é
« essa a raça que tem bastante desapego á patria, para emigrar em
« grandes massas, e que é bastante numerosa para fornecêl-as. »

Exactamente; nós tambem acceitamos a discussão neste terreno; sabei, porém, que o nosso enthusiasmo pela colonisação européa, se extende a toda a Europa; a todo o homem nascido lá, nós abriremos nossos braços, e dirigindo-lhe a saudação ingleza lhe diremos: « welcome to Brazil »; é só contra a emigração da costa d'Africa, que cerramos o nosso peito.

Não ajusta, porém, sobre a nação Allemãa o estygma de falta de patriotismo que tentaes fixar sobre ella. A Allemanha não cede á paiz algum do mundo em grandes feitos, em adiantamento material, em civilisação e força physica; e vós sabéis, que jámais teria attingido á taes proporções aquelle paiz, em que o patriotismo não fosse um mytho, *fosse apenas um nome vão*. Demais, o Brazil, o Mexico, o Chile e o Rio da Prata não forão colonisados por Allemães. A verdade, porém, é, que a omnisciente Providencia, que sabe adaptar os meios á realisação dos seus designios, incutio nas raças guerreiras, varonís, energicas, altivos e intelligentes, que habitão a velha Europa, esse espirito de progresso e movimento, que as impellio ás plagas do novo mundo, afim de substituirem ahi as raças fracas, estupidas, inertes e estacionarias que existião. Se, pois, houve ou ha crime n'este exodo do velho para o novo mundo, a culpa cabe a todas; se ha gloria, devem tambem todas partilhal-a, pois que todas n'elle tem tido parte.

« De feito, qual é a tenção dos nossos colonisadores? Dar
« satisfação á exigencia de braços, que em nome dos nossos
« lavradores, tantas vezes se reproduz. »

Sim, crêmos que tem sido essas as vistas de nossos legisladores, e é essa justamente a causa, porque quasi todos os seus esforços não tem sido bem succedidos.

O facto de se apregoar, que queremos a colonisação allemãa, afim de supprirmos, por meio d'ella, o vacuo que a cessação do trafico de Africanos deixou na lavoura do nosso paiz, envolve uma idéa tão mesquinha, tão ignobil, que nos admira, que homens illustrados se tenhão prestado a ella. Não, não, não é isso por certo o que almejamos. A cultivação do café e do assucar só poderá continuar a ser proseguida com efficacia, e em grande escala, mediante o trabalho do negro captivo, emquanto as condições da nossa sociedade permanecerem quaes ellas são na actualidade.

Mas, será só da producção do café e do assucar, que dependerá a futura grandeza d'este paiz? Os estados do norte da grande republica americana, não produzem nada disto, e no entanto, é justamente ali, onde se concentra a gloria, a illustração e a moralidade d'aquella grande nação. Nós temos no Brazil uma infinidade de pequenos lavradores, homens, que possuem de dois a seis escravos.

Emquanto vivem os paes, podem elles tirar do trabalho d'estes escravos os meios de manter a seus filhos, com tal ou qual apparencia de bem-estar; não lhes é possivel, porém, augmentar o numero d'elles, visto como o seu preço já passou muito além das suas posses; mas a existencia de taes escravos em suas casas, infiltrou no espirito de seus filhos como um veneno, a fatuidade, a preguiça e indolencia, e o habito de encarar com desprezo todo o trabalho pelas proprias mãos. Quando morre um lavrador d'estes, seus bens são divididos entre os seus filhos, e todos ficão pobres. Acreditaes que os moços assim creados, se lembrão de trabalhar? — desejo vão — se elles na sua vida só virão trabalhar

o negro captivo: um ou outro d'entre elles engaja-se como feitor; os mais dão em droga, e perambulando de sitio em sitio, contando historias e tocando viola, vão fruindo uma vida de indolencia e enercia, como verdadeiros parasitas da sociedade, sendo a caça e a pesca, a occupação mais importante a que se prestão na sua vida. Se seus paes, porém, não tivessem tido esses escravos, provavelmente, têl-os-hião posto a aprender algum officio, o qual lhes teria dado uma posição fixa na sociedade, habilitando-os a ganhar, com nobre independencia, o seu sustento quotidiano. Estes pequenos lavradores, pois, ao nosso vêr, são um grande mal para o Brazil.

Desejariamos vêr, como de facto vai succedendo, os escravos d'estes homens reunidos aos dos grandes proprietarios do nosso paiz; os quaes, pondo os seus filhos nas nossas academias, e mandando-os viajar pela Europa, como alguns tem feito, dar-lhes-hião aquella amplidão de idéas, aquella cultivação do espirito, que abre a intelligencia do homem ás vistas dos progressos da industria moderna; taes homens introduzirião logo nos seus estabelecimentos ruraes todas as machinas e processos das melhores invenções, para cuja acquisição a sua fortuna lhes daria amplos meios. Aqui mesmo n'esta cidade temos já um exemplo d'isto. O fallecido, abastado e intelligente fazendeiro, João Tibiriçá Piratininga, mandou o seu filho do mesmo nome estudar na França scientificamente os novos processos de agricultura, e aquelles ramos de physica e chimica, que lhe são connexos.

De pouco, voltou o Sr. Tibiriçá á esta cidade, e, com o seu espirito cultivado e a sua intelligencia repleta de conhecimentos uteis, está elle operando nos seus estabelecimentos ruraes taes melhoramentos, que promettem produzir uma verdadeira revolução no systema agrario da nossa Provincia; e os seus visinhos abastados vão seguindo as suas pisadas.

Já prevêmos, que vamos ser accusados de querermos introduzir no paiz uma aristocracia territorial; sim, queremos, e porque

não? Vós, porém, que tambem sois monarchista, que quereis a existencia de um só credo religioso, como uma necessidade do nosso bem-estar, *indicada pela sabedoria dos nossos paes,* deveis acceitar igualmente, como um corolario indispensavel, uma aristocracia territorial, rica e intelligente. Monarchia estavel, sem aristocracia territorial, é problema, que o tempo se reserva a tarefa de resolver. A nós parece-nos tal tentativa, como a do architecto, que quizesse erigir um monumento grandioso, sem curar de o assentar sobre uma base larga e profunda.

Mas, fallavamos de colonisação, e não dissertamos agora sobre politica.

Como diziamos, desejariamos ver os pequenos grupos de escravos, reunidos aos grandes estabelecimentos agricolas do nosso paiz, aos quaes designariamos a prosecução da grande lavoura dos generos de longo curso. Para os colonos estrangeiros, e os Brazileiros pobres, reservariamos então a cultivação da pequena lavoura dos generos alimenticios e dos cereaes, applicando estes a sua industria sobre aquellas terras, nas visinhanças das cidades, que já forão abandonadas pela grande lavoura como cançadas.

Fazemos consistir, na execução d'estes principios, o remedio para a falta de braços, e carestia dos generos alimenticios, que se apregoa, e dariamos á grande lavoura ainda outro auxilio, afastando das povoações, mediante tributos prohibitivos, esse enxame de negros e negras, que, uns como obreiros e jornaleiros, outros para satisfazerem a vaidade pueril de seus senhores, atulhão as nossas praças, e os quaes, sendo applicados aos serviços agricolas, lhes ministrarião um poderosissimo contingente. Já se vê, que não recommendamos o systema de parceria como um principio ou meio de attrahir colonisação européa ao nosso paiz.

Não sabemos mesmo, se, bem ponderadas as suas vantagens e os inconvenientes que d'ahi se tem originado, não terá a colonisação de Allemães, nos grandes estabelecimentos agricolas,

trabalhando de parceria na producção dos generos da grande exportação, sido mais nociva do que util aos interesses permanentes d'este paiz. Alguns lavradores, na verdade, vão com elle enriquecendo, mas a grande questão da colonisação do Brazil permanece ainda no mesmo estado de incerteza, ao passo que certos abusos, certas extorsões e prepotencias, practicadas por alguns fazendeiros com taes colonos, tem gerado n'elles e nos seus compatriotas na Europa, aos quaes transmittem essas noticias, indisposições, que tarde poderáõ ser extirpadas do seu espirito.

Esperar que fazendeiros, pela maior parte ignorantissimos, se bem que ricos, e os quaes toda a sua vida trabalhárão com negros captivos, tocados pelo azurrague de um feitor, possão marchar bem, trabalhando com homens brancos, das raças mais finas da Europa, e muitos dos quaes lhes são infinitamente superiores em toda a casta de conhecimentos, é absurdo, que não póde merecer uma consideração seria. O fallecido senador Vergueiro podia fazêl-o, porém este preclaro cidadão era um sabio, de maneiras affaveis, de vistas largas e espirito liberal. Infelizmente, o Brazil não possue muitos homens da tempera d'este egregio varão.

« Nos Estados-Unidos, o paiz da colonisação por essencia, os
« colonos não são os lavradores, os colonos recentes tomão conta
« das profissões mechanicas das cidades, excluem de proximo
« em proximo, do Atlantico para o interior das terras, as popu-
« lações que já n'ellas achão ; o occidente se povôa não dos
« emigrantes allemães ou irlandezes, mas dos Americanos, que
« lhes cedem os lugares, e caminhão adiante, abrindo o deserto,
« povoando as solidões. »

Muito pouco de todo este trecho póde resistir á mais ligeira analyse, e é realmente para lamentar, que, sendo o redactor do *Regenerador* aliás tão instruido, tão observador em tudo mais, só no tocante aos interesses da colonisçaão e seus effeitos em outros paizes, se tenha deixado ficar na mais completa ignorancia. De feito, em regra, o colono allemão ou irlandez não se vae

entranhar nas mattas dos Estados-Unidos, aonde a sua presença por certo que seria de muito pouca utilidade. Adiante d'elle marcha um corpo de pioneiros americanos, dextros, energicos e affeitos desde a infancia a lutar com essas mattas seculares, as quaes elle derruba com os proprios braços, alimpa o solo, erige uma casinha tal ou qual, lança na terra a semente, e entrega a propriedade assim preparada, por bom dinheiro, ao colono allemão ou irlandez, que o foi seguindo de muito perto. O pioneiro americano levanta então a sua barraca, põe ao hombro a ferramenta, marcha para adiante, e faz o mesmo. Pensaes, porém, que alguem o compelle á esta vida? estaes enganado; é o instincto do ganho e a experiencia das grandes vantagens, que lhe resultão d'ella quem actúa sobre seus passos. O nosso lavrador embrenha-se tambem pelas nossas mattas, mas toca adiante de si uma fileira dos seus escravos, como outr'ora fazia dos pobres Indios, arrancha a sua morada, e, percorrendo o horizonte com a vista, tomando posse com os olhos de quanto vê, diz: de tal montanha á tal montanha tudo é meu; não cura porém de cultivar senão uma mui pequena parte d'essas terras; mas ai d'aquelle incauto, que ousar entremetter-se nos seus dominios — a bala do bacamarte lhe fará a honra da hospedagem. E é por isso que vemos uma tenuissima população, espalhada sobre uma superficie illimitada de terreno, sem que os beneficios da lei e da religião possão attingir á essas paragens.

Supponhamos porém, para irmos n'este ponto de accôrdo com as vossas doutrinas, que uma grande parte dos colonos, recem-chegados, se deixavão ficar nas nossas cidades de beiramar, exercendo ahi as profissões mechanicas: que mal nos resultaria d'ahi? Quasi todos os officios mechanicos são exercidos entre nós por captivos. Ora, não seria melhor, afastar para o interior a essa sucia de creoulos robustos, capoeiros, e capadocios, que infestão as nossas cidades, como officiaes de officio, obrigando-os a pegar na enchada para lavrar a terra? Não seria melhor para a civilisação d'este paiz, que o seu lugar se preenchesse com o colono obreiro, dextro e activo? O Brazileiro infelizmente já nasce propenso

para a indolencia e vadiação, e vendo desde a infancia, que as profissões mechanicas e os trabalhos manuaes são só exercidos pelos escravos, esta inclinação natural ainda mais se radica n'elle. E' pois mister, ennobrecer o trabalho, pondo ao lado d'elle o homem branco, que se occupa em taes misteres, afim de que, estimulados os seus brios, imite elle tal exemplo; mas, se apezar disso, um ou outro mandrião, cedendo á sua inercia, se deixar escorregar para baixo — paciencia — d'aqui a cincoenta annos, o grande Brazil de então não ha de dar pela falta d'elle.

« Póde isso dar-se com esse povo aventureiro, e que não tem
« patria ; no Brazil, cuja população é essencialmente resignada,
« e sedentaria, isso não se dará: a população das cidades não as
« abandonará aos emigrantes, acceitará antes a sua concur-
« rencia, maldizendo os loucos que lhe trouxerão o damno d'essa
« concurrencia. »

Ah! então o Americano não tem patria? Os Washingtons, os Franklins, os Adams, os Jeffersons, os Jacksons, os Websters, os Cass, não tiverão e não tem patria? Na verdade, os preconceitos do redactor do *Regenerador* fazem-no delirar. Esse espirito resignado, esses habitos sedentarios, essa inerte immobilidade, especie de chinismo, que são os caracteristicos infalliveis da decadencia de uma raça, e que tornão o Brazileiro tão completamente inapto para o systema do *self-government*, que certos illuminados lhe querem á força impôr, é precisamente o que nós anhelamos eradicar d'elle, collocando ao seu lado o energico europêo, afim de o obrigar, máo grado seu, a sahir da sua indolencia, ou deixar o seu lugar para aquelle, que, melhor do que elle, sabe apreciar e exercitar as faculdades que Deos lhe deu.

« E agora, haverá justiça n'esses favores que á custa do con-
« tribuinte brazileiro fazeis ao estrangeiro que aqui queira vir
« estabelecer-se? Sois generosos, pagaes-lhe passagem, daes-lhe
« alimentos, daes-lhe terras, e á custa de quem? Será á vossa
« custa? Terieis bem máo gosto de certo: pois ahi sobrarião
« patricios vossos, a quem esses obsequios serião utilissimos,

« habilitando-os para conquistarem com o seu trabalho o bem
« estar... Mas não, essas despezas sahem do thezouro, isto é,
« sahem da algibeira de todos nós, da do pobre como da do
« rico; ora não tendes direito de esportular o pobre brazileiro,
« para soccorrer á custa d'elle, o pobre que ides buscar á Eu-
« ropa. »

Temos aqui o perpetuo estribilho, o chavão constante e mesquinho, de novo reproduzido. Nós ha pouco publicamos no periodico *A Lei* da capital d'esta provincia, alguns artigos, refutando esta idéa, mas como provavelmente não chegárão elles á noticia do redactor do *Regenerador*, apresentaremos aqui, para o seu conhecimento alguns d'esses nossos argumentos.

Nós não imos gastar dinheiro em trazer o Allemão para o Brazil, pelo effeito do amor abstracto que tributamos aos lindos olhos d'elle. Está porém o Allemão a muitas mil leguas d'aqui, e precisando nós da sua industria, afim de realizarmos os destinos manifestos d'este grande Imperio, forçoso nos é uzarmos de incitamentos calculados a induzil-o, a preferir o nosso paiz aos Estados-Unidos, ao Canadá, á Australia, á Nova-Zeelandia, e mesmo a Argelia.

O Brazileiro pobre porém, aqui se acha ao pé de nós, falla a nossa lingua, está habituado aos nossos costumes, o que pois o veda de trabalhar e ganhar dinheiro, se se sente inclinado a isso? Ora, supponde que cada Allemão custa ao thezouro 200$ rs., que aliás lhe são unicamente adiantados, até ser collocado em alguns dos nossos estabelecimentos ruraes de serra acima, por exemplo, n'uma das fazendas de café do fallecido Senador Vergueiro. Os juros d'estes 200$000 rs. a 6 por cento, que é tanto quanto a nação paga pelas suas apolices, importaria em Rs. 12$000 no anno.

Bem, ahi tendes vós o importe do seu debito. Chegado a esta fazenda, vae elle colher 100 arrobas de café, as quaes, se não fôra o seu trabalho, terião de aprodrecer no chão d'essa fa-

zenda. Levadas ao porto de embarque, estas 100 arrobas de café valem 600$000 rs. pelo menos, e calculados os direitos de exportação, termo medio em 7 por cento, ahi teremos já 42$000 para serem postos a seu credito: mas estes 600$000 do valor que se exporta, vae determinar a entrada de um valor equivalente de mercadorias estrangeiras, que pagarão nas nossas alfandegas o direito, termo médio, de 30 por cento, e ahi temos mais a somma de 185$000 para serem lançados a seu credito, a qual, junta a de 42$000 ja calculados, prefaz o total de Rs. 222$000, com que elle entre para o thezouro, n'um só anno; somma superior, não só aos juros, como ao capital e juros reunidos da despeza de sua passagem.

Assim, temos no primeiro anno remida toda a despeza com elle feita, e notae que em regra elle tem de restituir todas as despezas da sua passagem, e ainda os juros accumulados. Porém, que não o faça; dizei-nos agora á vista de todo o exposto, se, quando se paga dous contos de réis por um escravo africano, bestial, indolente e immoral, *não valerá o Allemão duzentos mil réis?* E notae que além das 100 arrobas de café, produz elle sempre maior quantidade de generos alimenticios, do que consome no seu uso. Ah! bem comprehende o sagaz e emprehendedor americano o valor e alcance d'estes calculos, e é por isso, que continúa a se esforçar por conservar perenne a corrente da immigração para o seu paiz, mediante a qual conta realisar o seu destino, de dominio universal. Ha homens, que tem paixão pela côr lugubre, pela catinga e o nariz chato do africano, são gostos, nós porem confessamos uma predilecção pela pelle branca, pelos olhos azues e cabellos louros do européo.

Não somos enthusiastas, ja o dissemos, pelo systema de parceria, e nem queremos conduzir o colono, recem-chegado, ao centro das nossas mattas, cujos jequetibás e peróbas o tólhem de espanto e assombro; mas não indiqueis esta circumstancia como um reproche contra a varonilidade do estrangeiro; reparae como o esqualido e cobarde bugre corre sobre os galhos gigantescos

d'estas arvores, com a agilidade do macaco, ou pouza, pendurado dos seus ramos, com o supremo contentamento da preguiça, sem receio e nem assombro, porque o habito de vel-as desde a infancia, destruio n'elle as impressões da novidade. Dae porém, execução ao grandioso pensamento do fallecido Senador Vergueiro, de re-colonisar o que está mal povoado, re-povoando o que está abandonado. Conduzi o colono allemão para as terras nas visinhanças dos povoados, e ahi vereis, como a sua industria, a sua intelligencia e perseverança, irão extrahir d'ellas muito maiores e melhores fructos dos generos alimenticios, de que jamais estas terras produzirão, nas épocas da sua primitiva fertilidade. Só assim tereis mantimentos baratos; só assim, se tornarão lucrativas as emprezas de grandes canaes e vias ferreas. Observae como a colonisação se dirije aos centos de milhares para os Estados-Unidos, pensaes que os generos alimenticios ali encarecem? Pelo contrario, tão baratos se tornão elles, que para o nosso paiz já são remettidos carregamentos desses generos.

Porque pois dos mesmos meios, applicados ao nosso solo, aonde a natureza produz maravilhas, não se hão-de auferir iguaes resultados?

Somos assignantes do *Regenerador*, infelizmente porém, a remessa d'esta folha, não nós é feita com aquella regularidade, que desejaramos, assim não recebêmos ainda o numero, em que o seu illustrado redactor ficou de mostrar, que a *colonisação européa é impossivel* e que *a lavoura brazileira tem outros muitos recursos, em que não se tem pensado, e que são tão efficazes, quão chimericos, os que da* PANACÉA COLONISATORIA *se tem feito esperar.* Não tivemos ainda a occasião de apreciar os seus argumentos, não podemos pois responder-lhes. Em um numero anterior porém, manifestou este illustre publicista os seus desejos de ver operada no nosso paiz a assimilação, a amalgamação completa das raças, que o habitão. Ora, sendo notorio que a raça mais numerosa, e mais fixa que temos, é a africana,

segue-se de necessidade, que em similhante amalgamação dominaria o elemento africano. E pois quererieis, que se traduzisse em uma realidade o que de nós se suppõe na França. Escutae, como se exprime no *Jornal do Commercio* de 5 de agosto p. p. em uma carta escripta de Cherbourg, um dos officiaes da nossa corveta *Bahiana:*

« Em 9 de Junho demos fundo no porto de Cherbourg; no
« dia seguinte fomos visitados pelo prefeito maritimo, com todo
« o seu estado maior, e no dia 12 por mais de 800 Parisienses,
« que, amantes como são da variedade, vierão passar o dia em
« Cherbourg. Sobre a idéa que fizerão da corveta, nada te posso
« dizer, julgo porém que é muito triste, a que fazem de nós
« Brazileiros, porque, mostrando-se o retrato do nosso Monar-
« cha á um grupo de homens e senhoras, parecerão admirar-se
« muito do seu garbo e bonita figura; e depois de fallarem entre
« si baixinho, como se duvidassem de alguma cousa, uma das
« moças dirigio-se ao official que as acompanhava, perguntan-
« do-lhe com a maior *sans façon.* « Mais, Monsieur, est il
« blanc? »... Esta pergunta indiscreta, que tanto nos indignou,
« não nos devia causar admiração, porque a nossa guarnição
« composta em grande parte de negros, já em Lisboa excitára a
« curiosidade de alguns visitantes que nós perguntárão se erão
« escravos. »

Quererieis constituir este bello e magnifico Brazil em uma especie de Imperio de Soulouque com os seus duques da Batata e da Marmellada, e o seu general Lazaro-tapa-olho? Quererieis reduzil-o á uma raça hybrida, fraca, deteriorada, incerta, sem fixidez, mas pendendo para o Africanismo. Ah, então sim, tel-o-hieis tornado apto, para cahir submisso, abjecto, como escravo, aos pés do conquistador altivo do velho mundo. Nós, pelo contrario, queremos erguel-o, regeneral-o, afim de o preparar para entrar, como de igual para igual, no congresso das grandes nações do mundo. Queremos extremar as raças existentes, e reduzil-as á duas unicas, a raça europêa e a raça africana, fundindo

todos os matizes intermediarios na côr branca, e este nosso grande desideratum, só podemos alcançal-o, mediante os effeitos de uma colonisação européa em vasta escala.

Nós queremos o Brazil Caucaso. Vós quereis-lo, quereis-lo..... nem sabemos como exprimir-nos. Eis toda a differença, que nos separa.

Os homens cultos e a posteridade julgaráõ qual de nós dous é mais patriota.

CAPITULO II.

Puzemos fim á primeira parte do nosso trabalho, por não nos haverem chegado ás mãos os numeros do *Regenerador*, nos quaes havia anteriormente o seu illustrado redactor promettido aos seus leitores, de continuar o desenvolvimento das suas doutrinas. Subsequentemente tivemos o prazer de recebel-os, e agora tornando ao fio da nossa analyse, responderemos aos argumentos contrarios á colonisação européa, disseminados pelos numeros 27, 28, 29, 38 e 39 da sua folha.

Póde entretanto occorrer a alguem o perguntar-nos, para que fim proseguimos n'uma discussão sobre raças, que póde tornar-se odiosa em um paiz como o nosso, aonde ellas são tão heterogeneas. A nossa resposta seria, que não fomos nós os primeiros a encetal-a.

Tinha o *Regenerador* publicado dous extensos artigos sobre este assumpto, quando deliberamos responder-lhe; e não tinha a nossa resposta tido tempo para chegar ás suas mãos, quando encontramos em mais oito dos seus numeros, a continuação das suas exprobrações contra todos aquelles, que se interessão pela colonisação do nosso paiz, a par dos mais violentos e injustos ataques, contra o caracter nacional d'aquelles povos, dos quaes maiores contingentes se devem esperar, para a satisfação d'esta grande necessidade.

O redactor do *Regenerador* é um dos literatos mais distinctos do nosso paiz; goza n'elle de merecido prestigio como escriptor publico; a sua opinião é citada como autoridade, quaes pois não deverião ser as consequencias, se as suas doutrinas sobre uma materia tão importante vogassem sem resposta. Em breve ter-se-hião ellas tornado uma crença geral, com damno immenso para os interesses verdadeiros d'este imperio. Algum mal ja ellas tem produzido, e não nos seria difficil rastrear a sua influencia deleteria nas doutrinas de diversas publicações, que temos lido nas folhas diarias do Rio de Janeiro. Comprehendemos pois que nos cumpria oppôr uma contrariedade ao libello do *Regenerador*, e não nos faltando, nem a coragem para arrostar certos preconceitos fataes, e nem o desprezo por essa popularidade, que rodêa aos que os adulão, não hesitamos em cumprir uma tarefa, que temos por dimanar do nosso dever sagrado. Póde ser que não seja bem acceita a nossa obra, — é isto quasi sempre a partilha da verdade, — paciencia: d'aqui porém a alguns annos, quando os restos mortaes da geração actual se houverem reduzido á pó na sua mansão eterna; e o historiador profundo e philosophico que então viver, compulsando as chronicas e os jornaes, para colher n'elles a historia dos acontecimentos, e imbuir-se do espirito da nossa época, tiver lido as doutrinas do *Regenerador*, ha-de logo tambem achar ao lado d'ellas a nossa refutação desses principios. Então estamos certos, que a victoria ha-de ser nossa. A posteridade ha-de reconhecer, que ao menos houve um homem, o qual conheceu, aonde estavão as verdadeiras causas dos males que affligem a patria, e que, se ao espirito do orgulho, ou da vaidade dos coevos, pareceu tentear a ferida que a corroe com grosseria; ha-de ella entretanto reconhecer, que a sua mão era guiada pelos mais santos, pelos mais profundos e intensos sentimentos do patriotismo. Esta justa apreciação da posteridade é o unico galardão com que contamos. Continuaremos pois a nossa tarefa, e o publico lhe fará aquella justiça, que julgar que lhe é devida. Entraremos na materia, seguindo o mesmo systema já adoptado.

« Póde-se á pretexto da colonisação votar creditos e mais cre-
« ditos, lançar no abysmo dos disperdicios centenas e mais cen-
« tenas de contos de réis, alimentar todos os Sturtz do mundo
« com pingues gratificações, ter arrendadas todas as ilhas do
« Bom Jesus imaginaveis, e n'ellas tratar opiparamente quanto
« vadio nos chegar da Eurppa, nada se conseguirá, pois a colo-
« nisação é impossivel, e não se ha-de conseguir, principal-
« mente porque nenhum governo da Europa é tão inepto, que
« deixe despovoar os seus estados da população util e laboriosa
« que nós queremos, e que elles tambem querem, pois não a
« tem de sobra. E' da população dos campos, d'essa que nós
« queremos, e que tão rara é na Europa, que todos os estados
« tirão a sua riqueza na paz, os seus soldados na guerra. A po-
« pulação viciosa e fraca das cidades, a qne a industria apro-
« veita, e a corrupção estraga, essa que tem por morada a taber-
« na e o hospital, e por quinta de recreio as prisões; essa po-
« pulação sim não duvidamos que as potencias européas nol-a
« outhorguem generosas, e que até inscrevão no codigo da sua
« penalidade a — emigração para o Brazil — como Luiz Napo-
« leão inscreveu no da França, a deportação para a Cayenna.
« Essa porém não é por certo a que nós queremos; *essa de que*
« *tão bellas amostras ja nos tem vindo; obsequio que devemos*
« *aos nossos colonisadores:* essa vem com a esperança de con-
« tinuar aqui em melhores condições, pois o fará na qualidade
« de pensionista do estado, a vida que lá não póde desfructar
« a salvo por amor da maldita policia. »

O leitor observaria como no começo do nosso trabalho, rendemos os devidos elogios ao illustrado redactor do *Regenerador* pelo facto de se haver elle, até então, abstido de empregar nos seus argumentos contra a colonisação européa, os chavões offensivos de — réos de policia — bebados — e outros de igual jaez, com que apraz a certos homens, brindar os estrangeiros. Tinha-se elle mantido em uma esphera de idéas mais elevadas. Infelizmente, porém, foi de curta duração a sua abstenção, pois que agora vemos, no trecho que vimos de citar, como para compen-

sar-se por se haver refreado por algum tempo, espraiar-se o *Regenerador*, nessa especie de lodaçal, até ao qual forçoso entretanto nos é acompanhal-o, afim de pôr bem patente toda a hypocrisia, e improcedencia de taes censuras. Tem-se com effeito já gasto grossas sommas com a colonisação do nosso paiz, terão porém esses gastos sido feitos improficuamente? Tereis por ventura lido na vossa vida, em materias concernentes á colonisação, unicamente o relatorio vetusto do illustre general Andréa? Não lestes o que disse ultimamente o distincto Sr. Dr. Antão, á respeito dessas mesmas colonias do Rio Grande, e nem o que se lê no *Jornal do Commercio* de 11 do mez proximamente findo, no relatorio do illustrado Sr. Dr. Brusque, sobre o estado florescente das colonias de Santa Catharina? Ora d'esses dous relatorios se evidencia, que estas duas provincias progridem rapidamente na senda do progresso, em virtude da da colonisação Allemãa, que para lá se tem dirigido: que os colonos ali chegados se dedicão logo, com notavel perseverança e com rarissimas excepções, quasi que exclusivamente, aos trabalhos da lavoura, tanto que essas colonias se tem tornado os celleiros d'este Imperio, ou ao menos da cidade do Rio de Janeiro: e que estes colonos offerecem, na pureza dos seus costumes, um modelo de moralidade, que vai servindo de exemplo edificante ás demais povoações d'aquellas provincias.

Agora, calculae o valor dos direitos de exportação, cobrados todos os annos, sobre os productos da industria destes colonos, bem como os direitos de importação, sobre as manufacturas que elles consomem no seu uso, e conhecereis, que os gastos que se fizerão com a acquisição d'elles, ja tem voltado para o thesouro centuplicados.

E se não quereis ter esse trabalho, porque vos é mais facil declamar, fazei ao menos melhor uso dos vossos olhos; percorrei as ruas d'essa côrte, reparae para os nomes, que figurão nas taboletas das fabricas, das officinas e dos laboratorios da industria d'ella: lêde os annuncios das folhas diarias, e de tudo

isso concluireis, que, aonde ha uma arte, um officio, uma occupação qualquer, que demanda de intelligencia, ahi achareis o estrangeiro empregado n'ella, e que assim, mesmo os estrangeiros que se não empregão na lavoura, não são *os vadios, os réos de policia, os bebados,* que designaes na vossa folha. Exclui do Rio de Janeiro o trabalho do negro captivo, e aquelle que é produzido pela industria do estrangeiro, e na verdade, bem pouca cousa restará, pois que, além da cohorte de empregados, que vive á custa do thesouro, e de algumas centenas de commerciantes, quasi tudo o mais se repartirá n'um enxame de caloteiros, de vadios, de ratoneiros e cavalleiros de industria, na população nativa d'aquella cidade. Dizei-nos, em que bairro d'essa côrte residem os artistas, os obreiros, os operarios Brazileiros, laboriosos, honestos, e intelligentes, que pruduzem os variados artefactos de industria manufactureira, que essa cidade já exporta? Sentimos um desejo ardente de conhecel-os.

Não, não, vós haveis de achar os estrangeiros de todas as procedencias empregados n'ellas.

Essa população fraca e viciosa, como dizeis, *que tem por morada a taberna, e o hospital, e por quinta de recreio as prisões,* que nos vem da Europa como colonos, é no entretanto, sem a menor duvida, a que mais efficazmente concorre para a grandeza e brilho de aquella cidade. Fallaes em — réos de policia — mas dizei-nos, de entre os milhares de Allemães que tem vindo para o Brazil, mediante o adiantamento das suas passagens, quantos réos de policia já encontrastes? Sim, andae, apontae-nos alguns, e ficae certo de que por cada colono Allemão n'essas tristes circumstancias que nomeardes, nós vos apontaremos dez Brazileiros, no mesmo numero de população dada. Os réos de policia na Allemanha não andão á garnél, como succede aqui.

Os assassinos e malvados, mesmo quando pertencem as classes ricas, lá, no patibulo encontrão o justo castigo dos seus

delictos: não haveis de encontral-os, perambulando sem abalo nas praças publicas — recostados em ricas berlindas — nem frequentando desassombrados, as altas sociedades d'aquelle paiz, como succede entre nós. Ah! ahi mesmo na côrte, quantos d'esses que se recreião em magnificos palacios, não terião de arrastar os pezados grilhões, trazendo tambem no hombro a marca do calceta, se entre os Brazileiros dominasse o horror ao crime, que caracterisa os Allemães.

E' uma triste verdade, que permanecendo nós ainda no berço, ainda nas faxas da infancia, no estado rudimentar em todos os attributos, que procedem do progresso, tenhamos não obstante tocado a meta da corrupção dos povos decadentes e degenerados. Ha quatro ou cinco annos, tendo o Dr. João Guilherme d'Aguiar Whitaker, hoje presidente de Sta. Catharina, e que então occupava dignamente o lugar de juiz municipal d'esta cidade, de presidir o jury, não nos lembra n'este momento se de Sorocaba, ou de Itapetininga, pela ausencia do juiz de direito proprietario, o distincto Sr. Dr. Nebias, teve de entrar em julgamento um réo, homem branco de cincoenta annos de idade, mais ou menos, e que pelo desembaraço e atilamento com que fallava, denotava possuir mais intelligencia, do que o geral dos homens da sua classe. Era elle accusado de homicidio. Conheceu-se porém no decurso do processo, pelo depoimento das testemunhas, que este malvado era ao mesmo tempo um assassino endurecido, um infanticida, e incestuoso. Trazia elle relações illicitas com a propria filha das suas entranhas, da qual tendo tido varios filhos, matára-os ao nascer; tendo o crime de homicidio de que era accusado, sido perpetrado na pessoa de um homem, de quem tinha ciume por causa d'ella. Dizei-nos agora, já encontrastes alguma cousa igual a este facto, nas narrações horripilantes, mas phantasticas dos dramaturgos? As malvadezas de Jacques Ferrand, se fossem reaes, e não imaginarias como são, serião com tudo meras offensas policiaes, em comparação com a vida conhecida d'este monstro.

No *Jornal do Commercio* do actual mez de Junho, lia-se o seguinte: « Informão-nos que se perpetrára na fazenda chamada — Gloria do Mundo —, do Sr. tenente coronel Luiz Quirino da Rocha, sita no municipio da Parahyba do Sul, um tenebroso crime, no dia 9 do corrente, ás duas horas da tarde. Um individuo aggregado do Sr. Quirino, assassinou com suas proprias mãos, seu pai e sua mãi, rodeando ainda o crime das circumstancias mais aggravantes que se podem imaginar.

Commettido o crime, ainda o filho reprobo e amaldiçoado, decepou as cabeças dos cadaveres e cortou-lhes as mãos e os pés. »

Na sessão legislativa de 1854, exprimio-se o Sr. ministro da justiça Nabuco no seu relatorio pela maneira seguinte: « Fôra fastidioso e sem interesse, referir-vos a historia de cada um dos crimes, que prefazem a somma espantosa de que vos dei conta; não são poucos d'entre elles os que, por circumstancias atrózes, revelão a ferocidade e o animo perverso de seus authores: para injuria da humanidade, e da civilisação, a relação individual d'esses crimes, attesta que não houve um vinculo por sagrado, que não fosse quebrado e prosternado, assim que figurão como homicidas, por motivos frivolos ou reprovados, escravos, senhores, cunhados, irmãos, genros, filhos, pais, mãis, maridos e mulheres. »

E como estes factos poder-vos-hiamos citar outros, porém para que, são casos já passados, quando temos tanta cousa mais moderna. Nós d'aqui vós emprazamos solêmnemente para a leitura das noticias das provincias que chegarem a essa côrte nos primeiros vapores, e temos a certeza de que haveis de achar ahi provas da continuação da vida embrutecida do selvagem, que se passa em muitos pontos d'ellas. Realmente é pasmoso o desembaraço e a hypocrisia, com que lanção o labêo de — réos de policia — sobre os colonos Allemães em massa, homens que pertencem á nação mais profundamente corrompida do mundo. Trataes-os tambem de bebados, e na verdade, o grande

defeito da propensão para a embriaguez, commum a todos os povos do norte, e o unico que elles tem, é um grande mal: é porém notavel a reforma que n'este ponto se observa nelles, de certos annos a està parte, como o provão os grandes publicistas e philantropos, que tem escripto sobre a materia. Ha n'esta cidade muitos estrangeiros, e cujos nomes já vos citámos, e todos elles são de uma notavel sobriedade.

Reconhecemos entretanto que entre elles o defeito da embriaguez é muito mais commum do que entre nós; não teremos porém nós algum outro, ignorado entre elles, infinitamente mais brntal, mais immundo e abjecto do que este e cuja pratica frequentissima, longe de excitar o asco e o desprezo, é antes muitas vezes o objecto dos gracejos das melhores sociedades do nosso paiz.

Um crime, que na Inglaterra se vae expiar na forca, que dá a medida da abjecta depravação, a que a pobre humanidade póde abater-se, passa impune entre nós, pela participação n'elle, de quasi todos, ou de muitos.

Ah! que se a cólera de Deus tivesse de cahir sobre nós, em castigo de taes delictos; mais de uma cidade d'este Imperio, mais de uma duzia d'ellas, irião para o catalogo das Sodomas, e Gomorrhas.

Dizeis, porém, que mesmo concedendo á colonisação Allemãa todas as vantagens, que os seus propugnadores lhe attribuem, ha uma objecção a oppôr-lhe — *é ella impossivel — e impossivel principalmente porque os governos Allemães, não hão de consentir n'ella.* Na verdade sois infeliz, por quanto, mesmo a respeito d'esta, aliás a menos offensiva de todas as vossas proposições, estaes em erro, visto como pelas tabellas da emigração, publicadas na Allemanha (*), se conhece, que todos os annos partem colonos d'esses estados, para o novo mundo e

(*) Segundo a estatistica official, emigrárão nos Estados-Unidos, desde 1844 até 1859 — 4,206,972 pessoas. No anno findo de 1859, — 155,509, e d'estes 43,116 Allemães.

outros lugares, aos contos de milhares; e por certo que uma boa parte d'elles se dirigirião para o nosso paiz, se o governo adoptasse as medidas mais adequadas a esse fim; e nós temos fé que elle o fará á despeito dos vossos anathemas, das vossas declamações contra aquillo, que chamaes — *a panecéa colonisatoria* — senão com aquelle vigor que desejáramos, ao menos com aquelles recursos, compativeis com o estado financeiro do nosso paiz.

« E se ainda não se satisfazendo com o accrescimo natural
« da população do paiz, quizessem trazer-nos cazaes reproduc-
« tores da raça humana, tudo lhes mostrava que, — em vez de
« os ir buscar onde, se de lá pudessem vir, só nos trarião os
« germens de antagonismos fataes, a perspectiva de uma luta
« de Dorias com Ilotes, para afortunar os nossos filhos, — não
« os deverião ir buscar onde os pudessem achar, com todas as
« similhanças de raça, de lingua, de instinctos, de religião,
« com o nosso povo, com todas as condições de uma facil e ra-
« pida assimilação com os Brazileiros, assim garantindo a per-
« petuidade do caracter nacional. »

Ja vos dissemos, que todo o Europêo que se dirige ao nosso paiz, nós o recebemos cordialmente como alliado, como um futuro compatriota. Mas essas raças identicas ás nossas, não nos podem fornecer a colonisação em numero tal, que satisfaça as necessidades deste paiz.

Demais, em virtude d'essa mesma identidade de lingua, de instinctos, de religião com o nosso povo, ellas continuarão a vir por si mesmas, como de facto o estão fazendo, sem carecerem dos auxilios, e nem da intervenção do nosso governo. Não temos pois remedio, senão ir buscar na Allemanha a colonisação de que precizamos.

Tendes porém reccio que os descendentes d'estes colonos, quaes outros Dórias, reduzão a Ilotes os vossos filhos, é este o espectro horrendo, que atormenta a vossa existencia, mas não

tendes razão nem uma; primo, porque esses descendentes dos Allemães, nascidos no nosso paiz, serão tão Brazileiros, como sois vós e vossos filhos, e depois porque, com a vossa illustração e com os meios de que dispondes, haveis de por certo ter o cuidado, de dotar os vossos filhos com uma educação tal, que os habilite a conservar a sua elevada posição no nosso paiz. Esta segunda condição póde no entanto falhar, ápezar dos melhores esforços que empregardes n'esse sentido. Mas ha um remedio infallivel para obstar á essa decadencia da vossa próle que vos aterra, e é, cazal-a com esses Dorias. Fundi vós a vossa individualidade, reproduzida nas pessoas dos vossos filhos, na raça d'elles. Por ventura, julgar-vos-hieis deshonrado, tendo de embalar nos vossos braços um neto que trouxesse os olhos azues, e os cabellos louros d'esses Dorias, que trouxesse na sua physionomia o typo fino do Teutonico, tendo entretanto a certeza, que nas suas veias tambem pulsava o vosso sangue?.....

E demais, o que é que ha de grande, de nobre n'esta nacionalidade Brazileira, que vos possa causar tantas saudades. O caracter nacional não se tem ainda fixado. Oscillando continuamente para um e outro lado, o Brazileiro é Inglez ao pé do Inglez, é Francez ao pé do Francez, é Allemão ao pé do Allemão: sem duvida temos elementos para constituir um grande povo, mas por oras, ainda estamos nas phases da imitação; e desde que conservarmos a nossa lingua, as nossas instituições monarchicas e a nossa religião catholica, e estamos certos que conservaremos eternamente; fóra d'estas condições, nós vol-o diremos, não existe cousa alguma nos nossos costumes, que de bom grado não trocariamos pelos da Allemanha ou da Inglaterra. Muita cousa do que ha por cá, cheira-nos muito a costa d'Africa. Escutae-nos, ou o Allemão é um homem superior a nós, e vós o indicaes, quando o qualificaes de Doria, ou não é.

Se elle é com effeito superior á nós, de que natureza será então esse vosso patriotismo, que vos leva a odial-o, a forcejar por afastal-o das nossas plagas, afim de poderes perpetuar essa

nossa inferioridade ? E se elle nos é igual, d'onde provém esse ciume que d'elle tendes ? Ah ! em vós, da mesma fórma que em tantos outros, dos que se volão a calumnial-os, taes sentimentos nascem de um orgulho exaggerado, de uma fatuidade desmarcada, do receio de que *a sua preciosa individualidade*, possa vir a decahir, com a entrada dos Allemães em grande escala n'este Imperio. Porém n'estes odios existe tanto dos verdadeiros sentimentos do patriotismo, quanto n'um vicio pódem existir os motivos actuantes da virtude.

No numero 29 do vosso *Regenerador*, deparámos com um artigo muìto bonito, muìto eloquente, mas que parece ter sido escripto para ter applicação no mundo da lua, se é que elle não tem suas miras eleitoraes. Não podemos citar qualquer trecho d'elle para o thema das nossas objecções, porque todo esse artigo é uma pura invenção declamatoria. Se não, mostrae-nos aonde existem os brazileiros que bradão — « *Senhores, dae-nos o que daes ao estrangeiro, quero trabalhar, tenho braços, tenho soffrimento, tenho fome; habilitae-me para ser util á patria, á minha familia, á mim: — Ide sentar praça, responder-lhe-hão; que bello soldado, que optimo marujo que sereis.* » Realmente ou mui de proposito e com fina ironia zombaes dos vossos leitores, contando com a ignorancia da maior parte d'elles, á respeito da realidade das cousas do nosso paiz, ou vós mesmo, muito de boá fé, porém vivendo em um mundo todo de abstracções, imaginaes uma concatenação de circumstancias, que só existem na vossa mente. Ide perguntar aos lavradores, como nós muitas vezes temos feito, por que motivo não empregão elles camaradas no seu serviço, elles vos responderão, como á nós tem respondido : « porque os camaradas não querem trabalhar ; procurão serviço, dá-se-lhes,—pedem logo dinheiro adiantado : trabalhão dois, tres ou quatro dias, e desapparecem, — e assim perdemos o nosso tempo e o nosso dinheiro ; estes homens querem trabalhar dois, tres ou quatro dias, para folgarem outros tantos na taberna, com a viola na mão, e dansando o racha-pé, o fado, o balaio e o batuque. »

Eis a resposta que invariavelmente recebêmos.

E' isto um aleive que se lhes irroga, dizeis vós; d'onde procede então, que os espiritos pensadores do nosso paiz, urgidos pela reclamação geral, que n'esse sentido se tem ouvido, sendo muitos presidentes, e ultimamente o honrado Sr. Dr. Carneiro de Campos, os orgãos d'ella, cogitão nos meios de compellir os nossos patricios a se dedicarem ao trabalho. Todo este vosso artigo, pois, é uma especie de epopéa, muito bonita sim, mas phantastica, e sem a menor similhança com as feições que caracterisão a nossa sociedade.

Entretanto, não sois vós o unico que assim pensaes, são justamente sentimentos como estes, os que actuão sobre os homens, que pugnão hoje pela colonisação dos nacionaes.

Ja ouvistes alguem fallar em colonisar Inglezes na Inglaterra, Francezes na França, ou Allemães na Germania? Mas pugnaes agora pela colonisação de Brazileiros no Brazil. Na Europa uma superabundancia de população — uma crise commercial, induzindo certa estagnação nas fabricas — a invencão de alguma machina — todas estas causas reunidas, algumas vezes qualquer d'ellas de per si, põem milhares de operarios a pedir pelas portas — ou o pão e o trabalho — ou a revolução, a guerra civil e a carnagem.

A leitura mal dirigida de taes successos faz imaginar, que as theorias philantropicas do direito ao trabalho, que vogão n'esses paizes, têm alguma applicação ás circumstancias da nossa terra.

D'ahi todas essas velleidades de colonias nacionaes, como se alguma cousa tolhesse no Brazileiro a faculdade de trabalhar, quando elle a quer exercer, outorgando-a unicamente ao estrangeiro: como se houvessem despezas a fazer, afim de transportal-o de outros paizes para o Brazil. Não quereis favores para o Allemão, dizeis vós, em detrimento e á custa do Brazi-

leiro; e quem os quer? Desejamos pelo contrario, collocal-os em posições absolutamente iguaes. Desejamos assistir á festa de uma parelha, para conhecermos qual dos dous é melhor homem. Mas em todo o caso, é mister mandar buscar o Allemão para o Brazil. Eil-o porém que chega, o seu peso entretanto, sobrecarregado com o importe da sua passagem, e o Brazileiro tem ainda a seu favor a vantagem de achar-se aclimatado, conhecer a lingua, e os costumes d'este paiz: — partem juntos, porém logo no fim da primeira quadra, o Brazileiro quer descançar, quer talvez fumar, quer folgar, quer caçar ou talvez pescar, mas o Allemão continúa com louvavel perseverança a sua carreira, até chegar ao fim da vida, e morre, muitas vezes, em abastança comparativa.

Arca-se então o Brazileiro mandrião contra este estrangeiro, maldizendo igualmente os seus patricios *loucos*, que o mandárão vir para este paiz, que elle desejava, que permanecesse eternamente entregue á sua indolencia, exempto do contraste incommodo e apouquentador da perseverança, da actividade e energia d'esse estrangeiro. Isto é que é a verdade, e bem pouco conhecem o Brazil aquelles, que o contemplão por outra fórma. Uma certa casta de patriotismo, que não nos causa a menor inveja, teima em encarar as cousas por outro modo; mas nós perguntaremos, quaes são, além do adiantamento das suas passagens, que elles tornão a restituir, e ainda com os juros accumulados, esses favores que se outorgão aos Allemães? A alguns d'elles, só a alguns, dão-se terras para lavrar, — porém aonde? Nos lugares ainda incultos.

Quem é pois que lucra n'isto? O que será melhor, deixar essas terras no abandono em que se achão, ou entregal-as á industria d'esse estrangeiro? Por ventura não é o Brazil quem aufere o lucro da cultura d'essas terras? Dizeis que os Brazileiros pobres das cidades bradão: « Senhores, dae-me o que daes ao estrangeiro, quero trabalhar, tenho braços, tenho soffrimento, tenho fome. » Mas quem lh'o veda ? Se quer trabalhar, porque não o

faz? Ahi mesmo n'essas cidades não faltaria em que empregar-se. Como o achão pois os estrangeiros que ahi chegão? Não tinheis dito ainda ha pouco, que estes em lugar de partirem para o interior, afim de cultivar a terra, accumulavão-se nas grandes cidades. Dizeis agora que o Brazileiro procura o campo, pois que péde que se lhe dê o que se dá ao estrangeiro: quer empregar-se na lavoura, e pede terras. Mas quem lh'as nega, nas mesmas condições, em que são franqueadas ao estrangeiro? Apontae o nome de um só, nós nos contentamos com um só. Lembrae-vos entretanto que ainda ha pouco havieis dito, que o Brazileiro resignado por sua indole, e sedentario por habito, jámais se afastaria das cidades, que ahi mesmo acceitaria a concurrencia *damnosa.* do estrangeiro, maldizendo *os loucos*, que o collocassem n'essa triste contingencia.

Até sois contradictorio, e nem podeis deixar de sêl-o, porque todos os vossos reparos versão sobre factos, cuja originalidade pertence toda ao vosso cerebro. Agora mesmo acabamos de lêr nos ultimos jornaes vindos da côrte, a resposta em um estylo ironico, do illustre Presidente do Conselho, a um discurso do Sr. Senador Dantas, refutando algumas idéas d'este, que nos parecem ter bastante analogia com as vossas.

« O que será a prosperidade de um povo, collega? Será o es-
« tado d'essa Inglaterra, obrigada á commetter violencias as
« mais atrozes, crimes os mais monstruosos, para impôr os
« seus productos á povos que os repellem, será o estado d'essa
« Inglaterra, protectora de D. Pacifico na Grecia, importadora
« do opio na China, metralhadora dos Indios, tudo por necessi-
« dade commercial? Será a Inglaterra do pauperismo, d'essa
« chaga hedionda da industria, a Inglaterra do furto, da em-
« briaguez, da prostituição; a Inglaterra abutre voraz da Irlan-
« da; a Inglaterra emfim aonde um alto clero, desfructando cen-
« tenas e centenas de contos de réis de escandalosos vencimen-
« tos, deixa na maior miseria e oppressão os pobres clergymen?
« Collega, se quer admirar a Inglaterra, estude a Inglaterra

« como ella é, e não como os Inglezes e os Anglomaniacos a vêm,
« com os olhos prazenteiros do compadresco. »

Eis como se exprime o *Regenerador*, á respeito de uma nação, cuja prosperidade já tão grande, cresce comtudo, e prospera de dia para dia. De uma nação cujo sceptro extende-se sobre o universo, cujas esquadras sulcão os mares até nas mais remomotas alturas, cujo commercio penetra nas mais longinquas paragens, e da qual se póde dizer, que aonde quer que se encontra o homem, ahi tambem se encontrão os signaes da sua industria e da sua civilisação, e um respeito e culto pela sua grandeza e fama. Quereis saber como á respeito d'ella se expressa o profundo philosopho Allemão Zimmermann, na sua obra: « The pleasures of solitude » — Os prazeres da solidão —, ouvi, e como suppômos que não conheceis a lingua ingleza, permitti que vol-o traduza: « Mas para alcançar tão grande fim » dizia este grande autor, « deveis desviar os olhos d'aquelles triviaes e insignificantes exemplos, que uma raça degenerada de homens apresenta, e estudar os illustres caracteres dos antigos Gregos e Romanos, e dos Inglezes modernos. Em que nação achareis vós mais exemplos celebres da grandeza humana? Qual o povo que possue mais valor, coragem, firmeza e illustração?

Aonde brilhão as artes e as sciencias com mais fulgor, ou produzem effeitos mais uteis? Porém, não vos enganeis com a crença de que podereis adquirir o caracter do Inglez, por trazer o cabello rente: não, deveis arrancar as raizes do vicio do vosso espirito, destruir no vosso peito as sementes da fraqueza e imitar os grandes exemplos de virtude heroica, que aquella nação tão frequentemente offerece. E' um amor ardente da liberdade, coragem indomita, penetração profunda, sentimentos elevados e uma intelligencia cultivada, o que constitue o caracter britannico; e não o seu cabello rente, ou as botas ou chapéo redondo, que elles uzão. E' unicamente a virtude, e não as vestes, e nem os titulos, que podem ennobrecer e adornar o caracter humano. »

Era assim que se exprimia este grande homem, e notae que não era Inglez — era um sabio philosopho, como a Allemanha sabe têl-os.

Comprehendemos perfeitamente os motivos que vos incitão á denegrir o Americano. Ahi ao menos vos assiste um vislumbre de desculpa, porque o Americano, que nutre a convicção de que a intelligencia, a moralidade, a energia, a actividade, todas as qualidades nobres emfim, são o apanagio da raça Caucasa; como a estupidez, a depravação, a inercia, a indolencia, e todas as propensões baixas, caracterizão o Africano; tem para si que, á proporção que os homens se aproximão mais á uma ou á outra d'estas raças, participão igualmente mais ou menos das suas propriedades caracteristicas. E entretendo elle grandiosas idéas dos destinos que aguardão a sua nação, procura impedir por todos os modos a fusão d'ellas no seu paiz.

E é d'ahi que nasce esse desdem com que o homem de côr é olhado nos Estados-Unidos. Ha pouco acabámos de lêr a obra do Americano — Thomas Ewbank — Life in Brazil — A vida no Brazil, publicada em New-York em 1856, na qual manifesta este autor a sua estranheza, por vêr que no Rio de Janeiro nos omnibus, nos hoteis, nos cafés e nos vapores, os homens de todas as côres se congregavão promiscuamente. Ora, vós que sustentaes, que um dos meios conducentes á *regeneração* d'este bello Brazil, consiste em promover-se a amalgamação completa das raças que existem n'elle, afim de produzir um composto hybrida, ante o qual vos extasiaes, como o vosso supremo idéal da dignidade humana; deveis necessariamente votar um odio rancoroso ao Americano, que se oppõe á realisação da vossa idéa.

Mas contra os Inglezes, contra a Inglaterra, aonde aliás os prejuizos americanos não tem vigor, não podemos comprehender os motivos do vosso odio.

E agora serão elles justos, tem ao menos alguma prudencia? Lendo o *budget* apresentado no parlamento inglez pelo ministro da fazenda, Mr. Gladstone, conhecemos que o valor da exportação e importação do commercio inglez, incluindo tambem o valor dos metaes, no anno financeiro proximamente findo, attingio á enorme somma de quatrocentos milhões de libras sterlinas, das quaes pertence ao commercio com o Brazil apenas o valor de quatro milhões de libras. Já se vê, pois, que a Inglaterra póde muito bem passar sem nós.

A cessação para ella do nosso commercio poderia desarranjar por alguns mezes o systema industrial d'aquella porção de fabricas, que se occupão na manufactura dos objectos que consumimos; mas a actividade e energia ingleza bem depressa descobriria novos canaes e outros mercados para o emprego d'essas fabricas. Poderiamos, porém, nós passar sem ella? Poderiamos passar sem as suas manufacturas, sem os seus engenheiros, sem os seus capitaes para fecundar e desenvolver os grandes elementos naturaes d'este paiz; nós que não podemos promover a mais pequena empreza, o mais insignificante melhoramento, sem ir pedir-lhes o seu auxilio? Com que vistas de utilidade publica, com que visos de bom senso pois a insultaes? Querereis por força fazer-nos passar aos olhos do mundo, como uma nação de sollicitadores, de pedinchões ingratos, atrevidos e maldizentes? Bem vêmos que a Inglaterra não dá fé das vossas picadas, mas, emfim, póde chegar ainda um dia, em que o seu resentimento despertado a leve a deixar-nos entregue ao nosso fado. Pois ficae certo de que no dia em que a côrte de S. James, e no *Stock Exchange* de Londres, se arraigar a crença de que os homens publicos d'este paiz procurão adrede criar na nação uma má vontade, um odio rancoroso contra ella, desde esse dia podem os Brazileiros dizer adeos ao seu futuro e á prosperidade d'este Imperio. Então sim, poderemos vêr realisado esse estado de bemaventurança Haitiana, que parece ser o sonho, os anhelos de certa classe de patriotas do Brazil.

CAPITULO III.

Quando resolvêmos analysar a procedencia das censuras desabridas, irrogadas pelo illustrado Sr. Dr. Justiniano José da Rocha, no seu periodico *Regenerador* contra a colonisação européa, e igualmente responder aos sarcasmos com que fustigava elle a todas as pessoas, que se interessavão pela realisação d'esta medida, quizemos que a nossa refutação lhe fosse presente, e suppondo que talvez não fosse elle assignante da folha *A Revista Commercial* de Santos, em a qual a nossa contestação das suas doutrinas tinha de ser publicada, pedimos ao editor d'esta folha, que a remetesse áquelle senhor. Elle o fez, e no numero 53 do seu *Regenerador*, deu-nos o Sr. Dr. Rocha uma prova de a haver recebido, dignando-se de responder-nos. Tinhamos escripto quarenta paginas de papel, em refutação das suas idéas, respondendo, uma por uma, a todas as suas proposições; o illustre Sr. Dr. Rocha, porém, julgou que só devia dedicar-nos meia columna de um numero do seu jornal, para responder ao nosso longo escripto; deixando, entretanto, subsistir todos os argumentos adduzidos por nós, em refutação das suas idéas. Pareceu-nos enchergar n'esta sua conducta, affectado desdém para com o nosso trabalho, e se não, vejamos. Póde-se asseverar, que até ao n. 39 do *Regenerador*, não houve um em que, com mais ou menos acrimonia, se não lançasse elle contra os colonos allemães, contra os Inglezes e Americanos, e de parceria, não procurasse ridicularisar, e tornar odiosos aos seus compatriotas, todos os Brazileiros que se interessão pela colonisação; mas eis que elle recebe a nossa refutação, e como que, por encanto, quasi que nunca mais fallou n'esse objecto. São já decorridos alguns mezes, e tendo nós recebido o *Regenerador* até ao n. 87, quasi que nada mais encontrámos n'elle, infenso á colonisação de Européos no nosso paiz; apenas dois reparos, e estes mesmos apresentados com um gráo de moderação, que, se tal a houvéra

elle observado desde o principio, nós tambem da nossa parte, por certo, que não nos houvéramos demasiado um pouco, na resposta, como talvez o fizemos. E, pois, reduzimos o illustrado Sr. Dr. Justiniano José da Rocha ao silencio, ou ao menos á moderação, á respeito d'esta materia, e nós não podiamos aspirar a mais; conhecendo que as suas crenças são profundas e inabalaveis, não podiamos nutrir a ambição de convencêl-o. Respondendo, pois, agora aos seus dois ultimos reparos, daremos por finda a nossa contestação com elle. Respeitamos na pessoa do illustre Sr. Dr. Rocha, um dos mais distinctos litteratos do nosso paiz; demais, combinando perfeitamente com elle, em todas as suas apreciações politicas, em tudo, excepto no concernente á colonisação, sendo as suas idéas as mesmas nossas, nenhum interesse, nenhum fim, podemos ter em prolongar uma discussão desagradavel.

Censura o *Regenerador* por não sómente inconveniente, como até contrario ao dogma do nosso pacto fundamental, que se subvencione á custa do povo catholico do Brazil (diz elle) o ministro de uma religião, em beneficio dos colonos protestantes, que não é a consagrada como a religião do estado na nossa constituição. Nós porém não encontramos artigo algum n'ella, que véde ao poder executivo de subvencionar os ministros de outras communhões religiosas, quando os interesses do Brazil o reclamarem.

A constituição exige, sim, do soberano a manutenção da religião catholica, mas não exclue por uma disposição positiva, a manutenção tambem de outras; e agora, haveria alguma prudencia, haveria alguma equidade em negarem-se taes auxilios aos ministros protestantes, quando o socego de espirito, a tranquillidade d'alma dos colonos, exigem a presença d'elles ao pé dos seus lares?

Dizei-nos, d'onde tira o nosso governo, os meios com que gratifica os serviços religiosos dos nossos Bispos, dos nossos Vigarios, e coadjutores? Não será dos tributos que se arrecadão n'este

6

paiz ? e não concorrem igualmente os protestantes para o pagamento d'esses tributos ? Por ventura estarão exemptos de direitos os artigos que os protestantes produzem, bem como aquelles que elles consomem ? Vós os obrigaes a pagar o custo de uma religião, que não é a sua, visto como dos tributos arrecadados, uma parte d'elles empregaes n'este mister, com que visos de equidade pois, quereis furtar-vos ao auxilio que elles supplicão, para com aquella que é a d'elles ? E reparae no quanto vós ficaes de melhor partido.

Ha já milhares de protestantes no Brazil, os quaes todos contribuem com a sua industria para as rendas do estado, das quaes tiraes o estipendio com que remuneraes os ministros da religião catholica, e no entanto esses protestantes não se queixão, e só impetrão um adjutorio, para o pagamento de um ou dous, ou quando muito meia duzia de ministros da sua communhão, que lhes suavisem, com o seu pasto espiritual, os desgostos, habilitando-os a supportar com alacridade, os dissabores inherentes a uma vida de expatriação.

Vós consideraes desarrazoado esse pedido, e quasi que criminoso o governo que accede a elle, e entretanto tremeis de colera, quando declamaes contra o governo Inglez, por obrigar o povo catholico da Irlanda, a pagar o custo da religião protestante, que não é a da maior parte d'elle, porque ignoraes que o governo Inglez, concorre largamente para o brilho e esplendor da religião catholica n'aquelle paiz, com o subsidio com que contribue para o « Maynooth College » e outras grandes instituições catholicas estabelecidas n'elle.

Vós por certo que não sois um fanatico : o fanatismo é a partilha da ignorancia, e vós sois um homem illustradissimo ; que receio pois é esse que vos assalta, porque meia duzia de ministros protestantes recebem, ou podem vir a receber alguns centos de mil réis do thesouro Brazileiro ? O fanatismo desenvolve-se gradualmente nos espiritos curtos e sombrios, pela contemplação enthusiastica e incessante das cousas religiosas, não se

manifesta subitamente, e nós não temos noticia de que taes meditações, algum dia vos occupassem a mente com a exclusão d'aquelles estudos philosophicos, proprios do litterato de uma nação livre, que dilatão o entendimento, tornão-no independente, e fazem-no desprezar todos os fanatismos, que limitão a intelligencia humana.

Na verdade, o fanatismo já não é para os nossos tempos; e que esperanças de lucro ou vantagens para o paiz haverá, em evocar-se agora sentimentos que felizmente já passárão. O immenso poder e autoridade monacal de outras éras, é hoje menos que um cadaver, e neste seculo de luzes, de industria, e de progresso, aquelle que tentar resuscital-o, só logrará em recompensa de suas fadigas, a commiseração ou o desprezo publico.

Já não estamos tão pouco na época do proselytismo. Presentemente só renega da religião em que nasceu, ou o tolo, ou o velhaco. Deixae pois que morra, abraçado com a sua crença protestante, o colono que nasceu n'ella, e ficae certo de que nenhum Brazileiro abjurará a sua, para adoptar a que é d'elle. Nós tambem somos catholicos, e crêmos que a catholica é a religião verdadeira, mas é por isso mesmo, que não sentimos o menor receio de vêr o protestantismo ao lado d'ella.

Se pedimos a Deos, que illumine com a sua Divina graça o espirito d'esses homens, não desejamos perturbar a sua consciencia, tentando eradicar do seu coração, ou tolher a sua liberdade, no exercicio de um culto, que elles recebêrão de seus pais, e crêmos piamente, que nem o proprio catholicismo, e ainda menos, o futuro do nosso paiz, lucrarião com um systema de intolerancia.

O melhor meio de desvanecer o erro, é deixal-o ficar ao pé da verdade, visto como o desenvolvimento natural d'esta, hade por fim lograr um triumpho inevitavel.

Trazeis tambem como cousa notavel: « que os mais arden-
« tes promotores da colonisação no Brazil, os que *melhores* ar-

« tigos, e mais insistentes escrevem para convencer que se deve
« gastar muito e muito, afim de *satisfazer a essa necessidade* da
« lavoura, são estrangeiros, negociantes, especuladores, Alle-
« mães e Francezes, que se incendem em santo e patriotico
« amor pela terra em que só estão de passagem. » Mas o
que é que isso prova, senão a desidia e inepcia dos nossos
homens de estado. Dizei-nos, qual é a idéa boa, qual é a insti-
tuição, cultivadas no Brazil, que nos não fosse importada do es-
trangeiro? Desde os grandes principios da nossa constituição
politica, até o mais trivial dos nossos regulamentos, tudo, tudo,
são idéas adoptadas do estrangeiro; a pena é, que até para o
nosso proprio bem; até para facilitar as nossas transacções so-
ciaes, seja mister, como muitas vezes tem succedido, que o es-
trangeiro venha insinuar-nos aquillo, que mais convém aos
nossos proprios interesses, obrigando-nos, muitas vezes máo
grado nosso, a sahir da inercia e da rotina em que de preferen-
cia dezejariamos permanecer.

Durante o Ministerio Paraná, sendo Ministro da Justiça o Sr.
Nabuco, supprimirão-se os titulos de residencia e os passaportes,
que se exigião dos estrangeiros que viajavão no Brazil, exigin-
do-se apenas a apresentação do, com que tivessem vindo á este
Imperio, ou em falta d'elle, de um simples documento de sua
nacionalidade. Nada poderia haver mais cordato e liberal, do
que acabar por essa fórma, com os inuteis embaraços, oppostos
á liberdade de locomoção dos estrangeiros, por um systema
colonial de policia suspeitosa, que se queira fazer sentir á todos,
não pelos beneficios que d'ella colhessem, mas pela dependencia
com que era vexada a sua existencia. O estrangeiro, no syste-
ma colonial, era um objecto permanente de ciume e descon-
fiança das autoridades, a quem cumpria trazer sempre sob a
vigilancia da policia.

Pois bem, pretendendo o Sr. Nabuco na Assembléa, apre-
sentar esta medida judiciosa, como uma prova da politica pro-
gressiva do Ministerio, o Sr. Ferraz apeou-o d'essas alturas,

provando que a iniciativa d'essa medida que aliás elle applaudia, havia partido do embaixador da Inglaterra, e o Sr. Nabuco nada allegou em contrario a isso,

O Allemão e o Francez vem de paizes altamente civilisados, e nos quaes o progresso e o movimento são necessidades imprescindiveis: vê quanto a natureza tem sido prodiga com o Brazil, na distribuição dos seus favores, faltando-lhe unicamente população culta, para poder elevar-se ao apogéo da maior grandeza.

Ora, achando-se o estrangeiro n'este paiz, naturalmente entende, que a sua propria prosperidade marchará a par do engrandecimento d'elle, deseja pois vel-o adoptar aquellas medidas, que tão magnificos fructos têm produzido n'outras terras: eil-o pois advogando a colonisação para o Brazil.

Ha sem duvida, algum tanto de egoismo n'este seu procedimento, porém, é o egoismo intelligente e esclarecido, que conduz as nações que se votão a elle, ao pinaculo da prosperidade e civilisação.

Alguns Brazileiros, na verdade, se oppõem á realisação d'estas idéas, com todas as suas forças, porém fazem-no igualmente pelo seu egoismo, mas é o egoismo estupido e tacanho do China, é o egoismo, o ciume da alma ignobil, que procura afastar do paiz o que é melhor, para que a importancia da sua preciosa individualidade não venha a soffrer quebra. Entretanto ha no Brazil duas idéas que trazem o cunho do verdadeiro Brazileirismo, são: a colonisação Africana, e a colonisação dos nacionaes. Nós vol-o fazemos presente d'ellas.

Do nosso obscuro retiro temos respondido ao *Regenerador;* não somos conhecido, como dizeis, e não admira, porque em um paiz como o Brazil, aonde tantas vezes a ignorancia, a impostura, o charlatanismo, e a immoralidade sobem ás mais elevadas alturas, pelo favor do patronato, quasi que é uma distincção o viver desconhecido.

Não nos referimos á pessoa do Sr. Dr. Justiniano José da Rocha, em quem sinceramente reconhecemos todos os dotes superiores da intelligencia, como publicista e litterato; mas quantas vezes não tem fôfa nullidade galgado os lugares mais subidos, trilhando as veredas da impostura e adulação. Temos porém uma grande consolação na nossa obscuridade, e é, que quando os restos mortaes dos papagaios, das gralhas, e dos zangões estiverem reduzidos á pó da terra, sem que uma idéa, um pensamento seu, indique a sua passagem sobre este mundo, alguns principios estabelecidos por nós, nos nossos escriptos, hão-de ser lidos com attenção e reconhecimento; então, talvez alguem procure indagar o lugar, e o como, da nossa vida, e enchergue n'este mesmo estado de desattenção e obscuridade, em que lidamos, mais uma prova da ausencia completa de espirito publico na nação a que pertencemos.

A raça a quem Camões dizia:

« . . . . eu que fallo humilde, baixo e rude
« De vós nem sonhado nem conhecido »

não se desmente em parte alguma.

CAPITULO IV.

COLONISAÇÃO NACIONAL.

I.

E' curioso observar os expedientes e subterfugios, a que á intelligencia de alguns homens recorre, para illudir e ladear certas idéas e disposições, que lhes são obnoxias, porém as quaes, em virtude da obvia e notoria utilidade d'ellas, a sua boa razão lhes dicta, que seria de nenhum resultado combater de frente. N'estas occasiões, o nossso coração se confrange de dôr, ao ver tanto tempo talentos tão respeitaveis, desperdiçarem os

seus recursos na prosecução do erro, que aliás melhor empregados na boa causa, seria por certo um poderosissimo auxilio para a consecução d'ella.

D'esta natureza foi, e ainda continúa a ser, a grande questão da suppressão do trafico de Africanos.

Dizião os que nutrião uma innata e intima predilecção pelo trabalho escravo, que não estava nas forças, no poder de governo algum, pôr termo a este trafico.

Entretanto, quando o governo o quiz, elle cessou. Não entraremos agora na indagação, por ser isso extranho ao nosso objecto, das causas que o levarão a adoptar esta medida. Registramos o facto, e ninguem poderá negar, que o trafico de africanos cessou, porque o governo do nosso paiz quiz que elle cessasse.

Acudirão porém os adeptos da escola do trabalho escravo, dizendo baixinho, no mysterio da confidencia, aos lavradores que procuravão ouvir dos seus labios conselhos para guiar a sua conducta, « tende paciencia, esperae um pouco, o governo tomou esta medida só para contemporisar com os Inglezes; d'aqui a tres annos os escravos virão da Costa d'Africa como nunca, e haveis — de ainda compral-os a trezentos e quatrocentos mil réis cada um. »

Estas palavras sinistras soárão mais de uma vez aos nossos ouvidos, com profundo pezar e magoa nossa. São porém passados dez annos e não só, não se pôde renoval-o n'este tempo, como até se tem tornado isso de uma impossibilidade completa e absoluta.

Parecia, pois, que nada mais restava, senão procurar supprir pela introducção de braços livres o vacuo que o tempo iria abrindo, pela morte dos escravos, na nossa população agricola; e aos homens de influencia cumpria lembrar os meios de promover, com a maior efficacia possivel, a colonisação de estrangeiros para o nosso paiz, mas ah, que era justamente aqui,

que o coração d'estes homens se contrahia: o ciume latente do estrangeiro era o movel mais ou menos manifesto do favor com que encaravão o trabalho do Africano. O seu espirito pois, se inclinava antes para todas aquellas idéas e medidas, que tendessem a demorar aquillo, que na sua mente se lhes figurava como proprio para produzir a absorpção da nossa nacionalidade.

Foi então que appareceu, e teve voga, a idéa da colonisação espontanea, e que o governa se deveria abster de qualquer auxilio pecuniario em favor da colonisação. Debalde se argumentava que a colonisação espontanea nunca nos viria, emquanto á custa de auxilios pecuniarios do thesouro se não houvessem creado nucleos de população estrangeira no nosso paiz, como pontos de attracção para os parentes e compatriotas na Europa d'esses estrangeiros; que a Inglaterra e a França auxiliavão poderosamente a emigração dos seus nacionaes, para as suas colonias respectivas, e que mesmo os Estados-Unidos, bem que offerecessem um paiz altamente civilisado, cortado de canaes e vias ferreas, e no qual esses estrangeiros irião achar o mesmo clima, a mesma lingua e religião, os mesmos costumes e centenas de milhares de compatriotas, já ahi estabelecidos, todavia não cessava de empregar os esforços organisados de um sem numero de companhias, para auxiliar a colonisação, afim de se lhe não diminuir a corrente d'ella, da qual fazem elles ainda depender a realisação dos destinos manifestos da sua nação.

Todos estes argumentos e ainda outros nenhuma força tiverão.

O nosso governo cedeu ás instancias dos que proclamavão a preferencia da colonisação espontanea, e por algum tempo fazendo passar a lei das terras, cruzou os braços, e esperou. Mas essa corrente de colonisação espontanea, vaticinada, nunca despontou, e assim perderão-se alguns annos na inacção, que deverião ter sido empregados com ardor em promover a colonisação subsidiada.

Por este tempo, surgio a triste e perigosissima idéa de ir-se ás fontes africanas buscar os colonos que carecemos; e para logo achou ella proselytos, creou vulto, augmentava; despontou mesmo em algumas assembléas provinciaes, e teve muitos defensores na nossa imprensa: e como não seria assim, se ella afagava os nossos preconceitos e instinctos, e satisfazia a nossa predilecção pelo trabalho do africano.

Era entretanto indispensavel destruil-a, como uma idéa funestissima aos interesses mais caros d'este imperio.

As folhas da côrte, de grande formato, sahirão pois a campo para combatel-a, e o *Jornal do Commercio* publicou um notavel artigo, que a matou para todo o sempre.

Causava-nos entretanto admiração e espanto, que homens intelligentes pudessem jámais advogar uma medida, como o salvaterio da nossa lavoura, que traria como infallivel resultado, ou o captivamento d'esses colonos negros, depois que se os houvesse entranhado pelo interior, e como consequencia disso uma guerra com a Inglaterra, ou a emancipação violenta e sanguinaria dos escravos que possuimos, pela fraternisação com elles — de centenas de milhares de Africanos livres, e consequente exterminação da raça branca.

Desvanecida pois esta triste allucinação, parecia que tambem desapparecerião os ultimos obstaculos á colonisação estrangeira para o nosso paiz, porém não succedeu assim. Não se trata porém agora de obstar que o governo auxilie com meios pecuniarios a colonisação, sómente se propõe, que, em vez de empregar esses meios a bem de estrangeiros, que se allega serem inuteis, sejão elles empregados antes em favor dos nacionaes.

Temos pois a questão collocada agora debaixo de nova face, e foi para combater n'este terreno os inimigos eternos da colonisação estrangeira, que emprehendemos escrever estes artigos, para os quaes imploramos toda a attenção benigna do leitor.

II.

Quando se falla em promover a colonisação nacional, isto é, colonisar Brazileiros no Brazil, não sabemos se ha muita propriedade na applicação da expressão.

Não faremos porém questão de minucias grammaticaes, iremos direito ao sentido em que taes palavras são usadas.

Na primeira sessão da legislatura provincial que findou, apresentou o Sr. Paula Souza um projecto tendente a este fim.

Para logo, pois tinhamos tambem assento n'essa assembléa, resolvêmos oppôrmo-nos a esse projecto.

Não estava porém nos estylos da casa fazer opposição a um projecto logo na sua primeira leitura, salvo quando era inconstitucional e inutil; e sendo as nossas relações com aquelle senhor, muito longe de amigaveis, dobrada razão nos assistia, para nos não afastarmos d'esses estylos, á respeito de um projecto seu, afim de que a nossa conducta não pudesse ser taxada de odiosa.

Guardámos pois silencio, esperando que elle entrasse em segunda discussão para combatel-o. N'esse anno porém, não teve elle mais occasião de ser discutido, e no seguinte, querendo o seu author dar-lhe andamento, conheceu-se que o seu projecto tinha desapparecido. Prometteu porém o Sr. Paula Souza, que a seu tempo apresentaria outro, e como acabamos de ler no *25 de Março* de 15 do corrente, n. 3, um artigo muito em favor d'essa medida, não sendo aliás o primeiro que publica n'este sentido, suppomos que o Sr. Paula Souza será animado por este artigo a proseguir na sua idéa, e já que não temos assento agora na tribuna parlamentar, força é que recorramos á tribuna da imprensa para combater o seu pensamento. Creia-nos porém que não o fazemos, por nenhuma indisposição para com a sua pessoa; asseveramos-lhe que se esta idéa tivesse partido do nosso maior amigo, da mesma fórma a combateriamos, como infensa aos verdadeiros interesses da nossa provincia.

O pensamento capital do projecto do Sr. Paula Souza consistia, segundo nos lembra, em habilitar a presidencia com os meios de premiar com uns 200$000 por cada um, o fazendeiro, que formasse na sua fazenda um estabelecimento de colonos nacionaes, empregados nos serviços da lavoura, e o Sr. Paula Souza, colligimos, que basearia a utilidade do seu projecto nos mesmos argumentos agora adduzidos no artigo do 25 *de Março* a que nos referimos.

Assim, pois, combatendo este artigo, cremos que combatemos tambem o seu projecto.

Contende-se, que é para lastimar, que o governo haja feito tantos *sacrificios* pecuniarios para a acquisição de colonos estrangeiros, sem se lembrar dos nossos patricios, sendo que o pequeno fructo que tirou, devia aconselhar-lhe a converter esses meios em beneficio dos nacionaes.

Será porém exacta esta asseveração, isto é, que a colonisação estrangeira, mesmo tal qual a temos tido, nenhum bem ha produzido?

Examinemol-a.

O que quer dizer a palavra sacrificio? Sacrificar-se alguem por qualquer cousa, envolve a idéa de um onus que se toma, sem compensação correspondente.

Não terá porém havido compensação para o paiz na acquisição dos colonos que nos tem vindo?

Diz-se, os colonos allemães não se tem empregado na cultura dos generos alimenticios: demos, que assim seja, que não é: será elle o culpado d'isso?

Quem ignora que o allemão se occuparia de preferencia justamente na pequena lavoura, isto é, na cultura das batatas, do cará, do feijão, das ervilhas, do milho, da farinha, etc., para o que os seus recursos melhor o habilitão, se lhe fosse isso permittido pelo fazendeiro com quem se engaja? Este porém,

só o permitte cultivar dos generos da pequena lavoura, quanto chegue para o seu consumo, exigindo todo o seu trabalho na colheita do café, do qual seguem-se maiores vantagens para os interesses do fazendeiro.

Alguns allemães porém, muitos mesmo, abandonão inteiramente toda a lavoura, e vão estabelecer-se nas cidades.

E' verdade, mas será elle ahi inutil? Serão inuteis as fabricas, os pedreiros, os carpinteiros, os marcineiros, os ferreiros, os calceteiros, colxoeiros, os serralheiros, os selleiros, emfim essa multidão de obreiros de todos os misteres, que hoje abastecem as necessidades artisticas e mechanicas da capital d'esta provincia?

Ouvimos um dia dizer a certa pessoa, que regressava á cidade de S. Paulo, depois de uma ausencia de dez annos, que se admirava do grande progresso que achava n'ella, e nós fizemos-lhe observar, que todo esse progresso era devido á multidão de estrangeiros que se havião estabelecido n'ella, e que, melhorando notavelmente, até o seu aspecto, dando-lhe uma apparencia quasi europêa, tinhão dotado essa capital de todos os misteres e recursos da vida culta.

Supponha o leitor, que a introducção de cada colono estrangeiro custa ao paiz 200$000, e que esta somma, em lugar de unicamente adiantada por algum tempo, como o tem sido até o presente, é gasta inteiramente, e ajunte-lhe ainda o juro de 6 por cento ao anno, que é quanto paga o governo pelas suas apolices. Colloque agora do outro lado o valor do que gasta o estrangeiro em seu vestuario e calçado, e observe que o allemão não se veste de algodão, nem anda de pé no chão, como practica o nosso caipira; lembre-se, que todos os objectos do seu uso passárão pelas alfandegas, aonde pagárão ao Estado pesadissimos tributos; accrescente o valor d'aquillo que elle produz, pela sua industria: e terá comprehendido que, se o colono do seu lado melhora na sua condição em virtude do seu

trabalho, vindo para o nosso paiz, infinitamente mais lucra este com a acquisição d'elle.

Não é por certo, por amor aos lindos olhos do Allemão, que o progressista, sagaz, activo, emprehendedor, e penetrante Americano o vai buscar á sua terra. Não, não é ; elle vê porém, que é ao grande incremento, que ha cincoenta annos tem dado á emigração para os seus estados, que é devido o lugar eminente que elles occupão no mundo culto, e que será ainda devido á continuação d'esta torrente de emigração, que a America deverá o dominio do Universo em uma época não remota.

Vem-nos da Europa, é verdade, entre muitos homens laboriosos, um ou outro velhaco, e alguns bebados. Estes por sem duvida que são nocivos, e de bom grado apoiariamos qualquer medida que parecesse efficaz para o fim de fazel-os sahir do nosso paiz.

Seria porém justo acompanhal-a de outra, que estatuisse uma pena igual para aquelles Brazileiros que se achão affectados do mesmo vicio.

III.

Antes de proseguirmos no desenvolvimento dos nossos argumentos, registraremos uma declaração importantissima, para a questão de que tratamos.

Não reconhecemos no nosso paiz a existencia de uma classe de homens, que, avidos de trabalho, e que procurando-o com toda a instancia, todavia não o encontrão. Jámais ouvimos o grito de dae-me pão, e dae-me trabalho. Nunca vimos no nosso paiz grupos de creaturas humanas morrendo á fome, porque não achavão occupação em que empregar-se, para ganharem os meios de subsistir.

E' certo porém, que de uma á outra extremidade d'este Imperio, uma voz unisona, começa a fazer-se ouvir, implorando os poderes geraes a decretar medidas coercitivas, que obri-

guem o homem pobre e vadio, que é uma especie de parasita da sociedade, a trabalhar; medidas que, collocando-o forçadamente entre a obrigação, ou de trabalhar ou de soffrer uma pena, arranquè-o, máo grado seu, da indolencia e inercia em que elle existe.

Assim não podem ter applicação entre nós as theorias e maximas dos philantropos, e communistas francezes, quando promulgão o seu direito ao trabalho, e que aos estados cumpre fornecel-o aos povos.

Estabelecidas estas premissas, continuaremos os nossos raciocinios.

O pensamento do Sr. Paula Souza, pois, não póde ter applicação no Brazil, senão para uma das duas classes de homens seguintes, a saber: ou para os que trabalhão ou para os vadios. Para os trabalhadores é elle inutil, porque achando-se estes já arranchados em terras proprias ou alheias, como aggregados ou trabalhando de camaradas, nada se ganharia em deslocal-os do lugar em que se achão para os conduzir a outro, visto como tanto vale para a provincia que o individuo — *A* trabalho no districto — *B*, como que elle se mude para o districto *D*, uma vez que continúa sempre no mesmo trabalho.

O erro do Sr. Paula Souza, e dos que raciocinão como elle, consiste em quererem a força assimilar condições, essencialmente differentes. O Brazileiro acha-se junto ao nosso lar, tem a nossa lingua, conhece os nossos habitos e costumes; o trabalho pois, está prompto á sua disposição, toda a vez que se quer empregar n'elle: e não temos noticias de que jámais lavrador algum recusasse dar trabalho, quando se lhe tenha apresentado qualquer homem procurando-o.

Bem differente porém, é a posição do estrangeiro. Vive elle a tres mil leguas de distancia, falla lingua diversa, ignora os nossos habitos e nossos costumes, o clima da nossa terra não é o seu, até o systema da lavoura é mui differente: é pois in-

dispensavel empregar os incentivos mais poderosos, afim de o induzir a dirigir-se ás nossas plagas; não o fazemos porém, pelo amor abstracto que lhe votamos, não, nós precisamos d'elle, da sua industria e adiantada civilisação, para mediante os auxilios d'ella, podermos realisar os grandes destinos d'este imperio.

Assim pois, não podendo a theoria do Sr. Paula Souza ser applicada com proveito aos Brazileiros laboriosos, poderá ella sel-o quanto aos vadios? Crê alguem que haja meios suasorios de induzir o preguiçoso a dedicar-se ao trabalho, quando perambulando de sitio em sitio, acha elle quem o sustente, e que muitas vezes até agradece a sua visita, por distrahil-o da monotonia da sua vida?

Essa *altiva independencia* em que fallaes, e que attribuis a taes homens, e a qual os conduz a fugir do trabalho honesto, para se dedicarem a adular, de sitio em sitio, os caprichos de seus donos, conduzindo-lhes noticias para o alimento da maldicencia, nós denominaremos de baixeza, servilismo, e vadiação. Altiva independencia é sim a do homem, que repellindo favores immerecidos, exercita entretanto, até a ultima tenção, das suas faculdades moraes e physicas, afim de mediante o suor do seu trabalho, erguer-se na escala social, acercando-se de todos os misteres, e provendo a todas as necessidades da vida civilisada.

Se quereis porém, apellidar de *altiva independencia* a vida do homem que se veste de algodão, anda de pé no chão, vive em miseravel rancho, e só pratica a industria do anzol, e do mundéu, dir-vos-hemos que ainda aqui é elle inferior ao bugre, que anda nú, e se alimenta dos productos silvestres que as nossas mattas virgens lhe ministrão.

Para fixar um homem d'estes ao trabalho, é mister collocal-o forçadamente na alternativa ou de prestar-se a elle, ou, se o não quizer fazer, de ir vestir a farda, a fim de que na sujeição,

e disciplina rigorosa da vida do soldado, aprenda a fazer melhor uso das faculdades que Deus lhe deu.

O Brazil carece de concentrar a sua população agricola, demasiadamente disseminada.

Tem pois necessidade de repovoar o que está mal povoado, e só o colono allemão póde fazel-o, estabelecendo-se nas terras, tidas por cançadas, e applicando a ellas o arado, o estrume, e todos aquelles processos de uma industria racional, usados no seu paiz, fazel-as produzir agora muito mais, do que produzião nos tempos da sua primitiva fertilidade.

Uma cousa porém, produziria com toda a certeza o projecto do Sr. Paula Souza.

Iria elle crear, á custa dos cofres provinciaes, em proveito de algum potentado feliz, uma clientella de capangas, para servirem de votantes em uma eleição primaria, pois que todos os vadios arrebanhados em virtude d'esse premio de 200$000, figurarião como cidadãos honestos, e laboriosos, nas listas parochiaes, e assim uma nova California se crearia em proveito de alguns homens. Estamos certos que não são estas as vistas de seu autor. Damos-lhe todos os creditos das boas intenções, é entretanto isto o que infallivelmente succederia na execução do seu projecto.

Senhores, a grande necessidade da nossa patria commum, o seu porvir, a realisação do seu destino, tudo, tudo depende da emigração de estrangeiros para o nosso paiz: bani pois do vosso espirito, nós vol-o exhortamos, todos esses mesquinhos prejuizos, todos esses ciumes infundados, que desorientão a vossa razão.

Dedicae todos os vossos recursos intellectuaes ao serviço d'este pensamento grandioso, e ficae certos de que melhor servireis a patria assim, do que lembrando perpetuamente, e advogando expedientes, que nada adiantarão na nossa marcha para o progresso.

CAPITULO V.

Quando imaginámos escrever esta obra, não tivemos em mente compôr propriamente uma historia do Brazil.

Outro foi o fim a que vizamos.

Em principios d'este anno, começou o illustrado publicista o Sr. Dr. Justiniano José da Rocha, a publicação de um periodico com o nome de *Regenerador*, no qual, desenvolvendo as suas idéas sobre o meio de operar-se a nossa regeneração manifestou desde logo a sua profunda indisposição contra a colonisação européa do nosso paiz. Pareceu-nos tão prejudicial aos verdadeiros interesses do Brazil a doutrina pregada pelo *Regenerador*, á respeito d'esta materia, que resolvêmos refutal-a. Conhecêmos porém em breve, que haviamos emprehendido uma taréfa por de mais espinhosa, e quiçá superior ás nossas forças, e no desempenho da qual, em um paiz como o Brazil, aonde as raças são tão heterogeneas, poderia a intriga e a maldade envenenar proposições nossas, que forão dictadas aliás pelo mais puro e ardente patriotismo, e tornar-nos odioso á uma classe numerosa dos nossos compatriotas. Haviamos porém transposto o Rubicon, e forçoso nos era marchar para adiante, afim de forrarmo-nos ao desar e dissabor de passarmos por inimigo de certos homens, unicamente pelos motivos da differença na sua côr. Concebêmos então o plano d'esta obra, visto como, tendo nós tocado em certos assumptos delicados, na nossa analyse das doutrinas do Dr. Rocha, só nos restava agora o recurso, de desenvolvermos cabalmente todo o nosso pensamento a respeito desses mesmos assumptos, afim de que, perfeitamente orientado sobre o fim dos nossos desejos, pudesse o publico pronunciar o seu verdict, com um completo conhecimento da causa.

Muitas vezes temos meditado sobre a causa do máo resultado, que as melhores leis, e as mais sabias instituições, produzem no nosso paiz.

Medidas que na França, na Allemanha, na Inglaterra, e nos Estados-Unidos, são seguidas de beneficios, entre nós só produzem a confusão e o descredito, e acabão a final por se tornarem letra morta. Qual é pois o motivo d'este malogro constante dos melhores desejos dos nossos legisladores? Porque é que o Brazil tem caveira de burro, quando outros paizes, tão inferiormente dotados pela mão da natureza, marchão altivos e sobranceiros na senda do progresso e prosperidade? Eis a indagação em que vamos agora entrar, e como a nossa refutação das doutrinas do Dr. Rocha, e mais tres pequenos artigos, sobre a colonisação nacional, que haviamos anteriormente publicado na *Lei*, periodico de S. Paulo, tem perfeita relação com o objecto de que tratamos, transcrevemol-os n'esta obra, occupando elles os quatro primeiros capitulos d'ella.

O Brazil, vasta região da America meridional, jaz pela maior parte debaixo da zona torrida; as brisas, que, roçando brandamente pela superficie do Atlantico, saturão-se de frescura e humidade, soprão depois e se prendem sobre os seus montes coroados de magnificos bosques, dissolvem-se á final nos seus valles, revestidos de uma perenne e luxuosa vegetação: apezar d'esta feliz circumstancia porém, o seu clima, bem que saudavel, é de um calor abrazador na sua maior parte, induzindo o corpo humano á indolencia, quietação e languidez. Descoberto por um acaso pelos Portuguezes, que forão arrojados ás suas plagas pelas tempestades, forão elles igualmente os seus primeiros povoadores. Desgraçadamente, porém, esta nação, já se aproximava da decadencia, quando a sua transplantação para o Brazil adquirio proporções maiores. A seiva dos esforçados guerreiros de Portugal, que tinhão assombrado o mundo inteiro, com o arrojo das suas façanhas, degenerava e fenecia nas veias dos seus descendentes. Demais, Portugal possuia outras colonias, e assim este pequeno reino da Europa, era chamado a prover de colonisação grandes regiões na America, na Asia e Africa. Porém taes quaes erão, assim mesmo, forão-se elles espalhando, e entranhando pelo Brazil, e amalgamando-se com os indigenas,

porque poucas mulheres vierão de Portugal nos primeiros tempos, produzirão os primeiros Brazileiros, aos quaes em algumas provincias derão o appellido de Mamelucos. E quem erão estes indigenas? Eis uma questão impossivel de decidir, parece entretanto, que descendião de algum ramo das raças Mongolicas, degenerados agora e embrutecidos, pelos effeitos de uma sequestração completa de muitos seculos de toda a civilisação conhecida. Os Portuguezes não encontrárão no Brazil nenhuns signaes e nem vestigios da civilisação adiantada dos Mexicanos, e nem provas do caracter masculo dos Araucanos do Chili, e Patagões de Buenos-Ayres. Os Indios do Brazil, formavão varias tribus, muito similhantes porém em certos caracteristicos mais salientes: geralmente pequenos de estatura, com quanto bem talhados, (*) timidos, inconstantes e desconfiados, não tinhão religião, nem letras, nem cousa que as supprisse; não se achou em parte alguma uma pedra posta por elles sobre outra, com algum designio premeditado: andavão nús, e se sustentavão da caça, do mel, e das fructas, sendo rarissimas as hordas que fazião uso do sal: algumas erão antropophagas: marchavão em fileiras, pondo todos o pé nas pegadas do dianteiro para não se lhes saber o numero. Não se encontrou nenhures, um estado monarchico, nem republicano: cada tribu tinha o seu cacique, que só tomava o mando nas occasiões de dirigir os assaltos, ou emboscadas contra o inimigo, Acreditavão porém n'um creador de tudo, ao qual denominavão — Tupan — e n'um espirito malefico a que chamavão — Anhanga — e tinhão tambem os seus — Pagés — ou feiticeiros. Depois de christianisados pelos Jesuitas, vestirão-se, e tornarão-se mais communicaveis, mas nada póde mudar-lhes a indolencia natural, nem inspirar-lhes sentimentos nobres de gloria, honra, nem interesse: raros aprendião alguma arte liberal; commummente em tendo uma camisa e umas calças de algodão grosseiro, e um chapéu de palha, estavão satisfeitos, e quasi nada mais apetecião. Tal era a pobre raça com a qual se vierão amalgamar os primeiros Portuguezes.

(*) Corographia Brazilica do Padre Manoel Ayres do Cazal.

Precisavão entretanto estes de braços, para a roteação das terras de que acabavão de se apossar, porque, sendo o seu numero ainda pequeno, e apenas sufficiente para os misteres da governança e administração dos seus novos subditos, não tinhão elles tempo, e nem pachorra, para se occuparem em taes serviços.

Foi pois precizo coagir os Indios a se empregarem n'elle, e assim pouco a pouco se amalgamárão os Portuguezes com esses Indios.

D'esta mistura, pois, como dissemos, nascêrão os primeiros nacionaes, mas que grandes virtudes podião herdar homens, que descendião de uma raça já decadente, e cujo sangue ainda mais se deteriorára com a mistura de tal gente.

Com tudo, algum resto do ardor aventuroso, do animo esforçado dos seus avós Lusitanos aquecia ainda o sangue nas veias d'esta raça: as incursões perigosissimas pelo interior, em busca do ouro, e para prear novos Indios, constituio-se na occupação da sua vida. Então creou-se essa classe de homens fortes, a que se deu o nome de — sertanejos — os quaes, de envolta com muitas acções de barbaridade, tambem prestárão serviços reaes e incontestaveis ao descobrimento e civilisação do nosso paiz. Mas os máos tratos, que davão aos miseros Indios, em breve gastou e extinguio esta pobre gente. Era entretanto preciso continuar a cultivação da terra, e não querendo nem os Portuguezes, nem os Brazileiros sujeitar-se a uma occupação, que o habito lhes havia acostumado a reputar servil, precizo foi recorrer á costa d'Africa em demanda de braços para tal fim. (*) Vierão então os primeiros Africanos, e como cada nova chegada provocasse maiores desejos, em breve tornou-se a importação d'elles prodigiosa, em breve tambem se vio o mal que isso causava: pouco a pouco uma nova deterioração do sangue se operava, e em algumas provincias bem poucas forão as familias que escapárão d'esta mescla. Pensará alguem que ficámos

(*) Dr. Robertsons history of America.

mais formosos, mais intelligentes, mais fortes, ou corajosos e emprehendedores, justamente em virtude e pelos effeitos de taes misturas? A vaidade nacional é quem o diz, mas quando se nos mostrar, que o ouro adquire maior valor pela liga com o cobre ou com o estanho, nós havemos de então crel-o.

Desgraçadamente a aversão ao trabalho cada vez mais se arreigava. O homem que nascia livre, fosse qual fosse a sua côr, contemplava com desprezo e aborrecimento o trabalho, por isso que só via captivos empregados n'elle.

O trabalho pois, tornou-se o signal da escravidão, e assim, todos os defeitos da preguiça, da inercia, e da indolencia, para os quaes as raças de que descendião a maior parte dos Brazileiros, bem como os effeites naturaes do clima, já os tornava assaz propensos, ainda mais se confirmárão pela instituição da escravidão, que se acabava de introduzir no nosso paiz, e para cumulo de infelicidade, a metropole, ciosa, illiberal, e tacanha na sua politica com o Brazil, veio tolher com prohibições e privilegios o progresso natural da civilisação e prosperidade, suffocando no coração dos Brazileiros, com a prohibição da concurrencia, os ultimos restos do espirito de empreza, herdados dos seus progenitores.

O commercio do ibirapitangá ou páo brazil, desde os primeiros annos, fôra declarado contracto real. Depois varias companhias Portuguezas apossarão-se por contracto com o governo da metropole, do direito e privilegio exclusivo, de fazer o commercio entre o Brazil e a Europa, Asia e Africa. Uma lei prohibio a sahida de generos do Brazil em navios estrangeiros. Uma ordem geral vedou o commercio de permutação entre as provincias, de sorte que a Bahia se vio na impossibilidade de proverse do necessario na de Minas, sua visinha, porque o governo d'esta dependia do da do Rio de Janeiro. Outra ordem prohibio o estabelecimento de distillações do melado, em razão de que aquella fabricação empeceria a venda no Brazil, das aguas-

ardentes da metropole. Emfim um alvará ordenou a suppressão dos teares, não sendo licito fabricar se não o panno grosseiro d'algodão de que se vestião os escravos. (*)

Eis ahi pois, como as leis estupidas e egoisticas d'aquelles tempos concorrião de mãos dadas, com as causas já apontadas, para matar a energia, e determinar a decadencia da nossa raça, em opposição com o preceito de um grande mestre de que « não se podendo duvidar que o clima exerce influencia sobre a disposição habitual do corpo, e consequentemente sobre o caracter dos homens, as leis e as instituições devem ser formadas, de acordo com a natureza do clima em alguns casos, e, pelo contrario para resistir aos seus máos effeitos em outros casos. Assim nos paizes, cujo clima quente induz o corpo á preguiça, a lei que facilitar e animar o trabalho livre, que lhe der consideração, será uma boa lei. Em taes paizes, a escravidão que tende a confirmar os máos effeitos do clima, deve ser proscripta, quando mesmo pela lei da natureza, que nenhum direito nos da sobre as vidas e liberdade dos nossos similhantes, não fosse ella reprovada. » (**)

Sem embargo porém de tantos entraves, o Brazil ia marchando, graças á sua força prodigiosa de producção, e afinal, soando a hora da sua emancipação, partirão-se as cadêas, que jungião o gigante aos destinos da velha Lusitania.

Examinemos porém agora, qual era o estado do paiz, quando este feliz acontecimento teve lugar.

(*) Diccionario geographico do Brazil.

(**) D'Alembert, sur l'esprit des lois de Montesquieu.

CAPITULO VI.

O conhecimento da existencia das grandes raças se manifestaria á posteridade, pelos productos das suas artes, pelo engenho das suas obras, e pelo grandioso dos seus monumentos, quando mesmo a historia, não nos narrasse as suas acções, e as suas proezas. Os Egypcios, os Gregos, os Romanos, os Godos, e os Sarracenos deixárão-nos a fama da grandeza do seu genio, impresso nas obras e nos edificios que nos legárão. Nada porém encontramos no Brazil, que revele que algum dia aqui vivêrão homens superiores: todos os signaes que nos transmittirão, ácerca do seu systema social, indica o maior atrazo: as suas habitações erão esqualidas; os seus utensilios domesticos do mais tosco fabrico; os seus edificios mesquinhos, e a não serem algumas igrejas, geralmente edificadas pelos Jesuitas, e algumas obras litterarias de muito merito, nada absolutamente attestaria a existencia n'essas épocas de homens dotados de um certo gráo de civilisação. Um monumento execravel porém existia, em quasi todas as nossas povoações mesmo nos nossos dias, e talvez em algumas d'ellas ainda exista n'este momento, que affirma a bruteza e crueldade d'aquellas éras: — o pelourinho — sobre cujas lages, já corria o sangue do desgraçado indigena, antes de correr o do misero africano, erguia-se em testemunho da ignorancia e barbaridade dos nossos pais. Vejamos pois qual era o estado da sociedade n'este paiz, quando se proclamou a Independencia. A população do interior do Brazil achava-se dividida em duas classes principaes, a dos senhores e a dos escravos d'estes. Toda a lavoura, todas as profissões mecanicas, toda a industria productora emfim, dependia do trabalho escravo. Seus senhores passavão em geral uma vida ociosa, ou quando muito, occupavão-se nos exercicios da caça e da pesca, entregando a direcção do trabalho dos seus escravos á feitores: a maior parte d'elles mal sabião lêr, alguns ignoravão-no inteiramente: só rarissimos havião attingido o conhecimento das

primeiras nações das humanidades : o seu espirito curto e apoucado porém, achava-se, e justamente por causa disso, saturado das mais absurdas superstições, e dos preconceitos da fatuidade a mais prepostera : ignorando até a situação do paiz em que habitavão, nutrião todavia a mais exaggerada opinião da sua importancia pessoal, e porque vião em roda de si miseros e abjectos escravos, curvados á sua vontade, e obedecendo aos seus menores acenos, julgavão que todo o mundo estava formado á feição disso. E qual era o estado d'esses escravos? era aquelle que mais ou menos ainda é hoje. Havia porém ainda outra classe de homens, que era a dos homens livres, mas pobres, mistura do branco, do indio, e do africano, a que davão, e ainda se dá o nome de — caboclos — os quaes indolentes, preguiçosos e fatuos, reunião em si todos os vicios das tres raças. Nós tratamos de classes, n'esta obra, e notamos as qualidades e os defeitos que mais prevalecem n'ellas, não fallamos dos individuos, e não excluimos as excepções honrosas, cuja existencia somos os primeiros a reconhecer.

Estes caboclos, assaz orgulhosos e fatuos, para se dedicarem ao trabalho honesto e independente, não o erão com tudo, para viverem como parasitas aggregados aos grandes proprietarios. Formou-se pois d'esta arte, no interior do nosso paiz, uma especie de systema feudal, se bem que em caricatura.

O pouco commercio que então havia, estava todo nas mãos dos Portuguezes. Não existia em parte alguma, uma classe media ou burguezia, faltando completamente este poderoso elemento n'um systema de governo livre, este nervo da sociedade civil, o qual em outros paizes equilibra, pela sua independencia, pela sua opulencia e illustração, as tendencias contradictorias e antagonicas das outras classes.

Tal era entretanto o interior do nosso paiz, quando n'elle raiou a aurora da Independencia.

Nas grandes cidades do littoral achava-se tanto o grande, como o pequeno commercio nas mãos dos Europêos: as profissões mecanicas, ahi tambem quasi que só os escravos se occupavão n'ellas, alguns mulatos as exercião, e de preferencia como alfaiates e sapateiros; porém, a maior parte dos homens d'esta classe, vivião submersos n'uma vida de deboches, como especies de truões, dos filhos extravagantes e dissipados dos ricaços Portuguezes.

Já dissemos que Portugal começava a declinar, quando os seus colonos principiárão a passar-se para o Brazil em maior escala, e assim era. Emquanto se tratou das emprezas arrojadas, tinha este punhado de homens assombrado o mundo todo com a ardidez das suas façanhas. Outras tendencias, outras idéas, porém, começavão a despontar: as letras e as artes já não erão desprezadas; a Italia, a França, a Allemanha e a Inglaterra fazião immensos progressos n'estes ramos, e Portugal esmorecendo, parou em completo desalento e inacção, e nunca mais se pôde erguer. Desde então até á época da revolução franceza, Portugal quasi que não deu um passo na marcha do progresso. Os seus utensilios domesticos; as ferramentas dos seus obreiros; suas machinas; os instrumentos das suas artes; sua sciencia; tudo, tudo emfim, trajava ainda a vestimenta da civilisação da média idade; e a energia do seu Pombal, apenas galvanisou este cadaver, que o seu astro luminoso, o seu Camões incomparavel, patenteou á toda a luz.

Assim, pois, a civilisação que elles possuião, era aquella, que nos trazião: a maior parte d'elles não sabião lêr, nem escrever; não conhecião as vantagens da imprensa, e nem tão pouco das boas estradas: o seu modo de conducção erão ainda as albardas sobre o burro, que nós alteramos em cangalhas, e o carro de boi de eixo movel. Estavão na infancia da civilisação. Destituidos da menor educação politica, não tinhão a mais remota idéa, nem dos principios, nem das regras, nem das leis, que regem a moderna sociedade. Para o seu espirito inculto toda a scien-

cia governamental, encerrava-se na vontade irresponsavel e sem contraste de — El-Rei nosso Senhor — e a sua fórma e estructura, se traduzia aqui no — El-Rei em Portugal — o general na capital da capitania, e o — capitão-mór na villa. — Nas suas relações domesticas erão elles quasi barbaros: tratavão as suas mulheres como escravas orientaes; a saia de algodão e de zuarte era o trajar d'estas mais usual, e ninguem as via; seusa filhos ensinavão elles com o tronco, a palmatoria e a disciplina.

E foi sobre um povo educado debaixo de taes auspicios, que os autores da independencia abrirão de repente todos os diques, e soltárão as torrentes da liberdade, sem curar de fazêl-o passar por aquellas gradações ascendentes, de que a propria natureza jámais prescinde no processo do aperfeiçoamento das suas obras. Havia no entanto no Brazil tambem homens instruidos, em cuja alma generosa ardia o sagrado fogo do patriotismo, e alguns esforços malogrados já se havião tentado em prol da Independencia, antes da trasladação da familia real Portugueza para o Brazil. Esta trasladação porém, que tantas vantagens derramou sobre este paiz, franqueando os seus portos ao commercio da Inglaterra e das potencias em paz com Portugal, abrindo as suas portas ao ingresso dos estrangeiros, e felicitando-nos com os beneficios inestimaveis de um governo local, de mistura com tantas vantagens, alguns males tambem nos trouxe. Um enxame de aventureiros necessitados, e sem principios, acompanhou a familia real para o Brazil, e foi necessario admittil-os nos differentes ramos da administração (*). Era igualmente notavel a extravagancia e a prodigalidade da côrte, e pois, a gana dos empregos, que a creação de muitos tribunaes e repartições necessarias á moderna côrte de tão extensos dominios, tinha diffundido na população, e a prevaricação n'esses empregos, induzida pela necessidade de tirar d'elles os meios de sustentar esse luxo e extravagancia, ainda mais concorreu para corromper o caracter da nação.

(*) Compendio da historia do Brazil pelo general J. J. de Abreu Lima.

Desde o dia em que os portos do Brazil forão franqueados aos estrangeiros, o commercio de Portugal consideravelmente diminuio, e o ciume dos Portuguezes se exasperava, vendo a sua antiga colonia elevada á cathegoria de Reino, e permanecendo longe d'elles o esplendor da Realeza, já se impacientavão do despotismo que existia em Portugal, despido dos attractivos d'esse brilho: levantou-se pois a nação Portugueza e exigio a convocação das côrtes, para a confecção de um novo pacto fundamental. O primeiro movimento manifestou-se na cidade do Porto em 24 de abril de 1820, mas bem depressa se estendeu a Lisboa. As noticias d'esses movimentos chegárão promptamente ao Brazil, aonde produzirão impressão consideravel, e o velho e infeliz Monarcha, com o coração despedaçado pelas emoções e os receios, que o desenvolvimento subito de mil interesses desencontrados lhe produzio, resolveu voltar para Portugal, para onde embarcou na tarde do dia 24 de abril de 1821, na náo portugueza *D. João VI*, deixando aqui o principe D. Pedro, a quem conferio a dignidade e as attribuições de regente e seu lugar-tenente no reino do Brazil.

Estava pois decidida a direcção que os negocios d'este paiz brevemente tomarião: habituado com a presença de um governo local, o Brazil mais não se sujeitaria aos inconvenientes, e ainda menos á humiliação de outro, collocado além do Atlantico: todos os espiritos se agitavão nos arroubos do patriotismo, e a perspectiva da independencia, era já visivel ás vistas mais myopes.

Entre os Brazileiros que n'esta época mais se distinguião, por suas luzes e pela sua dedicação ás idéas novas, sobrepujavão em alto relevo os vultos dos illustres irmãos Andradas. Elles pois obedecendo ao destino para o qual a Providencia os houvera talhado, collocárão-se á frente da nação, e guiando os passos do joven e magnanimo Principe, que a côrte nos deixára, conduzirão este paiz á consummação feliz da Independencia. Ao mais velho d'estes irmãos, o preclaro José Bonifacio d'Andrada e

Silva, coube a gloria immarcescivel da organisação do novo Imperio, e o titulo de Patriarcha da Independencia, que a nação por espontaneo e universal sentimento de gratidão lhe conferira, levará á mais remota antiguidade a fama da sua grandeza. Mas este sabio venerando, este patriota desinteressado, cuja alma pura e sublime traz á memoria as virtudes do illustre Bailly, tinha sido educado na Europa, aonde igualmente sempre vivêra desde os mais verdes annos: sua vida passada toda entre academicos eruditos dos paizes mais cultos do mundo, pouco o habilitava talvez, para conhecer a fundo os vicios e defeitos da sociedade do Brazil. Seus olhos e sua attenção mais se havião fixado na sciencia, tendo applicado a ella os seus cuidados e a sua ambição.

Tão versado na lingua, na historia e na literatura dos povos antigos, como imbuido nos arcanos mais reconditos das sciencias naturaes, e na philosophia e metaphysica transcendental das nações modernas: tendo a alma saturada das grandes idéas, e dos principios sublimes, que a revolução franceza, derramou por sobre o orbe, não era elle com tudo, talvez, o homem mais appropriado, para lançar as bases do pacto fundamental para este Imperio. Nada ignorando, do que tivesse havido no mundo antigo; conhecendo á fundo todo o espirito das instituições modernas: a sua origem, os seus resultados, e as tendencias da sociedade, todavia, parece que elle mal sondára as chagas, os vicios e as miserias reaes do nosso estado. Não se podia pois esperar, que uma constituição organisada debaixo da acção de tal influxo, pudesse ser a melhor adoptada para satisfazer as necessidades existentes, e ainda menos para corresponder ao gráo de civilisação do nosso paiz; o assim succedeu. As balizas politicas da nossa lei fundamental, forão assentadas, cem annos em anticipação das necessidades reaes da nossa sociedade, e as fataes consequencias d'este erro sublime, nós procuraremos indicar no decurso d'esta obra.

CAPITULO VII.

A constituição politica de uma nação é aquelle corpo de leis fundamentaes, d'onde se derivão os principios em que se bazea a estructura do seu governo. O seu caracter se determina pelo maior ou menor gráo de vitalidade, com que os seus elementos constitutivos se desenvolvem no seu systema. Ella póde porém ser ou democratica, ou aristocratica, ou de um caracter mixto (*). E' democratica, quando garante a todo o cidadão, uma intervenção directa ou indirecta no seu governo. E' aristocratica, quando estabelece classes privilegiadas, confiando o governo inteiramente á essas classes, ou concedendo-lhes um quinhão desproporcionado nos misteres da governança. E' finalmente mixta, quando reconhece a existencia de um soberano, cujo poder se acha modificado por outros ramos de poderes, de natureza mais ou menos popular.

Quando a civilisação e o progresso de uma nação tem sobrepujado, ou passado além d'aquelle estado social, providenciado por leis, que lhe havião sido adaptadas, em circumstancias mais atrazadas, e entretanto o poder soberano se mostra adverso a conceder, ampliando a esphera dos seus direitos, aquelle quinhão de liberdade que a nação reclama: quando o descontentamento de uma nação, não leviano, nem caprichoso, mas o descontentamento que tem ido sempre em progresso, por uma serie de annos consecutivos, e que tem a sua origem na consciencia profunda e universal da existencia de grande injustiça, não encontra satisfação, e nem alivio ás suas queixas no soberano obstinado: então uma terrivel conjunctura se estabelece, durante a qual, muitas vezes, a violencia e a colera publica faz descarregar sobre elle todos os horrores da sua vingança.

N'estes casos, a tempestade desaba sobre o poder, como o

(*) Maunder's scientific and literary treasury.

eclipse do sol meridiano, apparece á mente desprevenida e espantada do selvagem (*).

Mas nenhum governo illustrado irá confundir o descontentamento profundamente enraizado de uma nação, nenhum governo illustrado discorrerá a respeito d'elle, como faria e devia fazer, á respeito das accusações caprichosas das ameaças e dos furores das facções violentas, que procurão na satisfação de paixões desenfreadas, subverter e afrouxar todas as molas da sociedade, para realisar os seus designios sordidos e ambiciosos. O descuido e a desattenção para com a differença radical, na natureza d'estes sentimentos, tem muitas vezes sido fatal, mesmo aos governos mais fortes no poder da espada. Estas commoções só se reprimem com o vigor e a decisão: fugir-lhes, ou tentar satisfazer os seus caprichos, unicamente as torna formidaveis.

Quando, na occasião em que se constitue politicamente uma nação nova, os estadistas que presidirão ao seu nascimento, mais philosophicos e sabios do que praticos, lanção as balizas dos direitos politicos dos seus concidadãos muito adiante das necessidades, e ainda mais da capacidade do seu estado de civilisação: n'este caso, depois que arrefecem os arroubos e os delirios do enthusiasmo, depois dos abraços congratulatorios em que todos se misturão, começão a apparecer os máos instinctos de facções egoistas e rancorosas, e as más paixões dos individuos. Quasi sempre a anarchia tem sido o destino inevitavel d'estes estados.

« Tres paizes » disse um philosopho e estadista igualmente profundo e pratico, « tem mostrado que todas as formas de governo podem contribuir para a felicidade dos povos: a Inglaterra tem uma monarchia mixta, a Russia a monarchia absoluta, os Estados-Unidos a republica; e não são estes os paizes que marchão á frente de todas as nações? Ha paizes mais

(*) Lord Macaulay's essays.

adiantados do que estes? Não, logo todas as fórmas de governo podem ser appropriadas para produzir a felicidade dos povos (*). »

O governo das nações é uma sciencia experimental, e do mesmo modo que todas as sciencias experimentaes, está em um progresso continuado. Como as sciencias physicas, todos os dias se accumulão factos que demonstrão esta verdade. Entretanto, desprezando, como utopias, todas essas theorias sustentadas por Rousseau (**) que attribuem todo o poder á um supposto contracto original, entre os governantes e os governados, podemos estabelecer, que sempre será o melhor systema de governo para uma nação aquelle, que melhor se adoptar á indole da população, e ao seu estado de civilisação, independente de quaesquer theorias philosophicas e abstractas sobre a materia, deixando-lhe os meios francos e desimpedidos, para o seu progressivo e gradual aperfeiçoamento.

Ora, seria a constituição brazileira, serião os grandes principios exarados n'ella, serião as instituições liberrimas, creadas nas suas disposições, a fórma de governo melhor adaptada para o Brazil? Estava este povo, que ainda na vespera tivera os costumes, usos e leis de uma monarchia absoluta, preparado para fruil-a, auferindo do exercicio d'ella os beneficios da ordem, do progresso e prosperidade?

Ninguem o dirá.

Quando se examina e estuda, com calma e attenção, o pacto fundamental da nação brazileira, desde logo fica a intelligencia compenetrada do espirito do — self government — ou governo da nação pela nação, que transpira por todo elle, por quanto, ahi se encontra, consagrado como um dogma, que todos os poderes no Imperio do Brazil são delegações da nação. Mas quaes são

(*) Guizot.

(**) Contracto social.

os elementos que constituem esta nação? O Imperio do Brazil, diz a constituição, é a associação politica de todos os cidadãos Brazileiros, e são cidadãos Brazileiros, e estão no gozo dos direitos politicos, toda a massa da população activa, que possue o rendimento de cem mil réis para cima.

Assim pois, o caboclo, que vive em misera choça, similhante a — taba — do indigena: que não sabe lêr, nem escrever: que não tem idéas claras de que é a nação á que pertence: que ignora completamente a natureza das instituições, que o chamão a exercer os seus direitos: que nada entende das idéas, nem das tendencias dos partidos: que não experimenta nenhum gosto pelas commodidades da vida civilisada, porque para alcançal-as ser-lhe-hia preciso despender muito trabalho: que, ignorante, inerte e mandrião, deixa-se permanecer em absoluta immobilidade, morto completamente para todos os sentimentos e aspirações nobres do progresso e patriotismo: á um ente d'esta casta, outorga a nossa constituição uma intervenção na confecção das nossas leis: e pois o que succede? o seu voto, elle o captiva ao homem por cujos olhos costuma ver, quando não o vende, como é commum, a aquelle que mais lh'o paga. São decorridos trinta e seis annos, da promulgação da nossa constituição, porém o que é que se observa ainda hoje?

Faz dous mezes, pois estamos em principios de outubro, que assistimos ao processo eleitoral d'esta cidade, e note-se, que a cidade de Itú goza os creditos merecidos de ser uma das mais illustradas e morigeradas d'esta provincia: recolhêrão-se na urna eleitoral, pouco mais de quinhentas cedulas, das quaes, cento e noventa pertencião aos votantes saquaremas firmes, cento e oitenta aos liberaes no mesmo caso, *e cento e cincoenta votantes, venderão os seus votos.*

Leitor, nós vos afiançamos este facto, debaixo da nossa palavra de honra: desgraçadamente eramos membro da mesa parochial, e podemos citar-vos, um por um, os nomes de todos

estes miseraveis. Porque então não os denunciámos a autoridade? Para que? Que utilidade haveria n'isso? Aquillo que succedeu aqui, foi o mesmo que se praticou em todo o Imperio, e que ha-de sempre praticar-se, porque a nossa coustituição conferio um direito sagrado, a quem não o sabe prezar: entretanto os mesmos homens, que mais se distinguem no suborno da populaça, são aquelles que exclamão nas assembléas, e pela imprensa, que o povo do Brazil é o mais moralisado do mundo, que é o typo da honestidade, e que só exige, que o governo se abstenha de tomar parte nas eleições, para que ellas se resolvão na melhor escolha possivel.

Que irrisão, que zombaria, que miseravel impostura e hypocrisia.

Nós citaremos aqui o que ensina sobre a sciencia do governo, um dos mais afamados e antigos chefes do partido *whig* da Inglaterra, e justamente aquelle, que mais se distingue, pelas suas allianças e tendencias radicaes, e para não estragarmos a belleza e eloquencia da sua linguagem com uma traducção nossa, daremos o texto no idioma original: « The great step to be gained in government (escreve elle) is the incorporation of all the parts of a state into one, and the government of that one, by representatives from each part. But when men are so little fitted for *self-government* by their political education, as to give party feelings, the mastery over their reason — or are so blinded by their devotion to leaders, as to play their game, unreflecting and almost unconscious instruments in their hands — or *are so corrupted as to disregard all duties and all ties save those which band them together in the pursuit of some factious, or some sordid object* — we may most safely pronounce them wholy unfit to be entrusted with political power, and may conclude that the scheme of polity is the best for them, which confines their interference within the narrowest — limits (*). » Estas palavras trazem sobrescripto para o Brazil, e

(*) Lord Brougham's Political e Philosophy.

são tambem uma resposta cabal para os tartufos, *patriotas*, e republicanos descabellados, quando elles vociferão, que o Brazil não goza ainda de liberdade sufficiente. Na Inglaterra, dizem elles, tambem se comprão votos; sim, é verdade, mas ha ali uma opinião publica, que estigmatisa com o dedo da reprovação e do desprezo, e uma justiça, que condemna os autores e cumplices de taes delictos. Ali os *rotten boroughs* deixão de existir desde que são conhecidos; já teve porém alguem noticia de que algum deputado perdesse a sua cadeira, porque praticasse taes subornos?

Aqui, na cumplicidade de todos, está a impunidade de cada um.

Quando os barões inglezes, reunidos nas planicies de *Runnegmede*, alcançárão do rei João em 1215 a sua *Magna Charta*, continhão as suas disposições, a reforma de certos abusos tyrannicos, que o poder soberano exercia como chefe em grão supremo, de todo o systema feudal d'aquellas éras: algumas disposições geraes, em beneficio dos burguezes e do povo igualmente se estatuirão n'ella; porém esta *Magna Charta* ou constituição era baronial na sua essencia, porque a riqueza e civilisação d'aquelles tempos, residião quasi que exclusivamente, n'esta classe de Inglezes. Pouco a pouco porém, se forão estendendo as balizas dos direitos politicos dos cidadãos d'esta nação, os quaes forão crescendo e avultando á par do augmento da sua opulencia e illustração. A historia da Inglaterra é a historia do progresso.

Cada onda successiva arroja-se para adiante, arrebenta e se retrahe, mas o crescimento das aguas vae augmentando tranquillamente.

O homem, que as observa só por alguns momentos, póde pensar que se retirão: aquelle, que as observa pelo espaço de cinco minutos, imagina que as aguas redemoinhão caprichosamente, para aqui e para ali, sem norte fixo e determinado: mas

quando os seus olhos se fixão sobre as aguas, pelo espaço de um quarto de hora, e vê desapparecerem umas balizas depois das outras, em perfeita tranquillidade, então, não duvida mais do progresso e crescimento das publicas liberdades (*).

Agora mesmo se trata ali em pleno socego, de dilatar ou ampliar o censo eleitoral, a fim de abranger um numero maior de cidadãos; mas a industriosa, opulenta civilisadissima e moralisada Inglaterra, aonde o espirito e a opinião publica, tem uma força irresistivel, aonde o sentimento do dever é uma paixão, o respeito á lei um mytho, e a maxima do *fair play*, para com todos os systemas e instituições, a regra de conducta de seus cidadãos: a Inglaterra, paiz aonde, como diz um grande jurisconsulto (**), talvez o unico no universo, a liberdade politica e civil é o escopo e o fim de todos os seus esforços: essa Inglaterra, inveja e admiração do mundo inteiro, tremeria com tudo de susto com a idéa do suffragio universal, qual nós o temos no Brazil.

Muitas vezes temos ouvido exaltar a indole ordeira, que se attribue aos nossos patricios, porém é isto um perfeito engano em que vivemos. A massa do povo do Brazil pelo contrario é essencial e radicalmente sediciosa. Desde a abdicação até 1848, vão apenas dezesete annos, e entretanto durante este pequeno espaço de tempo, tivemos onze grandes rebelliões no Brazil, independentemente de varias commoções parciaes, mas sangrentas, em differentes pontos das provincias. E agora, com que vistas e para que fins se fizerão ellas? Não é a nossa constituição a mais liberal do mundo todo? Não temos o suffragio universal? Não gozamos da liberdade de imprensa, até exceder os limites da propria licenciosidade?

Não possuimos a instituição do jury, a lei do *habeas corpus*, e a independencia da magistratura?

(*) Lord Macaulay's history of England.

(**) Blackstone's Commentaries.

Não temos uma guarda civica ou nacional? Que mais pois queremos nós? Com que razão e para que fim de publica utilidade, se subleva então o povo?

E' um espirito sedicioso e o amor pela vadiação na massa do povo, um horror universal ao trabalho honesto, o gosto pelo systema do capanguismo, quem ministrão homens, instrumentos aptos aos ambiciosos sem escrupulos, para tentarem a subversão da sociedade. Não é por certo, ao espirito de ordem innato nos Brazileiros, como se allega, que este Imperio deve a conservação da sua integridade. Se não fôra os estrangeiros, residentes na capital do Imperio, os quaes por isso mesmo que são ricos e industriosos, tem horror ás commoções, e que agrupando-se em derredor do throno, defendem-no da anarchia, e provem ao governo, com os meios e recursos, para supplantal-a nas provincias, ha muito que este Imperio teria deixado de existir.

E' isto uma verdade incontestavel, e que só a ignora quem vive alheio completamente aos verdadeiros instinctos, á propensão intima da maior parte da nossa sociedade. O espirito sedicioso, e a predilecção pela republica, está profundamente disseminado, é inutil occultal-o, e aquelles sacrificios, que o povo faz com custo, em pról das idéas conservadoras da ordem, fal-as com ardor e enthusiasmo á favor do liberalismo, o qual no nosso paiz equivale ao republicanismo. Não se vio ainda ha pouco, o como, quando um escriptor, com talentos dignos por sem duvida de melhor causa, desacatava um Monarcha, typo excelso de virtudes, de patriotismo e sabedoria, e talvez o unico homem verdadeiramente liberal no seu Imperio, esses *patriotas* da capital, se agitavão para correr ao seu encontro, e victoriar a sua chegada?

O que mais farião elles se um Tiberio se sentasse no throno d'este paiz? Ah, então, talvez as extravagantes e guindadas adulações, a obediencia cega e abjecta, e uma prostração total da vida, désse a medida da sua baixeza.

Nós sòmos enthusiastas pelas idéas e instituições livres, somol-o por indole, por estudos e convicções, porque acreditamos nos destinos progressistas do genero humano, e se reconhecemos, que um grande erro presidio á confecção do nosso pacto fundamental, attribuindo ao nosso povo um gráo de moralidade e illustração, que desgraçadamente não possuia, comprehendemos igualmente, que esse erro fatal não poderia agora ser remediado, com a abrogação ou cerceamento das suas disposições liberrimas. Mas em nome de Deos paremos aqui. Reunamo-nos em roda do throno e da constituição. Demos força e vida ao elemento da autoridade. Se não fizermos isto, então, em um dia não remoto, baqueará este grande e magestoso edificio, debaixo dos golpes incessantes da anarchia.

CAPITULO VIII.

Brazil, oh! patria nossa, terra querida, « vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsamo, e os seus mares o ambar o mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, aonde prodigamente profusa, a natureza se desentranha nas ferteis producções que apura a arte. Em nenhuma outra região se mostra o céo mais sereno, e nem a aurora madruga mais bella; o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios tão dourados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas, e se mostrão sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol ou se sepulte, estão sempre claros; as aguas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos são as mais puras (*). » Paiz na verdade maravilhoso, qual não seria o teu destino, se a raça que te habita, soubesse corresponder aos dons da natureza.

(*) Historia da America Portugueza de Sebastião da Rocha Pitta.

Ha na distancia de meia legua d'esta cidade, uma catadupa que communica a esta o seu nome indigena de — Itú — aonde o impetuoso Tietê, arrebatado em sua carreira por immensa montanha, rasga as entranhas d'ella, descarnando gigantescos penedos, fervendo e espumando, despenha-se n'um abysmo insondavel, furioso e bramindo de raiva. Oh, quantas vezes não temos nós, em pé sobre as suas margens, contemplado em extasis mudo de admiração, esta vista sublime e medonha; então a nossa imaginação excitada vivamente, percorre um horizonte todo idéal de aldéas prosperas e civilisadas, profusamente espalhadas pelos valles deliciosos de verdura que o circumdão; vemos os hoteis magnificos, convidando com a sua elegancia e commodidade, e as iguarias da sua despensa, o descanso do gentil tourista, que frequenta estes lugares. Mas ao despertar d'esta illusão, e deparando com caboclos apathicos e ignorantes, tão insusceptiveis de se inflammarem pelos nobres sentimentos de gloria e ambição, como de apreciarem devidamente as bellezas d'esta vista, então vem-nos ao pensamento esta descripção do poeta Inglez:

Know ye the land where the cypres, and myrthe
Are emblems of deeds that are done in their clime,
Where the rage of the vulture, the love of the turtle,
Now melt into sorrow, now madden to crime?
Know ye the land of the cedar and vine
Where the flowers are blossoms, the beams ever shine;
Where the light wings of Zephyr, oppressed with perfume,
Wax faint o'er the garden of Gul in her bloom;
Where the citron and olive are fairest of fruit,
And the voice of the nightingale never is mute:
Where the tints of the earth, and the hues of the sky,
In colour though varied, in beauty may vie,
And the purple of Ocean is deepest in dye;
Where the virgins are soft as the roses they twine,
And all, save the spirit of man, is divine (*).

(*) Lord Byrons Bride of Abydos.

O Brazil ainda não produzio um grande e verdadeiro estadista; tem tido ministros dotados em maior ou menor gráo, das qualidades de oradores, e alguns com bastante geito e manha, na tactica de arrebanhar maiorias, mas não possuio ainda um Richelieu, um Pombal, e ainda menos um Pedro o Grande. Não apresentou ainda um homem á frente dos seus destinos que soubesse applicar os meios, mediante os quaes se formão as grandes nações de *homens*. Nunca teve um ministro, que soubesse abrir os canaes da riqueza nacional, e criar novos manaciaes de riqueza publica, pelo aproveitamento das vantagens naturaes do paiz, e estimular a industria individual, ennobrecendo o trabalho pelo emprego n'elle do homem livre. Verdadeiros plagiarios, a sua occupação consiste em importar para este paiz, muitas vezes com pouca critica, as instituições, as leis, e os regulamentos dos outros povos, sem se importarem de indagar, se as nossas condições são as mesmas d'elles.

Depara um nosso estadista, durante a sua leitura de gabinete, com uma lei, digamos franceza, que lhe parece bella e symetrica, e sem mais exame, submerge a penna no seu tinteiro, tradul-a, e, fazendo-lhe insignificantes alterações, no dia seguinte vae propôl-a no parlamento.

Mas esta lei foi a expressão na França de uma necessidade que se sentia, e sua confecção teve por escopo e fim preencher uma lacuna, que se observa naquelle paiz na marcha e progresso da sociedade. Ora, raciocinar sobre o Brazil, pelo que succede com outras nações, é um meio quasi infallivel de não acertar.

Seria ou serão identicas as situações dos dois paizes? Attenda-se um pouco, e conhecer-se-ha a differença radical e profunda, que existe nos elementos constitutivos das sociedades respectivas. Na França ha ainda, á despeito dos desastres pelos quaes passára, uma classe nobre por nascimento, cheia de valor, riqueza e illustração, e ardendo por distinguir-se; existe uma classe média de burguezes, rendeiros e artistas, opulenta;

numerosa, patriotica e instruida, e depois a classe dos operarios e camponezes, nas quaes já se distinguem muitos homens superiores. Ali todo o trabalho é livre, porém a população superabunda, e muitas vezes o trabalho escasséa, porque a França tem de lutar nas producções da sua industria com a concurrencia das outras nações. Mas achando-se o espirito de todas as classes d'aquella nação, saturado das nobres aspirações e dos instinctos do progresso, cumpre ao governo d'ella affastar por meio de leis adequadas, os entraves e obstaculos, que impecem a sua carreira, e quando o povo momentaneamente não acha em que empregar-se, pelos effeitos de qualquer estagnação no seu commercio, cumpre acudir em soccorro d'elle, afim de affastal-o das vias de violencia; e, é n'esta necessidade, que o governo francez ás vezes sente, de se tornar industrialista em commandita com os obreiros, afim de fornecer-lhes trabalho honesto, que se fundão os principios e as theorias do socialismo. Olhe-se porém agora para o Brazil; nós já fizemos um ligeiro quadro d'elle, e só accrescentaremos, que aqui fallecem inteiramente os estimulos vivificantes do movimento e espirito publico; que a nação por si jaz inerte, esperando e bradando que ao governo compete tudo fazer por ella; que a industria depende toda do trabalho escravo estupido, forçado, mal feito, e que se resente da preguiça e indifferença de uma raça, naturalmente de tempera vil, e ainda mais, aviltada pelos effeitos da abjecção e embrutecimento da escravidão, e o que é peior, que subsiste em um estado de ignorancia e falta de confiança em si, do qual não seria prudente desvanecêl-a; e finalmente, que um sentimento de tibieza, uma relaxação do espirito publico, por tal fórma se apoderára da massa da nação, destruindo a força moral do estado, que o patriota consome-se de paixão, mas não lhe vê nem um remedio.

Entretanto é singular esse prurido, que corróe os nossos legisladores, de importar leis para o Brazil, dando aliás bem pouca attenção á grande necessidade de nos trazer antes os homens. Tornae este paiz Francez, Inglez e Allemão, como são os Esta-

dos-Unidos em sangue, em idéas, e em costumes, e vereis então, como lhe assentão bem as leis que nos vêm de lá; porém lidar eternamente na luta perenne de querer fazer uma bolsa de seda, de uma orelha de porco, é trabalho insano, e que não abona a vossa perspicacia, e é precisamente na differença que existe n'isto, que consiste a caveira de burro, que faz abortar completamente os melhores desejos e esforços dos nossos estadistas em beneficio do Brazil.

Uma das causas do defeito que notamos, provém do modo de viver, e dos habitos sociaes dos nossos homens politicos. Um litterato, ou estadista brazileiro, encerra-se no seu gabinete, o movimento physico lhe é obnoxio, vê com os proprios olhos quando muito, apenas aquella pequenissima porção do mundo, que se extende entre a sua morada, e uma das duas casas do parlamento, ou entre aquella, e alguma academia na qual lecciona, ou a repartição publica a que pertence, e quasi nada mais: tem uma aversão invencivel á locomoção, e no seu gabinete rodea-se invariavelmente dos seus idolatras.

Que idéas pois, póde um homem d'estes ter do estado physico e moral da sociedade do seu paiz.

Na Inglaterra, na Allemanha, na França e nos Estados-Unidos, os estadistas e politicos tudo vêem, tudo indagão, tudo observão, e examinão com os proprios olhos; percorrem continuamente o seu paiz e os estrangeiros, ouvindo nos *meetings* e nas reuniões a opinião d'elles, notando o espirito que prevalece nas differentes classes da sociedade. Bem conhecemos a facilidade com que se viaja n'essas terras, mas o homem publico brazileiro é essencial e radicalmente indolente e preguiçoso, e por isso se deixa ficar em casa, gozando da palestra com alguns amigos, pela qual é perdido de paixão.

CAPITULO IX.

Uma entranhavel negação para a leitura é um dos caracteristicos da maior parte dos Portuguezes e Brazileiros, e d'aqui nasce o pouco ou nenhum apreço em que as producções litterarias são tidas no nosso paiz.

O homem, que se occupa nos exercicios da intelligencia, e que procura dar á luz o fructo das suas lucubrações, fal-o pela irresistivel necessidade que experimenta o seu espirito, e não porque algum lisongeiro ou lucrativo acolhimento do publico o anime á esse esforço.

Todo o trabalho manual é largamente retribuido no Brazil, não o é assim, porém, o trabalho litterario, e o homem de genio, que não possuisse meios de vida, ou algum emprego publico, arriscar-se-hia a morrer de fome, antes que as inspirações da sua imaginação lhe pudessem valer de cousa alguma. Não havendo leitores — não ha tambem demanda para os livros, e não havendo esta, não tem os editores o menor incitamento para imprimil-os. No Brazil, o infeliz autor tem primeiramente de imaginar o plano de sua composição, depois desenvolve-a em todos os seus detalhes, e afinal está ainda obrigado, na maior parte dos casos, á mandar imprimil-a á sua propria custa, se conserva a ambição de vêr o seu trabalho nos typos, e de obter-lhe alguns leitores.

Por espirito de partido muitos Brazileiros assignão o periodico, que defende e propala as idéas da sua parcialidade politica, e o pagão, mas raras vezes o lêem, porque achão que isso dá muito trabalho.

Em troca, porém, d'esta tibieza, d'esta indifferença, d'esta aversão pela leitura, aliás tão necessaria para a instrucção de

um povo, que possue o governo representativo, tem o Brazileiro uma paixão extraordinaria pela palestra e murmuração.

Vêdes n'aquella loja aquelle grupo de homens? O que fazem elles ahi? Nada; palestrão e matão o tempo em conversações banaes e futeis, quando não se entretém em fallar da vida alheia, e todos os dias ali se reunem na mesmissima occupação, e a nenhum d'elles occorreu ainda a idéa de que poderia empregar mais utilmente o tempo na leitura de algum livro; e o que se observa n'esta loja, é o mesmo que se observa em todas ellas. Na verdade parece que os Brazileiros imaginão, que os conhecimentos uteis se adquirem, como as ostras adquirem a perola pela inacção e abrindo a bocca.

Reparae para aquelle homem alto que ali passa envolvido no seu capote, tem sessenta annos de idade, e é oriundo de boa familia; observae como elle escuta o que se passa no interior d'aquella casa: é este um homem que olha tibio e indifferente para todas as idéas de grandeza e progresso, todavia occupa com ardôr a sua ignobil alma em indagar da vida alheia.

Mais adiante, por detraz d'aquella rotula fechada, se occulta outro, já curvado sobre o tumulo, o qual, com olhos remelosos, espia de dia e noite quem é que entra, e quem é que sahe da casa da visinha defronte, recreando a sua alma corrompida na contemplação de vicios, nos quaes já não póde ter quinhão. Não ouvistes, ao passar por aquelle armazem escuro, vozes abafadas, similhando á zoada surda de um cortiço; pois ali se reunem todas as noites alguns velhos, que se entretém no exercicio edificante de enterrar os vivos e desenterrar os mortos. Observae do lado opposto aquelle outro, o qual, de dia e noite á sua janella, toma nota dos que sahem e dos que entrão nas casas dos seus visinhos.

Pois todos estes, e muitos outros de igual natureza, são typos que o homem activo e observador, encontra aos centos por todo

o paiz. Em parte alguma conhecida se ostenta a velhice, em geral, tão distituida dos attributos do respeito, como succede aqui: no Brazil, uma grande parte dos velhos ou são tontos e atroados, ou de uma juvenil leviandade e desenvoltura, ou de uma estolida obstinação, e de um espirito tacanho e rotineiro. Raras vezes se vê um homem de sessenta annos, o qual, marchando na vanguarda do progresso, sabe com a gravidade e dignidade propria dos seus annos, temperar e moderar o excessivo ardôr da mocidade; e esta circumstancia, que aliás poderia lastimar-se, faz-nos capacitar de que, apezar de todos os descontos, os Brazileiros incontestavelmente se aperfeiçôão, visto como os modernos, são melhores do que os antigos, e até são mais prudentes, o que se evidencía pelas discussões do parlamento, porquanto, é justamente no senado, na casa dos velhos, aonde ellas se mantém com mais violencia e acrimonia. Em todos estes vicios, provenientes de uma propensão para a murmuração e bisbliotisse, os Portuguezes desgraçadamente são nossos mestres. Contava-nos um amigo, o qual gozou por algum tempo da amizade e confiança do dictador Rosas, que quando este encontrava um grupo de Inglezes, de Francezes, de Allemães ou Americanos, sentia elle um abalo desagradavel, porque colligia, que algum acto, ou alguma medida do seu governo, fornecia o topico da conversação, porém se erão Portuguezes, desprezava-os, certo de que estes só se occupavão em fallar da vida alheia, ou se espraiavão complacentemente sobre alguma torpe obscenidade. Quando se viaja nos vapores transatlanticos, observa-se um facto muito notavel, logo depois do almoço, todos os estrangeiros pouco a pouco se retirão, e cada qual se vae occupar na leitura de algum livro: os Portuguezes e Brazileiros, porém, se formão em pequenos grupos, e nos attractivos da palestra, ahi passão o dia inteiro, e nem póde deixar de ser, porque o espirito humano em alguma cousa se ha de entreter; e desde que os homens sentem aversão a se instruirem, o recurso que lhes resta é occupar o tempo, practicando na vida alheia, e então a expressão vil e abjecta de — *quem*

não tem rabo, põem-se-lhe —, muitas vezes se traduz em realidade, e não ha caracter por mais nobre e illibado, não ha reputação por mais elevada, que escape aos assaltos da calumnia e murmuração. A maledicencia e a diffamação habitual é desgraçadamente o vicio quotidiano de muita gente no Brazil.

O jogo é outro caracteristico predominante: nos paizes da Europa este vicio quasi que só prevalece nas classes ricas e ociosas; entre nós, porém, joga o negociante abastado e o mediano, joga o fazendeiro, joga o empregado publico, joga o caboclo, jogão todos, e até os escravos. O nosso mandrião, que passa os dias em indolente immobilidade, sahe de casa quando é noite, para nas emoções da banca do jogo, dar um choque á sua inerte humanidade.

Mas o mecanico industrioso, que na Europa, durante o dia mantém no trabalho os seus musculos na ultima tensão possivel, atira-se sobre a cama, quando é noite, em procura do descanço e repouso de que carece. Não nos importamos que o homem rico dissipe a sua fortuna na satisfação de similhante vicio; é esta uma materia de questão entre elle e a sua familia, e — sua alma — sua palma —, porém é um escandalo, que devêra ser severamente reprimido pela autoridade publica, que um vadio, pobre e robusto, em logar de trabalhar em serviço honesto, vá occupar-se em jogos, deixando a sua familia muitas vezes entregue á mendicidade.

Nós bem sabemos, que na enunciação das verdades contidas n'esta obra, vamos dar lugar a que se arremecem contra nós os dardos do rancôr, da inveja, da fatuidade e ignorancia, adornada hypocritamente com as vestimentas do *patriotismo indignado*. A todos os insultos, porém, que se nos dirigirem, sem a garantia de uma assignatura conhecida, nós responderemos, como sempre temos feito em casos taes, com o desprezo, continuando, entretanto, na prosecução do nosso empenho, porque o fim grandioso a que almejamos, não póde ser comprehendido pelas almas vís. Não é para o presente que escrevemos; não nutrimos a louca

pretenção de reformar systemas de vida inveterados; expômos os vicios, que minão os alicerces da sociedade, afim de que, alguem revestido com o prestigio de autoridade, e que sinta arder no coração o sagrado fogo do verdadeiro patriotismo, procure, dando melhor direcção á geração que desponta no horizonte social, regenerar a nação, e eleval-a pela nobreza dos sentimentos, até os grandes destinos, que a Providencia talhou para este bello e magnifico paiz.

CAPITULO X.

Quando pela morte do fundador do Imperio, desvaneceu-se para sempre o phantasma da restauração, o partido que havia dois annos vivia d'essa illusão, começou desde logo a fraccionar-se, destacando-se do padre Diogo Antonio Feijó, que era o vulto mais saliente d'elle, alguns homens politicos de grande nomeada, os quaes principiavão a desconfiar das suas tendencias ultra-liberaes. Este grupo de homens constituio o germen do partido saquarema.

Desde logo manifestou este partido as suas predilecções monarchicas, e os estrangeiros residentes na cidade do Rio de Janeiro, que tinhão horror ás commoções, e que, pelo instincto da conservação, tremião dos *patriotas*, ligárão-se logo a elle. Como uma consequencia inevitavel — d'essa face que as cousas tomavão, os chefes do partido dos *patriotas* se inclinárão para o elemento mais radicalmente brazileiro, e estas posições respectivas, cada vez mais se extremárão.

Não é ignorado por pessoa alguma que tenha estudado a historia patria, que o trafico illicito dos Africanos, prohibido pelas nossas leis, e pelas disposições estipuladas no nosso tratado com a Grãa-Bretanha, principiou tambem n'esta época a desen-volver-se com maior energia, e a voz publica attribuía á uma classe d'esses estrangeiros uma grande participação n'esse

commercio, e ao partido saquarema bastante tolerancia para com elle. Não nos demoraremos agora para indagar, por ser essa circumstancia estranha ao nosso assumpto, se as suspeitas publicas erão ou não fundadas; releva, porém, dizer, que não tendo o partido liberal jámais practicado durante o seu predominio repetido um só acto publico, que patenteasse a sua indisposição sincera contra esse trafico, teve elle, não obstante, o geito e manha de fazer acreditar que lhe era cordialmente opposto. Esta persuasão vogou igualmente na Europa, e d'este modo, creou-se na Inglaterra uma opinião sympathica a favor do partido liberal do nosso paiz.

Subio, porém, de novo o partido saquarema ao poder no anno de 1848, e então, pela maneira a mais brilhante e satisfactoria, desmentio elle todas as suspeitas que existião, emprehendendo e realisando a suppressão completa d'esse trafico.

A gloria d'este facto, por ventura o mais importante para o nosso progresso e adiantamento, depois da abdicação do primeiro imperador, pertence toda inteira aos chefes do partido saquarema, o qual melhor comprehendido então na Inglaterra, começou tambem a ser mais apreciado pela opinião publica d'aquelle paiz, e presentemente já se acredita ali, que a Providencia tem incumbido á politica firme, esclarecida e de futuro, que professa este grande partido, a tarefa magestosa de conduzir o vasto Imperio de Santa Cruz ao preenchimento do seu grandioso destino. O partido liberal, pelo contrario, obedecendo ao impulso de que lhe imprime o elemento que mais avulta nas suas fileiras, ha de ser sempre e eternamente inimigo dos estrangeiros, e por consequencia de todo o progresso que d'elles dimana. Nós saudamos o despontar da mudança operada na opinião publica da Grãa-Bretanha, á respeito do merecimento respectivo dos partidos no Brazil, com jubilo indizivel, porquanto, temos como artigo de fé, que carecemos do auxilio d'ella para a realisação do futuro de progresso e prosperidade, que este paiz aguarda da politica firme, illustrada e patriota do partido saquarema.

Uma união constante, intima, cordial e sincera entre o Brazil e a Inglatera, será um acontecimento feliz e prenhe dos maiores beneficios para as duas nações, porém mais particularmente vantajoso para o Brazil, que precisa dos recursos materiaes e financeiros, e da força moral de um grande e poderoso amigo, para poder desenvolver e fecundar os grandes elementos de prosperidade com que a natureza o dotou generosamente.

Ainda ha pouco a capital d'este vasto paiz festejava o acto solemne do juramento da Constituição pela nossa princeza Imperial, e o nosso coração, repassado do respeito e acatamento, que tão importante objecto reclama, perguntava qual seria o prîncipe a quem se conferiria a mão augusta d'esta senhora?

Mil conjecturas faziamos sobre a materia, porém o nosso pensamento perpetuamente volvia para um principe da Inglaterra, só um filho da rainha Victoria, esse typo excelso de todas as virtudes domesticas e modelo das grandes qualidades, que devem adornar o soberano constitucional, achamos nós digno da mão augusta da futura imperatriz do magnifico Imperio Diamantino.

Bem conhecemos os obstaculos, que existem actualmente na differença da religião dos principes, mas os catholicos não ha ainda muitos annos, que não tinhão assento no parlamento britannico, e pois o mesmo poder, que lhes franqueou a entrada n'esse elevado tribunal, póde igualmente desfazer os obstaculos religiosos, que se opporião á união entre as casas de Bragança e Hannover, desde que os dois soberanos e os principes respectivos a desejasse contrahir.

O verdadeiro patriota brazileiro, que contempla, na existencia da monarchia, o unico laço que prende e segura a integridade d'este paiz, vê com magoa profunda, que nem o ardente e acrisolado patriotismo, nem a sabedoria, nem a reunião de tantas virtudes e dons gloriosos na pessoa do nosso egregio monarcha, tem sido sufficiente para grangear-lhe o amor e a dedicação de

uma grande parte dos seus subditos. A direcção de uma palha (*) indica de que lado se approxima a tempestade. O genio da anarchia, sob as vestes da republica, trabalha incessante e surdamente para minar os fundamentos do seu throno. A dynastia do Brazil carece, pois, de algum penhor mais ou menos solido e efficaz do que esse sentimento de amor á ordem e á monarchia, que tanto se apregôa, como innato nos Brazileiros, carece do apoio material de uma poderosa nação, que as allianças de sangue darião á dynastia, e só a Grãa-Bretanha está nas circumstancias de poder prestal-o. As suas proprias instituições livres, e o poderoso influxo da opinião publica da Inglaterra, serião os nossos melhores garantes da conservação eterna das nossas liberdades, ao passo que, os receios salutares das suas invictas armadas, esmagarião por uma vez, e para sempre, esses desejos insensatos, essas loucas aspirações, pela bemaventurança do uma republica.

CAPITULO XI.

Tendo nós nos precedentes capitulos d'esta obra nos esforçado por fazer conhecer o Brazil tal qual elle o é na realidade, e não como o amor proprio e a vaidade nacional, muitas vezes soe pintal-o, mal teriamos comprehendido o nosso dever, se não indicassemos os meios de remediar os defeitos e os vicios, que com alguma severidade, mas consciencia, acabamos de esboçar.

Cumpriremos, pois, agora esta tarefa, porque não queremos passar por censor inutil, ou pessimista desesperado. Assim trataremos de demonstrar no presente e seguintes capitulos, como o Brazil póde ser regenerado, indicando as medidas mais adequadas, segundo crêmos, para a realisação da sua ventura; e para aquelles, que não reputão cousa ociosa, ou indigna de si, o estudo das condições pelas quaes póde um povo regenerar-se,

(*) Lord Bacon.

e tornar-se digno das instituições livres, esta materia será sempre um objecto de profundo interesse e consideração. A desidia e indifferença sobre os assumptos que se referem ao organismo politico do seu paiz, deixa livre o campo aos espiritos turbulentos e anarchistas.

Os Americanos dedicão sempre o primeiro quarto de hora do dia para o estudo e exame dos actos dos homens publicos da sua nação, e é por isso que o charlatanismo e a impostura politica, não achão ali idolatras e nem guarida.

O povo, que aspira aos beneficios do *self-government*, tem absoluta necessidade de instruir-se n'essas materias, pois de outra fórma a liberdade em suas mãos dará sempre tristes fructos. O formão é por certo um instrumento util e precioso, e nas mãos de um bom mecanico produz obras primorosas; entregae-o, porém, a uma criança, e esperae pelo resultado da vossa incuria.

Por mais occupado que seja um homem, sempre lhe restará tempo para meditar na marcha politica do seu paiz, e se não o faz, por certo que será por empregal-o em objecto menos util, se é que não o gasta na satisfação de algum vicio.

Os antigos Gregos e Romanos erão todos politicos, e é precisamente por essa razão que chegavão a tão gloriosos resultados. Quando um homem nos diz: *eu não me importo com a politica;* nós logo dizemos mentalmente — então é porque se occupa em alguma cousa peior. O mesmo espirito de nobre altivez e independencia, que actúa o homem a trabalhar, leva-o igualmente a pensar por si, sobre os interesses politicos e materiaes da localidade do seu domicilio, e é justamente por isso mesmo, que os Brazileiros pobres, em geral, se mostrão adversos a empregarem-se no trabalho honesto, que tambem no exercicio dos seus direitos politicos, se deixão elles quasi sempre illudir ou corromper.

Assim, pois, jámais poderemos conceber a existencia de um estado são de sociedade, que não se firme sobre a base larga e

solida do trabalho. A ociosidade, dizia um sabio (*), « é como a ferrugem, consome mais do que a occupação; uma chave da qual todos os dias nós servimos, anda sempre polida e limpa. » O trabalho melhorando a posição social do individuo, habilita-o a prover melhor da cultura da sua intelligencia, e a elevar as suas idéas e os seus sentimentos. O patrimonio do pobre, está na força dos seus braços e na destreza das suas mãos; e entretanto, muita gente no Brazil não pensa assim. Diz-se geralmente no nosso paiz: fulano, coitadinho, é tão pobre, que nem tem um escravo para lhe servir.

O que, pois, se póde esperar de um estado de sociedade por tal modo vicioso, que nelle prevalecem similhantes idéas? E qual será a causa que produz este triste resultado?

A causa d'este mal, como de quasi todos os que sentimos, existe na instituição da — escravidão; desde que se rebaixou o trabalho, entregando-o exclusivamente á uma classe escrava, vil e embrutecida, como o é a pobre raça africana, tornou-se elle um objecto de desprezo e asco para todo o homem livre.

Cumpre, pois, agora reerguêl-o, adoptando para este fim todas as medidas conducentes a ennobrecêl-o. Deos, dando ao homem necessidades, sanctificou o trabalho, visto como, só pelo exercicio d'elle, é que taes necessidades se satisfazem. O trabalho, pois, é um dever do homem christão tão sagrado, como o proprio amor do seu creador, e aquelle que o despreza, não póde sinceramente amar e honrar a Deos na glorificação das suas obras. Mas, porque meios poder-se-ha agora determinar a sociedade brazileira a volver á um estado mais consentaneo, com os designios manifestos da Divindade? nós só conhecemos um, que é promover a colonisação — não descubrimos outro, e nem crêmos que alguem nôl-o possa indicar.

Passaremos, pois, a considerar esta materia, apontando os meios de realisal-a de maneira, que mais proficuos resultados

(*) Benjamin Franklin.

produza, tanto para a situação moral do nosso paiz, como para preencher as necessidades materiaes da sociedade. Nós já dissemos no primeiro capitulo d'esta obra, que não eramos apologista do systema de colonisação por parceria. Crêmos que similhante systema só males tem produzido para o grandioso pensamento da colonisação do nosso paiz em vasta escala, Quem reflectir sobre este assumpto com o espirito livre e extreme da paixão da gana do lucro, desde logo comprehende os seus defeitos : n'elle quasi sempre os desejos e os interesses do colono são collocados, *juxtapostos*, aos desejos e aos interesses do proprietario, e d'este constante antagonismo resultão mil conflictos, que acabão no descredito da colonisação no nosso paiz, e do Brazil nos paizes da Europa. O colono tem tendencia natural para o cultivo da pequena lavoura ou generos alimenticios, porque na prosecução d'esta industria lhe é mais facil, e rende-lhe resultados mais proveitosos, a applicação de um systema de cultura mais adiantado, auxiliado pelos instrumentos aratorios, e as machinas de moderna invenção, porém o proprietario não leva á bem, e n'este ponto com razão, que o trabalho do colono se distraia do serviço do café, porque é d'este serviço, que resultão os lucros que elle tem com o colono.

Quasi sempre o proprietario estabelece na sua fazenda uma loja, ou armazem, aonde vende os generos e objectos de geral consumo, e exige que o colono se supra ahi. Ora, já se vio um systema mais tyrannico e ultrajante para as idéas de um homem livre e civilisado, e civilisado muitas vezes em gráo infinitamente superior ao proprio ignorante proprietario. Diz este, porém, que tem taes generos de consumo na sua fazenda, privando ao colono de ir compral-os aonde melhor lhe approuver, afim de vedal-o de ir ao povoado embebedar-se : oh! pois não ; como é sollicito e considerado pela moralidade do seu colono um homem d'este genero; mas é falso — a sua sollicitude está toda nos 15 ou 20 por cento de lucro, que aufere da venda de taes objectos.

Um systema de prepotencia e rapacidade tal, tem creado profundas indisposições nos estrangeiros, as quaes, agora, oppõem um grande obstaculo á colonisação da nossa Provincia, e se não, diga-se-nos, porque é que ella aqui não tem medrado, em proporção do que devêra, ao passo que nas provincias do Rio-Grande e de Santa Catharina vae tomando proporções gigantescas? O colono allemão não acha um Brazileiro, que tome a sua defeza, expondo estes abusos, crêmos que somos o primeiro, que se tem occupado d'esta materia; queixa-se, porém, para a Allemanha, e talvez com exaggeração, e d'ahi provém a má reputação em que a colonisação para o Brazil é tida lá. Senhores do governo, mudae de systema, que por este não ides bem: procurae realisar o grandioso pensamento do fallecido senador Vergueiro de « recolonisar o que está mal povoado, repovoando o que está abandonado. » Estabelecei colonias de allemães nas visinhanças das grandes cidades, mesmo nas terras abandonadas como cansadas; deixae-os desenvolver ahi a sua industria do modo que lhes approuver; se forem protestantes, ajudae-os a pagar o seu pastor; animae estas colonias a se constituirem logo em villas, e estendei aos colonos os fóros de Brazileiros, afim de que possão elles eleger d'entre si os seus camaristas e juizes de paz: nomear os subdelegados e officiaes da guarda nacional d'entre os mesmos colonos, exigindo de todos elles unicamente a observação das nossas leis e o ensino da nossa lingua nas suas escolas. Segui com constancia e lealdade este systema, e vereis em breve como estas colonias crescem; vêl-as-heis transbordarem, e a sua superabundante população, vasando-se na das cidades visinhas, e com ellas, amalgamando-se, elevarem-as ao seu nivel, regenerando por este meio toda a população do paiz. Tereis então ennobrecido o trabalho; e eradicado do espirito dos Brazileiros a idéa desacoroçoadora de que — *o homem que não possue um escravo* —, muito embora, tenha-o a natureza dotado com saude, com forças e intelligencia, todavia nasceu irremediavelmente condemnado a viver e morrer na miseria e abjecção. O geral dos Brazileiros não são, innata e incorrigivelmente,

dados á vadiação, carecem, para se dedicarem ao trabalho com constancia, mais do exemplo, do que do preceito, e desde que elles virem ao seu lado, como o Allemão pobre se ergue na sociedade pelo effeito da sua industria, elles hão de sentir a ambição de tentar tambem o mesmo, e não hão de ficar atraz. Eis-aqui, pois, o meio mediante o qual poder-se-ha erguer a população d'este vasto Imperio, do triste e vergonhoso abatimento em que ella existe actualmente, e tornal-a digna e apta para o exercicio e gozo das grandes instituições de uma nação livre.

Porém, senhores, matae por uma vez, e para sempre, essa triste idéa, que vae grassando de novo, de nós mandar buscar colonos chins. Deixae ficar na Asia essa podre e desprezivel raça, que degolla as suas mulheres brazileiras para se pouparem ao trabalho de sustental-as; lembrae-vos de que sem futuro, sem esperanças, sem aspirações de uma existencia independente, podem as colonias inglezas mandal-os vir, podem povoar-se todas d'elles, visto como o poder e a grandeza, e o renome guerreiro da Inglaterra, não dependerá jámais dos seus brios, e ainda menos dos seus esforços e valentia.

Mas o Brazil, senhores, tem outros destinos a preencher, que não podem ter essas colonias: a fama e a gloria que se desenhão no seu futuro, não ha de por certo ser conquistada, mediante o encherto d'essa ridicula e pobre gente.

Diante do trabalho recuará a ignorancia e a miseria; a população do Brazil se elevará pelo exercicio honesto d'elle, e as fibras da sociedade retemperadas pela energia, pela força de vontade, pelos habitos de ordem e moralidade, que o exercicio do trabalho sempre induz, ha de oppôr no seu desprezo uma barreira invencivel ás tentativas dos demagogos, que almejarem perturbal-a. O trabalho livre criará a classe média, cuja falta no nosso systema social, tem dado lugar em grande parte á essa facilidade com que os ricos proprietarios achão sempre instrumentos aptos nos capingas e camaradas para as rebelliões que

se reproduzem. O grande motor da civilisação moderna é o trabalho; hoje a nação que mais se distingue pelo theor tranquillo da sua vida politica, pela moralidade dos seus habitantes, e pelo alto grão da sua civilisação; pelo seu patriotismo, e pelo denodo das suas armas, é tambem aquella que sobrepuja a todas no valor, na perfeição, e na variedade dos objectos da sua industria.

CAPITULO XII.

Nenhuma nação póde ser grande, que, no theor das suas transacções sociaes, desprezar os preceitos da moral.

A moral constitue os deveres do homem em seu caracter social, ou aquella regra de conducta, que promove a felicidade do proximo, tornando a sua ventura accorde com a nossa. D'aqui resulta, que os nossos actos devem proceder dos motivos de obediencia para com a vontade Divina, porque entre os povos christãos, os preceitos de moral fundão-se nos seus sentimentos religiosos, nos preceitos de amor para com Deos e o homem. E' por isso que o clero procura constantemente nos paizes christãos, e mórmente nos catholicos, encarregar-se do ensino da mocidade, afim de implantar e fortalecer no seu espirito o reconhecimento d'este preceito como a base de todo o futuro desenvolvimento do entendimento. Segue-se, pois, que, quando o clero de uma nação é moralisado e instruido, é elle a classe mais propria para dirigir a educação da mocidade, excepto em aquelles elementos especiaes, que prepárão o discipulo para os actos e successos da guerra. E, se até certo ponto, esta doutrina póde admittir reservas, quando se trata das republicas, acreditamos, que o seu espirito é de uma incontestavel conveniencia e utilidade, todas as vezes que se tratar das monarchias. Mas, estará o clero do Brazil nas circumstancias de moralidade e illustração, que o exercicio de tão importante funcção imperiosamente reclamaria? Não, não, mil vezes não; o nosso clero, nas

palavras de um sabio e virtuoso diocesano que bem o estudára, tem só uma boa qualidade — não é hypocrita — não affecta as virtudes que não possue —. O que resta, pois, fazer? Cumpre entregar a educação da mocidade brazileira aos — Jesuitas francezes. Talvez esta nossa proposição vá despertar a estranheza do leitor, e pois diremos alguma cousa a respeito d'esta ordem, tantas vezes e tão injustamente invectivada. Nós discursaremos, porém, não como um fanatico que vive mergulhado nas trévas da ignorancia, e por cuja mente nebulosa esvoação perpetuamente as visões mysticas do delirio, e os milagres operados pela superstição; porém, como o cidadão de uma nação livre, que aquilantado devidamente os grandes beneficios prestados por estes sabios e virtuosos padres, tão ávidos de sacrificios, como os outros o erão de gozos e prazeres, contemplando-os com admiração e aquella profunda gratidão, que os seus actos em prol da civilisação do seu paiz, e como os verdadeiros pioneiros do seu engrandecimento, reclama do coração reconhecido do patriota verdadeiro. Na verdade, se ha um assumpto, a respeito do qual se póde asseverar com perfeita exactidão, que o estudo da litteratura européa tem sido prejudicial para o fim de conduzir-nos a uma justa apreciação dos factos, em referencia aos verdadeiros interesses do nosso paiz, por sem duvida, que esse assumpto é a consideração dos acontecimentos, relativos á conducta que tiverão no Brazil os padres da companhia instituida por Santo Ignacio de Loyola. Não se indaga, não se quer mesmo saber, qual é a historia, quaes forão as acções practicadas por esta celebre instituição, mas lê-se em livros estrangeiros a accusação d'ella, dá-se credito a todos os defeitos e crimes que lhe assacão seus inimigos, e sem mais exame, determina-se a sua summaria condemnação. Ainda ha poucos dias tivemos a prova mais frizante d'esta verdade incontestavel: acabavamos de lêr com indizivel prazer a excellente obra do Dr. Ovidio da Gama Lobo: — Os Jesuitas Perante a Historia —, e logo depois deparámos no periodico *Correio Mercantil* com um artigo do Sr. Fleury, analytico d'essa

obra, e comquanto sejamos o primeiro a render os devidos encomios ao autor d'esse artigo pelo seu talento, todavia reconhecemos logo pela leitura d'elle mais uma prova do erro constante em que laborão os nossos homens publicos e escriptores. Não curou o Sr. Fleury de apontar um unico acto practicado pelos padres da companhia, durante o seu longo predominio no Brazil, que merecesse reprovação. Não contestou um unico dos muitos e grandes serviços prestados por elles; não contestou uma só das suas infinitas obras meritorias em favor da civilisação d'este paiz, que a historia, a tradição e o testemunho dos antigos attribuem a esses padres; não negou que houvessem sido elles os architectos dos edificios e monumentos grandiosos, cujos muros dilapidados attestão hoje a incuria dos nossos tempos illuminados; mas contende o Sr. Fleury, que « porque » o padre Boucher publicou durante o sitio de Paris em 1591 uma obra incendiaria, *De justa abdicatione Henrici III,* cuja doutrina explicava o direito que temos cidadãos de depôrem os reis. « Porque » o famoso Marianna, jesuita instruido, e muito conceituado em seu tempo, escreveu um longo tractado, *De rege,* para provar a necessidade do regicidio, e finalmente, « porque » no tempo de Luiz XIV o padre Hereau foi encarcerado, por ensinar publicamente doutrinas subversivas da monarchia!? Sim por taes delictos, e ainda outros d'este jaez, commettidos em paiz estranho, quando o Brazil quasi que não tinha ainda a sua razão de ser, sejão os Jesuitas, conclue o Sr. Fleury, abominados entre nós. Cita o Sr. Fleury as autoridades respeitaveis de Pascal, Voltaire, J. J. Rousseau, Dupin, Guizot, Thiers, E. de Girardin, Michelet, Guinet e A. Herculano, os quaes todos, diz o Sr. Fleury, pensavão, e pensão como elle, sobre a materia para provar, que os Jesuitas devem ser proscriptos do Brazil, mas não cita um só acto d'estes padres practicado n'este paiz para justificar a conveniencia e necessidade de similhante medida. Ora, pondo de parte a inapplicabilidade das idéas d'estes autores ás nossas cousas, parece-nos, que poderiamos provar, se isso viesse ao caso, que nem todos elles prégárão ou prégão ainda a doutrina

da proscripção dos Jesuitas. Uma cousa é na verdade mui notavel, e vem a ser, que, sendo os republicanos os maiores inimigos que os Jesuitas tem no nosso paiz, sejão entretanto estes padres accusados por delictos commettidos contra os reis, e não contra os povos, os quaes, quando realmente fossem veridicos, e se achassem bem provados, parece, que não deverião escandalisar tanto as susceptibilidades republicanas. Não aventuraremos a asserção de que a sua incontestavel superioridade intellectual foi o maior inimigo, que elles tiverão contra si. E'certo, porém, que a suppressão da sua ordem de pouco antecedeu os cataclysmas mais tremendos de que a historia faz mensão, e se o volcão, que de longe já agitava as entranhas do mundo politico, e que depois absorveu uma dynastia, a mais antiga, a mais illustre e poderosa dos tempos modernos, de mistura com uma nobreza a mais brilhante e cavalheirosa de que ha memoria, e fez um rei manso, instruido, virtuoso e patriotico expiar no cadafalso, não as culpas das suas acções, mas sim o grande crime do nascimento; se pois estas instituições de tantos seculos se submergirão na cratera, que se abrio; se a existencia da propria Divindade por algum tempo se apagou do entendimento tresvairado dos homens: que muito é, que provas dos seus crimes podeis achar na suppressão de uma ordem de padres, que tinhão por fundamento da sua organisação, por dogma das leis do seu instituto, a obediencia aos decretos do supremo sacerdote, e que, curvando-se respeitosa e sem murmurar, ao breve, que a destituia, não se queixou, e ainda menos accusou a tyrannia dos seus algozes.

Porém entremos em uma breve noticia a respeito d'esta ordem, afim de a fazer-nos melhor conhecida dos Brazileiros, pois temos a convicção de que é só do que ella carece para ser profundamente apreciada e acatada; e note-se, que todas as noções, que temos d'ella, forão colligidas em autores protestantes, os quaes por certo que se não acharião muito inclinados á parcialidade, quando narravão a sua historia.

O anno de 1540 tornou-se para sempre memoravel pelo estabelecimento da companhia dos Jesuitas, em virtude da bulla do Pontifice Paulo III, *Tangimini militantis ecclesiæ*, que sanccionava a sua instituição. Deu-lhe o fundador d'esta companhia, distincto cavalheiro biscainho, chamado Ignacio de Loyola, uma feliz e admiravel organisação, na qual meditava profundamente já de muitos annos. Tendo no anno de 1521 Francisco I, rei de França, á convite dos malcontentes de Navarra, atacado e reduzido a cidadella de Pamplona, a qual se achava mal guarnecida pelas tropas de Carlos V, imperador da Allemanha, que estava então á grande distancia em submetter outras porções sublevadas dos seus dominios hespanhóes, cahio ferido na defeza d'esta cidadella, o esforçado cavalheiro Ignacio de Loyola (*). Durante os progressos vagarosos de uma cura demorada, occupou-se este cavalheiro com a leitura da vida dos santos martyres, e a sua imaginação ao mesmo tempo enthusiastica, intrepida e ambiciosa, ardendo por igualar a gloria d'estes esteios da Igreja Romana, e igualmente pelo desejo de acudir em auxilio da Santa Sé na luta travada contra a mesma pela heresia, acabou por instituir a companhia de Jesus, a melhor e a mais sabiamente constituida de todas as ordens monasticas de que ha noticia.

Quando se medita no progresso rapido d'esta ordem, no grão de poder e riqueza a que ella tão depressa attingio; quando se reflecte na prudencia admiravel com que fôra sempre governada; quando se attende ao espirito systematico e perseverante, impresso nas suas transacções, chega-se naturalmente á attribuir os extraordinarios effeitos d'esta maravilhosa instituição á sabedoria superior do seu primitivo fundador, e julga-se, que elle concebeu e dirigio o seu plano com profunda e consummada politica e sagacidade.

(*) Dr. Robertson's History of Charles the 5th.

Porém os Jesuitas, do mesmo modo que todas as outras ordens monasticas, devem a sua instituição mais ao ardente enthusiasmo, do que á profunda sabedoria dos seus instituidores.

O guerreiro de Pamplona, Ignacio de Loyola, encontrou ao principio grande opposição para a realisação das suas vistas. O Papa, de cuja autoridade havia elle impetrado consentimento para o estabelecimento da sua ordem, devolveu a petição a uma commissão de cardeaes, e não julgando esta nem necessaria, e nem conveniente á instituição, negou-lhe o Papa a sua approvação; foi então que Loyola removeu os seus escrupulos, mediante uma offerta, que nenhum Papa poderia recusar. Propôz elle, que, além dos tres votos de pobreza, caridade e obediencia monastica, que são communs a todas as ordens de regulares, os membros da sua sociedade farião um quarto voto de obediencia ao Papa, obrigando-se a ir para onde quer que elle o ordenasse no serviço da religião, sem exigir nenhuma remuneração da Santa Sé por tal serviço. Ora, em uma época em que a autoridade da Igreja acabava de receber o choque da revolta de tantas nações, que se subtrahião do aprisco, para abraçarem as doutrinas de Luthero: em uma época em que todo o systema da Igreja era atacado com tanta violencia quanto successo, a acquisição de uma corporação de homens devotados inteiramente á Sé de Roma, e que ella podia oppôr aos seus inimigos, era um objecto da mais grave importancia para ella, e o Papa, que para logo o percebeu, confirmou por sua bulla a instituição da sociedade, concedendo aos seus membros os mais amplos privilegios, e nomeando a Loyola para o lugar do seu primeiro Geral.

O resultado justificou o discernimento do Pontifice nos felizes proventos para a Santa Sé, que antolhava da instituição d'esta ordem. Em menos de meio seculo fundou ella estabelecimentos em todos os paizes que adhirião á Igreja catholica; o seu poder e a sua riqueza augmentavão extraordinariamente; o numero dos seus membros tornou-se grande, e o caracter d'estes, e

suas prendas, ainda maiores: os Jesuitas tornárão-se em objecto de exaltação para os amigos, e de terror para os inimigos da fé romana, como a ordem mais habil e emprehendedora da Igreja catholica. Laynez e Aquaviva, os dois Geraes que succedêrão a Loyola, homens muito superiores a seu chefe em talentos, e no conhecimento da sciencia de governar, aperfeiçoárão a constituição e as leis da sociedade, forão elles que delineárão o systema profundo e sagaz de potilica, que distinguio a esta ordem.

CAPITULO XIII.

Muitas circumstancias concorrião para dar uma peculiaridade de caracter á sociedade dos Jesuitas.

O objecto principal da maior parte das ordens monasticas consiste em separar os seus membros das lides d'este mundo, e de qualquer participação nos seus negocios. Na solidão e silencio do claustro, o monge trabalha pela salvação da alma, por actos extraordinarios de mortificação e piedade. Elle está morto para o mundo, e não deve involver-se nas suas transacções. E pois de nenhuma utilidade póde elle ser para a humanidade, excepto pelas suas preces e seu exemplo. Porém, os Jesuitas, pelo contrario erão ensinados a considerar-se como formados para a acção. Elles erão, quaes soldados escolhidos, obrigados a se esforçarem continuamente no serviço de Deos e do Pontifice, o seu vigario na terra; e para que pudessem dedicar-se com tempo e vagar a este serviço activo, estavão elles isemptos da observancia d'aquellas funcções e ritos monasticos fastidiosos, cujo desempenho constituem a occupação principal dos outros frades. A sua obrigação era de attender para todas as transacções do mundo, por causa da influencia que ellas podem exercer sobre a religião.

Erão obrigados a estudar o caracter dos homens influentes e a cultivar a sua estima, e d'este modo, pela constituição fundamental e o genio do seu instituto, um espirito de acção e

actividade se infundia em todos elles. Sendo o fim da ordem de Jesus trabalhar com zelo activo e incessante pela salvação das almas, necessariamente devião elles involver-se em muitas funcções da vida activa. Assim, desde a sua primitiva fundação, incumbirão-se elles da educação da mocidade; prégavão constantemente para instruir o povo, e partião como missionarios para converter os gentios e pagãos; e o zelo, a dedicação e o talento com que se havião n'estas missões, grangeava-lhes a admiração e estima de muitos homens importantes do seu tempo. Como os Jesuitas fazião consistir na instrucção da mocidade, um dos seus objectos principaes, tornou-se-lhes necessario cultivar as artes e as sciencias, de sorte que sobrepujassem a seus rivaes nas materias do ensino, e d'esta arte alcançassem o favor publico. Esta necessidade pôl-os a meditar sobre os meios de facilitar e promover a educação, e pelos melhoramentos, que introduzirão no systema de communicar a instrucção, adquirirão o titulo de benemeritos da sociedade. E nem parárão aqui os seus esforços, elles se tornárão professores eminentes em muitos ramos das sciencias, e a companhia de Jesus só por si, produzio um numero maior de autores engenhosos em todos os ramos dos conhecimentos humanos, do que todas as outras confrarias reunidas.

A ordem estendeu a sua influencia sobre a maior parte do mundo, no intuito de estabelecer e desenvolver a religião catholica e augmentar-lhes os seus proselytos.

Ainda em vida de Ignacio de Loyola fôra o Brazil declarado provincia independente da de Portugal, sendo nomeado primeiro provincial do Brazil o padre Manoel da Nobrega. Em fins de 1558 embarcárão os Jesuitas Luiz da Grãa, Braz Lourenço, Antonio Pires, João Aspilcueta, Leonardo Nunes, e varios, ainda no gráo de irmãos, entre os quaes se contava José de Anchietta, em companhia do novo governador nomeado para o Brazil, Dom Duarte da Costa.

Era, pois, no novo mundo americano, no Brazil e nas possessões hespanholas, que os Jesuitas vinhão exhibir as suas

admiraveis qualidades. Os primeiros conquistadores d'estes paizes tinhão-se conduzido, como que, se nada mais lhes houvéra cumprido fazer, senão roubar, escravisar e exterminar seus desgraçados habitantes. Forão os Jesuitas quem tornárão os sentimentos de humanidade o objecto do seu estabelecimento n'estas terras, aonde começárão desde logo o systema beneficente para com os indigenas, do qual jámais se desviárão até á sua extincção (*). Elles achárão-nos em um estado pouco afastado d'aquelle em que os homens experimentão os primeiros impulsos de se reunirem em sociedade; porém, as suas idéas de religião, o seu orgulho e o seu prazer consistião nas suas festas e banquetes canibaes. Estranhos ás artes, subsistindo precariamente da pesca e caça; e mal comprehendendo os primeiros elementos da subordinação e do governo.

Os Jesuitas se dedicárão a instruir e civilisar estes selvagens: ensinárão-lhes a cultivar a terra, a criar e domesticar os animaes, e a edificar habitações.

Reunirão-nos em aldéas, e instruirão-nos nas artes e nas manufacturas. Fizêrão-nos provar as doçuras da sociedade, e amoldárão-nos aos habitos tranquillos da paz e segurança, abandonando os seus costumes ferozes e canibaes.

Estes povos tornárão-se subditos pacificos dos seus bemfeitores, que os governárão com o amor e mansidão, com que o bom pai dirige os passos dos seus filhos. Respeitados e amados, ao ponto de adoração, um pequeno numero de Jesuitas presidia e governava os destinos de centenas de milhares de Indios.

Os castigos brutaes e sanguinarios, exercidos sobre os indigenas pelos colonos portuguezes e hespanhóes, não erão conhecidos nas suas aldéas: uma palavra dos Jesuitas, uma pequena reprehensão, e quando muito, um leve castigo corporal infligido pelos Jesuitas, era sufficiente para manter a boa ordem entre estes povos primitivos.

(*) History of the Brazil by Robert Southey.

« Dirigira-se o Jesuita Aspicuelta Navarro para o Porto-Seguro, e lá conciliava os Tupinambás; chamava Antonio Pires, em Pernambuco, á união os Taboyaras, os ferozes Caêthés e os valentes Pittaguarés da Parahyba; no Espirito-Santo, reunia Affonso Braz os Papanazes; em S. Vicente, Leonardo Nunes e Manoel de Paiva, empregavão toda a sua actividade e dedicação em abrandar os Carijós e Goiannazes, e na Bahia, o proprio provincial, e os padres Francisco Pires e Luiz da Grãa, muito tinhão que fazer para conseguir tranquillisar as tribus Tupinambás, que tantas queixas tinhão dos Portuguezes. E não era facil tarefa a de conseguir adormecer em animos incultos, odios nascidos de affrontas que havião recebido; tantos mais obstaculos encontravão os Jesuitas, quanto entre os Indios gozavão os Portuguezes de pessima nomeada pelos seus feitos e traições (*). »

« Desde Janeiro até agora, escrevia José de Anchietta ao Geral Ignacio de Loyola, em Agosto de 1554, que aqui vivemos não menos de vinte pessoas, contando os meninos cathecumenos, em uma pobre casinha, feita de madeira e barro, e coberta de palha, com uma esteira de canas por porta, a qual não chega a ter quatorze passos de comprimento com dez de largura: este estreito lugar serve de escola, enfermaria, dormitorio, cozinha e refeitorio, e nem por isso cobiçámos habitações mais folgadas e agazalhadas, consolando-nos a idéa de que por nos remir Nosso Senhor Jesus Christo, submetteu-se a maiores estreitezas e apertos, querendo nascer em um humilde presepio, entre dois animaes, e soffrendo ser pregado em uma cruz. » E com esforços e sacrificios d'esta natureza, conseguia o Jesuita José de Anchietta, chamar á vida pacifica e social tribus ferozes e errantes, tornando-as mansas e industriosas, aldeando-as em derredor d'aquella Igreja, que lhes abria o caminho para a salvação das suas almas. « Eu sirvo, dizia elle n'outra occasião, ao mesmo tempo de medico e sangrador, ministrando remedios

(*) Vida de José Anchietta dos VARÕES ILLUSTRES DO BRAZIL, DURANTE OS TEMPO COLONIAES, do Dr. J. M. Pereira da Silva.

e sangrando os Indios; e alguns d'elles tem sarado debaixo do meu tratamento, quando nenhuma esperança havia de salval-os, pois outros expiravão da mesma enfermidade. Além d'estas occupações tenho aprendido, por necessidade, o officio de fazer alpargatas, e já estou mestre n'elle, e tenho feito muitas para os nossos irmãos, visto como é impossivel andar de sapatos n'estes ermos. » Para sangrar não possuía elle outro instrumento, além de um canivete de aparar pennas, e suscitando-se-lhe escrupulos sobre a propriedade de practicar elle sangrias, porque era-lhes prohibido derramar sangue, foi a duvida referida á Loyola, o qual respondeu, que a caridade se estendia a todas as obras.

Na verdade, querer-se negar os inestimaveis serviços prestados pela companhia de Jesus á cathechese e civilisação dos aborigenes do Brazil, só póde proceder da ignorancia e leviandade. Que temos nós com as rivalidades e contendas que se suscitárão na Europa contra os padres d'esta ordem? Estar-nos-ha por ventura confiada a tarefa de vingadores, para exercer contra elles o odio dos philosophos de uma época em que o nosso paiz começava a emergir das trevas da barbaridade, e a dar os primeiros passos vacillantes na carreira do progresso e civilisação, justamente debaixo dos auspicios beneficentes d'esses mesmos padres? Quaes forão os actos de cruezas, quaes forão os crimes que manchão a sua existencia n'estas terras? Ah! quando as crueldades e perseguições dos ferozes aventureiros de Portugal; quando a brútalidade e sordida avareza dos Mamelucos, os quaes, pela sua participação das duas raças, devião occupar o lugar de élo entre os Portuguezes e indigenas, mas que erão na realidade mais crueis do que os primeiros, e se engrilavão contra os Jesuitas por se oppôrem ao seu uso e practica de prear, captivar e exterminar os miseros Indios. Quando tantas crueldades e horrores, e o contagio pestilente e asqueroso de uns e outros, levavão as molestias, o roubo e a morte ás *tabas* dos indigenas, era a virtude, a sciencia e piedade do Jesuita, quem os ía ahi curar e consolar, e muitas vezes

tambem salvar das garras dos seus oppressores. Nós Brazileiros devemos a esta ordem eterna gratidão.

Negar-lh'a, porque Voltaire e outros philosophos esgotárão os seus engenhos na obra de deturpal-os, é não sómente vil, como ridiculo. Para o coração do Brazileiro verdadeiramente amante da sua patria, a memoria dos Jesuitas ha de ser eternamente venerada, e pouco acreditamos no criterio e illustração d'aquelles, que, esquecendo ou ignorando tantos beneficios, se recreião em estigmatisal-os, só porque nos autores de sua paixão encontrão accusações contra elles; nós, porém, perguntaremos a esses zombadores, se algum dia lêrão a historia do Brazil por Robert Southey, se já lêrão a historia da America por William Robertson e a historia de Carlos V pelo mesmo, e se não lêrão, o que é mais provavel, como ousão com tanta petulancia fallar sobre um assumpto, do qual nada absolutamente sabem?

A nossa razão não é accessivel á idéas supersticiosas, pouca entidade, pois, damos ás narrativas dos milagres operados por estes ou por aquelles.

Nós contemplámos nos discipulos de Loyola, a homens benemeritos, a quem o Brazil deve os primeiros passos que deu na carreira da civilisação; a homens, que, vestidos de algodão, descalços, dormindo sobre a terra fria, trabalhavão com as suas proprias mãos na edificação das suas casas, aonde reunião os indigenas para lhes communicar os preceitos divinos do christianismo, e pela pureza e santidade dos proprios costumes, mostrárão a estes selvagens os beneficios da civilisação; a homens, que, atravessando as virgens mattas, aonde o sol e nem a lua advinhão caminho, passavão caudalosos rios, ião pousar nas *tabas* dos indigenas, afim de resgatal-os aos seus barbaros costumes, chamal-os ao gremio da religião catholica e á união com os Portuguezes.

E' a uma instituição que produzio similhantes homens, a quem desejariamos confiar agora a educação da mocidade: só a

sabedoria, a dedicação e a virtude dos Jesuitas, poderá regenerar os nossos costumes, incutindo no espirito da mocidade do nosso paiz idéas nobres, pureza de costumes e os beneficios do amor ao trabalho. Os Jesuitas tem ainda, entre muitos outros titulos, proprios para captivar a nossa estima e veneração, o grande predicado de serem *muito menos supersticiosos, e infinitamente mais instruidos e moralisados do que os nossos padres,* um grande numero dos quaes demais a mais tem ainda o grande defeito de se acharem profundamente contaminados das doutrinas republicanas, como uma consequencia inevitavel da relaxação dos seus costumes.

Os Jesuitas forão os verdadeiros Apostolos do Brazil; embrenhavão-se nos desertos, sós e inermes, á procura de selvagens embrutecidos; arriscavão o sangue e a vida para infiltrar com a sua eloquencia branda e persuasiva, idéas e costumes sociaes e religiosos nos animos incultos d'esses selvagens. Os antigos Apostolos regenerárão um mundo velho: os Jesuitas creárão um mundo novo, remindo das trevas da barbaria a homens, que, sem os seus esforços terião permanecido para sempre perdidos. Oh! vós que folgaes de insultar a sua memoria, attendei, escutae como a respeito d'elles fallava aquelle, que mais amplos meios teve de conhecêl-os :

São d'esta especie os operarios santos,
Que com fadiga dura e intenção recta,
Padecem pela fé trabalhos tantos :
O Nobrega famoso, o claro Anchietta,
Por meio de perigos e de espantos,
Sem temer do gentio a cruel setta,
Todo o vasto sertão tem penetrado,
E a fé com mil trabalhos propagado.

Muitos d'estes ali — velando pios,
Dentro ás tocas das arvores occultos,
Soffrem riscos, trabalhos, fomes, frios,
Sem receiar os barbaros insultos :

Penetrão mattas — atravessão rios,
Buscando nos terrenos mais incultos,
Com immensa fadiga e pio ganho,
Esse perdido misero rebanho.

Mais de um verás pela campanha vasta
Derramar pela fé ditoso sangue ;
Quem morto ás chammas o gentio arrasta,
Quem deixa á setta com o tiro exangue :
Vêl-os-has discorrer de casta em casta,
Onde o rude pagão nas trevas langue ;
E ao céo lucrando as miseras almas,
Carregados subir d'inclytas palmas.

(Caramuru', poema de José de Santa Rita Durão.)

Escutae ainda a sublime exhortação, que Nobrega dirige aos crueis colonos portuguezes :

Pelas praças prégando, se esforçavão,
Para inspirar idéas de justiça
Aos colonos, affeitos ao vil trato
De caçar e matar os pobres Indios,
Apostolos de Christo, austero Anchietta,
E tú, Nobrega, em vão bradavas :
« Iguaes os homens são ; e christão devem
« Abraçar seus irmãos, do ermo salval-os,
« Guial-os ao Senhor, morrer por elles,
« E não matal-os, como fazem lobos.
« Vós aos Indios chamaes brutos sem alma,
« E assim crêdes poder escravisal-os.
« Mas o que d'esses brutos vos distingue ?
« Que exemplos vós lhe daes, que os edifiquem ?
« Quando alguns d'entre vós té mesmo, oh ! crime !
« A comer carne humana os aconselhão !...
« Tremei, oh ! Lusos, da justiça eterna.

« Deos não nos enviou do antigo mundo,
« Estrada abrindo em não trilhados mares
« A esta ignota plaga, p'ra flagello
« D'estes miseros homens. Não, oh! Lusos!
« Nossa missão é outra. A luz da Europa,
« Não seus erros, aqui mostrar devemos.
« Esta é a terra santa e hospitaleira,
« Onde á sombra da cruz a liberdade
« Deve co'os homens repartir justiça.
« A cruz ergamos, sim, a cruz de Christo
« Signal de Redempção; a cruz que outr'ora
« No Capitolio alçada — salvou Roma,
« Como a arca santa, que salvou das aguas
« A antiga geração. Da cruz em torno
« Estas gentes de Deos a luz recebão,
« Como em outra éra os barbaros do Norte
« A seus pés cahir virão do erro a venda.
« Amor, Fé, Esperança e Caridade,
« Eis do Cordeiro as armas invenciveis!
« Christo com ellas conquistou o mundo;
« Nós com ellas, os Indios venceremos,
« E não com ferro e fogo. Ouví, oh! Lusos,
« As palavras do céo — não as do inferno, »

(A CONFEDERAÇÃO DOS TAMOYOS, poema de Domingos José Gonçalves de Magalhães.)

CAPITULO XIV.

Quando se investiga com um espirito de attenção o systema todo brazileiro, a existencia de uma singular contradicção, no mechanismo de sua organisação, manifesta-se desde logo ao pensamento; observa-se a extrema, excessiva liberalidade, sobre a qual se basêa a sua estructura politica, *juxta posta*, a

uma indole tacanha e suspeitosa nas suas disposições fiscaes, e em alguns pontos importantes, nas administrativas igualmente ; porém, alguma reflexão mais aturada, patentea-nos claramente a causa d'esta notavel anomalia.

O espirito das nossas instituições politicas, nós o fomos beber no manancial dos grandes principios de liberdade, creado pela revolução franceza, ao passo que a indole do nosso systema fiscal, e em parte tambem do administrativo, resentem-se ainda das acanhadas idéas de uma metropole pequenina em extensão, e ainda mais, em idéas e costumes.

Deu-se um elasterio amplissimo, demasiado, considerando-se a nenhuma educação politica preparatoria, que tinhamos tido, ao elemento meramente politico, quando nos constituimos em nação independente, mas conservou-se, em grande parte, o systema carunchoso e mesquinho de Portugal, no que se referia á administração e ao fisco. Ora, precisamente o contrario d'isto é o que se devêra ter practicado.

Todo o homem por mais ignorante que pareça, comprehende perfeitamente, que é melhor pagar dois do que quatro, como tributo, sobre o objecto do seu commercio, ou industria, e que é melhor, dado o mesmo *quantum* de tributo, organisar o systema de percepção de maneira, que, em alguns minutos, possa elle obter o seu despacho na estação publica, do que obrigal-o a gastar um dia inteiro n'um processo fastidioso; porém, nem todo o homem tem bastante intelligencia e moralidade para saber prezar devidamente os direitos politicos amplissimos do suffragio universal.

Entregar o poder politico a um povo, sem o haver préviamente preparado para exercêl-o, por meio de uma educação politica adequada, de maneira que possa auferir d'elle beneficios para si, e para o estado, torna-se muitas vezes um presente extremamente damnoso ao seu socego. Quasi sempre esse poder vem

elle a captival-o, ou aos interesses egoistas e rancorosos das facções e dos partidos, ou aos seus proprios mesquinhos e ignobeis calculos de vantagens e lucros individuaes.

Para que um povo possa exercer o poder politico com vantagem para o estado, e para si, como parte integrante do mesmo estado, é mister que elle tenha pleno conhecimento dos homens e das cousas do seu paiz, de outra fórma nada mais será elle do que o instrumento ou cégo, ou venal, de um motor interesseiro, e justamente n'este caso, ainda hoje está a massa do povo do Brazil, e estava-o infinitamente mais ainda, quando lhe foi outorgada a Constituição. Porém, não se póde voltar atraz, e pois, cumpre procurar por todas as fórmas, elevar a nação á altura das suas liberdades, afim de a tornar digna d'ellas, e um dos meios conducentes a esse *desideratum*, está em desenvolver os melhoramentos materiaes, porque d'aqui resulta uma subida nos salarios pela demanda do trabalho, e uma baixa no preço dos productos pelo aperfeiçoamento das vias de communicação. Ora, este melhoramento material na condição do homem pobre, habilita-o melhor a attender para a cultura do seu espirito e a elevar as suas idéas e sentimentos, o que o constitue mais zeloso e probo no exercicio dos seus direitos politicos e civis. Arredar os entraves, que empecem o livre curso do commercio, é pois igualmente um melhoramento material, que produz importantissimos resultados.

Alguma cousa, mesmo bastante, na verdade, temos melhorado de ha alguns annos a esta parte, no tocante aos verdadeiros principios de liberdade do commercio, mas o systema francez de concentração ainda prevalece demasiadamente, quanto á distribuição das repartições fiscaes do nosso paiz.

Na opinião de alguns nossos estadistas de grande vulto, as alfandegas d'este vastissimo Imperio dever-se-hião resumir a quatro ou seis, e não ha ainda muito tempo, que se cogitava no projecto criminoso de supprimir as de Santos e Paranaguá.

Pretende-se que a França e a Inglaterra são parcas no estabelecimento, e nas attribuições concedidas a algumas d'essas repartições, mas não se reflecte — não se quer mesmo reflectir, que a navegação costeira, e ainda mais, os meios de communicação interna são facillimos e baratissimos n'esses paizes.

Obrigae, porém, o café e outros generos, que se despachão em Santos em direitura para o estrangeiro, a procurar a praça do Rio de Janeiro para esse fim, e por similhante acto, terieis infligido o prejuizo de alguns milhões por anno aos lavradores d'esta Provincia e das de Minas e Goiaz, que se servem d'este porto para a realisação dos seus productos.

E' verdade que por outro lado terieis conferido um beneficio equivalente ao commercio da cidade do Rio de Janeiro, e como é ali que residís, interessar-vos-hia isto talvez alguma cousa. O egoismo mesquinho e pessoal, é desgraçadamente o sentimento, que mais impera sobre as acções dos homens publicos do nosso paiz.

Não dizemos que se devão estabelecer por toda a parte alfandegas, mas é certo que a respeito de certos portos, alguma cousa se deve fazer no sentido de outorgar-lhes os beneficios do commercio directo.

Ubatuba, por exemplo, reclama providencias paternaes, que tendão a fomentar o seu commercio e a dar mais desenvolvimento á lavoura dos districtos, que se communicão com este porto; podia-se estabelecer ali uma mesa de rendas, com a faculdade de despachar em direitura para o estrangeiro os generos de exportação de longo curso, concedendo-se-lhe igualmente o direito de despachar para o consumo, certos objectos grossos e de primeira necessidade, como por exemplo o sal, e certa classe de molhados, bem como baêtas, algodões, chitas, ferragens, &c. Esta medida, aliás tão facil de ser adoptada, daria algumas centenas de contos de réis de lucro annualmente á lavoura d'esta secção da nossa Provincia, porquanto, pouparia

os pesados fretes da cabotagem e as commissões de venda do Rio de Janeiro. Ora, nas mesmissimas circumstancias em que se acha a cidade de Ubatuba, estamos certissimos, que necessariamente devem-se achar igualmente muitas outras, que um ministro, verdadeiramente grande e patriota, procuraria indagar e satisfazer. O commercio directo é um poderosissimo elemento de riqueza e civilisação para uma nação nova, porque põe os povos em contacto com os estrangeiros; dever-se-hia, portanto, leval-o á todos aquelles portos, que tem proporções para recebêl-o. A indole do nosso systema governamental é a da nação pela nação, e pois, todas as medidas que tendem a ampliar á orbita das idéas do povo, e a tiral-o do bisonhismo, mediante o contacto com os homens de nações mais adiantadas, torna-o mais capaz e apto para conhecer a importancia, e prezar o exercicio dos seus direitos. Dar a uma nação os principios politicos liberrimos dos Estados-Unidos, como os nossos são, e querer apertal-a no systema fiscal suspeitoso e illiberal do Paraguay, é absurdo, que só póde achar guarida na cabeça de algum doudo.

As vias de communicação, como dissemos, é outra grande necessidade do nosso paiz, que felizmente tem merecido os cuidados do governo, mas é mister ter sempre em vista que todo o dinheiro, que a nação despende com a satisfação d'esta grande necessidade, é como o chylo, que percorrendo o systema social, leva o vigor e vitalidade aos seus nervos mais reconditos.

As riquezas que se extrahem do povo, para o fim de dotal-o com boas estradas, são como os vapores, que se elevão das suas entranhas, mas voltão sobre a terra como chuvas fertilisadoras; não deve, pois, o governo hesitar em promovêl-as o mais possivel. A nação, que almeja exercer alguma influencia no mundo, deve procurar tornar os seus meios de communicação os mais perfeitos possiveis, de maneira que os homens, as idéas e os productos possão gyrar e percorrer o paiz todo com facilidade e barateza; ainda estamos muito longe d'este estado, mas já o estivemos muito mais; nós andamos devagar, porém feliz-

mente sempre andamos, e é de esperar, que o progresso ainda alcance o nosso systema fiscal e administrativo, derrubando e destruindo toda essa concentração, todas essas delongas e rodeios de uma politica colonial, inteiramente incompativeis com as necessidades de um Imperio como o nosso, o qual exige a mais ampla e plena liberdade de acção n'estes ramos, afim de poder desenvolver os seus vastissimos recursos naturaes.

O estado tem direito inauferivel á aquelle *quantum* de tributos, de que carece para o governo da sociedade, mas a nação tem o direito de exigir a abstenção de vexames, desnecessario no processo de o cobrar.

A Inglaterra é o modelo n'estas materias, mais proprio para a imitação dos estadistas do Brazil; lá procura-se sempre suavisar o peso do tributo eximindo-o, o mais possivel de vexames no modo de o cobrar.

CAPITULO XV.

Tem-se repetido como um axioma cheio de espirito e profundeza, que, « quem diz Brazil, diz marinha », e no entanto, não conhecemos expressão mais destituida de fundamento e applicação ás circumstancias do nosso paiz. Porém, assim acontece quasi sempre. Algum dos estadistas do Brazil, d'aquelles que Eugenio do Prado outr'ora tão exactamente descreveu, profere no circulo dos seus idolatras um dito, muitas vezes chistoso na verdade: este dito, como a pedra que cahe n'um lago, descreve um circulo na sociedade, o qual reproduzindo-se infinitamente, vae tocar nos seus confins, mas passado um espaço de tempo, nem vestigios mais se vê da impressão que produzio. Tem desapparecido a pedra e as marêtas, que ella causou.

O Brazil nunca ha de vir a ser uma grande potencia maritima, porque nenhum elemento possue para o ser. Essa cadêa de montanhas, que cinge a maior parte da nossa costa, deixando

uma tira de terra entre ella e o mar, ao mesmo tempo que nos confere a inappreciavel vantagem de um clima europêo para as regiões, que demorão em cima da serra, vedando por outro lado, á maior parte dos nossos grandes rios, uma facil communicação com o Atlantico, será uma barreira eterna contra a creação de uma grande marinha n'este paiz, porque os rios navegaveis e os grandes lagos são os manànciaes de marinheiros, os quaes, similhantemente aos peixes, se crião n'elles para sahirem ao depois pelas suas bocas a correr os mares do mundo. Demais o nauta brazileiro nasce debaixo de uma zona calida, cria-se em mares bonançosos, e pois, quando tivesse de sahir d'elles, iria sempre para latitudes comparativamente boreaes e mares tormentosos, e o seu sangue se paralysaria com a mudança da temperatura: uma noite de inverno tempestuoso n'esses mares, o gelaria em uma hora.

Mas, se nós não podemos vir a ser jámais uma grande potencia maritima, e não precisamos sêl-o, podemos e devemos possuir uma marinha adequada ás necessidades do nosso commercio, e capaz de impôr respeito aos nossos visinhos turbulentos.

Qual é, pois, o melhor meio de criarmos uma marinha capaz de preencher as condições acima expressadas? é franquear a navegação costeira a todas as marinhas estrangeiras. Parece isto um paradoxo, e pois, entraremos na demonstração da nossa proposição: o Brazileiro, quer nato, quer adoptivo, desde o momento, que se torna proprietario de um navio, trata logo de adquirir escravos, com os quaes o tripula, o que se dá até com todos os nossos vapores, d'ahi resulta retrahirem-se os homens livres d'essa carreira; e não se pense, que o serviço d'esses navios lucra com o emprego n'elles de escravos, pois a carestia extraordinaria dos nossos fretes de cabotagem, comparados com a modicidade dos dos navios estrangeiros de longo curso, bem prova o contrario d'isso, porém, o Brazileiro está habituado ao serviço do negro captivo, no meio dos quaes nasceu, e assim, comquanto muito mais porco e muito mais caro, prefere-o

todavia ao serviço do homem livre. Mas a consideração da perda infallivel d'esses marinheiros escravos, desde que elles puzessem o pé n'aquellas terras, aonde a escravidão não é admittida, detém os proprietarios d'esses navios de alongarem as suas viagens além dos limites das nossas costas.

Assim, pois, a nossa marinha mercante para nada serve, antes só prejuizo nos acarreta, porque nos obriga a pagar um frete fabuloso pelo seu máo serviço, e não encontra n'ella a nossa marinha de guerra aquelle viveiro de marinheiros, que encontrão nas suas aquellas nações, cuja marinha mercante é desempenhada com o serviço do homem livre. Cumpre, pois, reformar este systema, mas o remedio já proposto de uma forte taxa sobre o marinheiro escravo, viria ainda aggravar o mal, porquanto, o proprietario se valeria d'esse pretexto para elevar ainda mais os seus fretes. O remedio está, porém, em abrir-se á navegação de cabotagem á concurrencia franca das marinhas estrangeiras. Vejamos, agora, qual seria o resultado provavel d'essa medida. Alguns proprietarios de navios, por sem duvida, que terião de mudar a occupação dos seus capitaes, e de vender os seus marinheiros captivos, estes, porém, terião de seguir para a lavoura, o que seria um grande bem.

Em breve um numero de navios estrangeiros, naturalmente inglezes, sardos, portuguezes e americanos, se dedicarião á nossa navegação de cabotagem, e os fretes d'esta, mediante a concurrencia, grandemente baixarião, e eis-aqui ainda outro bem, e note-se, que quasi toda a nossa navegação de cabotagem consiste nos generos alimenticios. Mas um navio, por exemplo inglez, que viesse da Inglaterra com as vistas de empregar-se n'esta navegação, traria sem duvida, a sua tripolação completa, porém no fim de um ou dois annos essa tripolação se acharia grandemente desfalcada, pelos effeitos de molestias, mudança dos marinheiros para outros barcos, e os desejos, que alguns d'elles sentirião, de regressarem para o seu paiz; entretanto, o proprietario á quem provavelmente não conviria fazer o

mesmo, necessariamente procuraria preencher estes desfalques, engajando a gente do paiz, domiciliada ao longo das nossas costas. Ora, o mesmo que faria o inglez, farião tambem os outros, e assim teriamos aberto uma carreira nobre aos nossos patricios, debaixo dos auspicios e do ensino dos melhores mestres do mundo, e este resultado é tão seguro, tão intuitivo mesmo, que só um espirito de rotina, e a errada appreciação de certas doutrinas européas, inapplicaveis inteiramente ás circumstancias do nosso paiz, faz-nos persistir em não querer adoptar esta medida na sua mais ampla latitude.

A franqueação da nossa navegação costeira a todas as marinhas estrangeiras, teria o effeito immediato de produzir uma baixa extraordinaria nos fretes de cabotagem, em vantagem da lavoura, e mais tarde, se viria emergir d'essa medida uma marinhagem mercante brazileira, completamente adequada a todas as necessidades do nosso commercio, e apta para ser o viveiro da nossa marinha de guerra, e os marinheiros captivos, que actualmente se empregão n'ella, irião com muito mais proveito lavrar a terra, e este resultado é tão seguro, tão certo e infallivel, que só nos admira, que haja ainda quem não veja e apprecie a sua vantagem.

CAPITULO XVI.

Um dos erros mais fataes, que se commettêrão na occasião da fundação d'este Imperio, foi, sem duvida alguma, a designação para a séde do seu governo central de uma cidade da beira mar. Os Portuguezes, que erão, e ainda em parte continuão a sêl-o, um povo de navegantes, e essencialmente commerciante, forão-se estabelecendo em uma estreita orla de terra ao longo da nossa costa, e attrahindo para esses pontos o commercio e os europêos recem-chegados, forão essas povoações crescendo e augmentando, e tornárão-se opulentas. Nas visinhanças d'essas cidades, só se formárão pequenas povoações para o fim de

ministrar e prover ás necessidades religiosas e sociaes dos lavradores dos seus contornos, mas sem as condições proprias para se tornarem em grandes cidades.

A descoberta do ouro e das pedras preciosas, nas serras da provincia de Minas-Geraes, attrahio grandes nucleos de população para esses lugares, aonde fundárão-se cidades importantes, que ao depois ainda avultárão pela sua industria e civilisação, porém, a grande distancia d'ellas dos portos de mar, a sua absoluta isolação, e os pessimos meios de communicação, que então havião, vedou-lhes de attingir ás proporções indispensaveis, afim de fazer com que alguma d'ellas se destinasse para a capital futura d'este paiz. Viver no centro de Minas n'esses tempos, equivalia a uma segregação completa de todo o mundo, e a côrte de D. João VI, que, traslando-se para o Brazil, conservava os olhos e o coração pregados aos seus dominios de Portugal, não se quiz entranhar n'este paiz, no qual bem previa, que seria passageira a sua residencia. Os Portuguezes preferião estabelecer-se mais á mão dos seus navios.

Quando uma nação procura um lugar appropriado para a fundação da séde, e centro de todo o seu systema, devem actuar sobre o seu espirito os grandes interesses da sociedade, desenhados no futuro que a aguarda, assim Pedro — o Grande —, emergindo da barbaria asiatica, e imaginando tornar a Russia uma grande potencia européa, abandonou Moscow e foi fundar S. Petersburgo. Quando Felippe II, rei de Hespanha, removeu a sua côrte da magnifica e opulenta Sevilha, que era então o emporio dos thesouros do novo mundo, e cuja população n'esta época subia ao numero enorme de seis centas mil almas, preferindo a cidade muito menos importante de Madrid para o assento definitivo da côrte hespanhola, era elle influenciado pelas grandes vantagens, que esta cidade offerecia, na sua situação central, em relação ao todo da peninsula hespanhola. Haverá, porém, alguma vantagem para os interesses brazileiros em conservar-se a capital d'este vasto Imperio na cidade do Rio de Janeiro, que

possa contrabalançar os grandes males que resultão d'este facto ? Poder-se-hia, talvez, allegar a conveniencia de tornar-se o Brazil uma grande potencia maritima, porém nós já mostramos a impossibilidade de conseguil-o, e que vantagens nos resultarião d'ahi, quando mesmo pudessemos sêl-o, tendo nós tantas terras e tão ferteis, aonde podemos estender a nossa população com muito menos risco e mais proveito para o Brazil ? Os mares são os campos, que aquellas nações arão, que já não os possuem proprios para as suas superabundantes populações. Diz-se, que a bahia do Rio de Janeiro é incomparavel em sua commodidade e extensão : que n'elle podem entrar e fundear, sem a menor difficuldade, todas as frotas do mundo ; é verdade, e por isso é, que é ella um grande emporio commercial, mas será esta circumstancia uma razão para determinar a sua escolha para a capital de um vasto Imperio ? Não é, e antes seria um motivo para evital-o.

Por mais que os amigos da paz se esforcem por proscrever dos usos modernos, o appello á ultima razão dos povos, as nações de quando em quando batem-se, conquistão e são conquistadas.

E' rasoavel, pois, pensar, que algum dia tambem nós seremos arrastados a taes extremos. Pois bem, perguntaremos agora : poder-se-hia a cidade do Rio de Janeiro defender contra, já não diremos, as gigantescas armadas da Inglaterra, da França ou dos Estados-Unidos, mas mesmo contra meia duzia de vapores de uma potencia de segunda ordem, ou que as pequenas republicas do sul pudessem armar contra este Imperio ? Quem entra pela barra do Rio de Janeiro com vistas observadoras, reconhece desde logo, que não poderia ella fazêl-o. Um ou dois navios, talvez pudessem ser mettidos a pique pelas fortalezas, que defendem a sua entrada, porém o resto infallivelmente passaria para fundear defronte da cidade em perfeita segurança, e assestar a sua artilheria para aquelle ponto, que pretende-se destruir.

Não é possivel fortificar efficazmente a cidade do Rio de Janeiro, mediante obras de terra, contra a entrada das modernas

esquadras gigantescas á vapor: a sua mesma grandeza seria n'este caso a sua ruina.

Porém, as ultimas guerras demonstrão, que as nações presentemente não se destróem vandalicamente, só pelo gosto de destruir, como d'antes succedia. Durante a guerra, ellas atacão reciprocamente os exercitos, as esquadras, e destróem os arsenaes e depositos bellicos, as munições e nada mais: a propriedade particular não soffre perigo algum. Odessa, no Mar-Negro, nada soffreu dos Inglezes e Francezes na guerra do Oriente, e entretanto, se o tivessem querido fazer, podião elles têl-a arrazado, pois estavão senhores dos mares.

A propriedade particular da cidade do Rio de Janeiro, pois, nada provavelmente soffreria com a entrada de uma esquadra inimiga, porém os seus arsenaes, os seus depositos de artigos bellicos, serião todos infallivelmente arrazados com o chão e, destruidas ou arrebatadas as munições de guerra, que houvessem n'elles : é pois evidente a prudencia, que nos aconselha de não gastarmos grandes sommas em obras, as quaes não poderiamos defender de taes insultos.

Quando as nações guerrêão, procurão penetrar até ás respectivas capitaes, para o fim de dictarem d'ellas as condições da paz, no meio do desalento e desmoralisação de uma côrte vencida e fugitiva. A cidade do Rio de Janeiro, não se poderia precaver contra uma catastrophe similhante, e esta triste occurrencia seria um golpe terrivel para o prestigio do principio monarchico, em um paiz aonde elle se acha ainda mal seguro.

Encaremos, porém, agora esta materia por outra phase. N'este momento pergunta a opinião publica da Inglaterra, pelo orgão do seu jornal o *Times*, « porque depois do estabelecimento do systema de telegraphos e caminhos de ferro, ha de o governo da India ter a sua séde em um pantanal pestilento, sobre as margens do rio Hooghly, quando para se obter um estado sanitario

europêo não ha mais do que transferil-a para algum cimo d'essa gigantesca serrania, que de Calcutá se avista. (*) »

Note-se, entretanto, que Calcutá é uma cidade modernissima, que fôra ella fundada por Inglezes, sob a influencia da previsão dos grandes destinos, para os quaes a destinavão, que no seu plano e na execução d'elle, prevaleceu o pensamento grandioso de edificar-se uma magnifica cidade de palacios, como não ha nenhuma no mundo superior, que o seu systema de esgoto é o melhor que póde ser, e que ali se faz sentir a vigilancia e zelo de uma policia ingleza, e entretanto, Calcutá é, e ha de sêl-o eternamente, uma cidade insalubre, porque a sua posição geographica, n'uma latitude baixa, não lhe deixa outro recurso.

Mas Calcutá não está peior collocada do que a cidade do Rio de Janeiro, quanto ás considerações de salubridade, e pois, perguntaremos nós por nosso turno:

Porque depois do estabelecimento do systema de telegraphos e caminhos de ferro, ha de o governo d'este bello e magnifico Imperio ter a sua séde em um pantanal pestilento, que nenhuma sciencia, nenhuma arte, poderá jámais tornar saudavel, quando para se obter um estado sanitario europêo, não ha mais do que transferil-a para algum cimo d'essa gigantesca serrania, que borda a nossa costa.

Será difficil haver cidade, onde se respire ar mais impuro e repugnante do que aquelle, que se respira na côrte d'este Imperio. Ha horas em que ruas inteiras são mergulhadas em uma atmosphera, que tem o cheiro que domina nas praias de despejo.

Mas o arrazamento do morro do Castello não minorará o mal, pelo contrario augmental-o-ha; desejariamos, que se pudesse fazer já a experiencia, com tanto que fosse possivel voltar ao antigo estado, se ella provasse a necessidade d'isso. A insalubridade do Rio de Janeiro não provém da falta de ar, esse

(*) Jornal do Commercio de 23 de Outubro de 1860.

banho de ar, tão almejado pelos que propugnão pelo arrazamento d'aquella montanha, recebe-o ella, e até de vento forte, todos os dias, porém é que esse ar e esse vento, já estão saturados dos vapores deleterios, que levão as molestias aos corpos dos seus habitantes, e senão, porque é, que a Praia-Grande, S. Domingos e a Ilha do Governador, não são mais saudaveis. O Rio de Janeiro sempre foi insalubre desde a sua fundação: tem-se aggravado o mal pela agglomeração da população, mas a remoção do morro do Castello, ainda mais o augmentaria, tirando uma montanha coberta de vegetação, a qual alguma cousa faz pela purificação do ambiente, para em seu lugar edificarem-se casas, que, com a conservação nas suas paredes massiças, do calor abrazador do sol fosse elevar a temperatura do ar, augmentando d'essa maneira a fermentação do lixo e materias fecaes, que essas casas produzirião.

Se se projectasse plantar o espaço adquirido, e aquelle ganho sobre o mar, de arvoredo, sem duvida, que a medida seria proficua, porém, cobril-o de casas, será peior do que deixar ficar o morro como está. Para realisar-se o arrazamento completo d'elle, é mister rebaixar todo o espaço comprehendido no seu ambito, e atterrar aquelle ganho sobre o mar, até os pôr ao nivel da cidade, e então, se offereceria mais toda essa immensa area para a estagnação das aguas pluviaes, sem a possibilidade de dar-lhe prompto esgoto.

Não somos profissionaes na materia, mas os argumentos que vimos de expender, parecem-nos intuitivos.

A cidade do Rio de Janeiro não deve crescer mais, e todos os motivos de boa politica, todas as razões de segurança e prosperidade para o futuro d'este Imperio, todas as considerações de humanidade, aconselhão a trasladação da côrte para outro lugar.

Quanto mais crescer esta cidade, e por consequencia mais se afastar e diminuir a influencia purificadora do oxygenio, que emana dos bosques e das florestas, substituindo-o pelo deleterio

gaz carbonico, que o corpo humano, e a fermentaçãó do lixo e residuos de toda a especie gera, tanto mais insalubre se tornará ella, vindo a final a constituir-se em uma infallivel sepultura, para todos aquelles, que não tiverem ahi nascido. Desde que não se póde remover a cinta de pantanaes de muitas leguas de diametro, que a cinge, elevar a sua baixa latitude, e purificar com o oxygenio o ar pejado de vapores deleterios, em que consiste o seu ambiente, não ha sciencia, nem arte humana capaz de a transformar em uma cidade saudavel. E pois, porque ha de a capital d'este grandioso Imperio continuar a ser o symbolo de uma idéa de peste e de nausea, quando é tão facil dar-nos uma capital com o clima delicioso da Lombardia ?

O verdadeiro patriota, que sente profundamente, que a conservação e fortificação do principio monarchico, é uma condição indispensavel para o engrandecimento d'este paiz, contempla com receio e anciedade a residencia da dynastia na cidade pestilenta do Rio de Janeiro, quando é tão facil mudal-a para um clima, proprio para nos dar principes sadios, vigorosos e varonís ; e não se suppunha que a mudança da côrte traria a decadencia d'aquella cidade ; obstaria, sem duvida, ao seu muito maior crescimento, o que seria antes uma fortuna para os habitantes d'ella, mas o Rio de Janeiro continuaria sempre a ser a primeira cidade commercial da America do Sul, para o que a sua feliz posição geographica, a grandeza e commodidade da sua bahia e a sua vantajosa situação, em relação a varias provincias importantissimas, admiravelmente a qualifica. A cidade do Rio de Janeiro conservaria eternamente uma supremacia commercial, que nenhuma outra jámais lhe poderia disputar.

CAPITULO XVII.

Desde que se reconhece a necessidade da trasladação da côrte para um ponto mais saudavel, e o qual melhor se possa prestar a um systema de obras de defeza em grande escala, tres cidades assomão logo ao pensamento: Barbacena, S. João d'El-Rei e S. Paulo.

Passemos, pois, a considerar as vantagens e proporções respectivas para o fim de fixar-se ahi a séde de todo o systema politico d'este Imperio.

Uma instinctiva sympathia, que sentimos por Barbacena, nos levaria a dar-lhe a preferencia, se a escolha dependesse da nossa vontade. A salubridade dos seus ares, a magnificencia do seu sitio, a sua altura de 3,530 pés acima do nivel do mar, são condições que eternamente lhe asseguraráõ mil attractivos, mas infelizmente Barbacena está demasiadamente distante do littoral, e largos annos deveráõ passar antes que se lhe possa dotar com uma estrada de ferro até á cidade do Rio de Janeiro. S. João d'El-Rei tem um bellissimo clima, é abastada, e acha-se vantajosamente situada para o grande commercio, que entretém, como entreposto commercial, entre os habitantes do poente de Minas, e das provincias de Goyaz e Matto-Grosso com a cidade do Rio de Janeiro; porém, S. João d'El-Rei tambem está muito distante do littoral, e existirião as mesmas difficuldades, ainda por muito tempo insuperaveis, para ligal-a por meio de via ferrea áquella cidade.

Resta-nos, pois, S. Paulo, e tão numerosas e manifestas são as vantagens, que concorrem n'esta cidade, para conferir-se-lhe a preferencia, quando se tratasse de escolher o lugar melhor adaptado para a capital de um grande Imperio, que mais alguma demora nos é mister no desenvolvimento dos seus numerosos

predicados. Não foi sem razão, que o sublime e cultivado Anchietta, contemplando extasiado de admiração e banhado em pranto delicioso, os bellos e arejados campos do Piratininga, estendidos em algumas leguas de formosas planicies, retalhadas de rios os mais pittorescos, resolveu erigir ahi um grandioso collegio, consagrando o lugar ao Apostolo S. Paulo, ensinando elle proprio n'esse collegio primeiras lettras, grammatica portugueza, as linguas castelhana e latina, e inculcando os sublimes preceitos do christianismo, não sómente aos colonos e mamelucos, senão tambem aos gentios, os quaes cathechisava e aldeava em derredor da Igreja.

Na verdade, a belleza da paisagem dos contornos de S. Paulo, o magnifico panorama, que se desdobra em sumptuosa perspectiva, enchem de admiração e nunca sacião o espirito cultivado que o contempla.

Não ha talvez igual em parte alguma, nós pelo menos nunca o vimos, e entretanto já gozamos de alguns, que com razão passão pelos mais bellos do mundo.

O clima d'esta cidade, iguala á formosura do seu sitio: o corpo humano experimenta uma força, uma elasticidade, um vigor, tal sensação de alegria e de prazer se infunde e derrama pela alma e ser do homem, que fascina e prende a este lugar, e nós ainda não encontrámos pessoa alguma, que tendo morado, ainda mesmo, que tão sómente por alguns dias na Paulicêa, que não ficasse morrendo de amor por ella. Porém, não é unicamente em razão de sua belleza, e nem tão pouco da salubridade do seu clima, que nós encaramos as vantagens d'esta cidade: tem ella outras de uma importancia transcendente, que se referem á sua posição topographica, as quaes, se é possivel, ainda lhe dão maiores titulos para ser escolhida para a côrte de um grande Imperio.

Está S. Paulo situada na distancia de dez leguas do excellente porto de Santos: em quatro annos deve achar-se concluida a

estrada de ferro, que vae ligar estas duas cidades; Santos, pois, ficará, por assim dizer, collocada nos arrebaldes de S. Paulo para todos os effeitos de facilidade e presteza de communicação. Poder-se-hia, pois, tornar d'aquelle porto, a grande praça militar do Imperio, erigir-se ali arsenaes de guerra, estaleiros e depositos para materiaes de construcção em vasta escala, para o que o seu bello porto se presta admiravelmente. Poder-se-hia construir d'elle, a Woolwich do Brazil, o centro de todo o nosso systema naval, protegendo-a, entretanto, dos insultos de um inimigo com obras de fortificação, que se poderião estender, querendo-se, pela distancia de uma legua, desde a cidade até á barra. A entrada do porto de Santos, comquanto seja excellente, e de facillimo accesso até aos navios de maior calado do mundo, todavia, por isso que não é muito larga, não se presta a uma entrada por navios emparelhados ou em grupo e comboy. Os barcos carecem entrar de um em um, seguindo o canal do rio, e terião forçosamente de passar por debaixo das baterias, que se poderião construir, como dissemos, desde a barra até á cidade. Assim o desarvoramento do primeiro navio, poria em grande risco a segurança de todos os que seguissem, visto como, nem a largura, e nem o fundo do rio, se prestão a um desenvolvimento das grandes manobras nauticas. Mas concedamos, que, á despeito de todas as obras de defeza, que se construissem, pudesse ella ser tomada por uma esquadra poderosa, ainda assim, seria de mister um grande exercito para avançar sobre S. Paulo. Ahi as balas das náos não chegarião; ora, para transportar um grande exercito ás plagas do Brazil, demandaria uma somma tal de despeza, de trabalho e de tempo, que nenhum paiz do mundo o tentaria, se não em ultima extremidade, que n'estes tempos de civilisação e de efficacia dos meios diplomaticos, não é possivel conceber-se. Demais, a propria capital podia, e devia mesmo ser circumdada com obras de fortificação tão completas, que nenhum exercito, que se pudesse por aqui, a tomasse. A entrada, pois, de um segundo Roussin com a sua esquadra de murrões accessos, nenhum abalo nos causaria, e na verdade, que

grande mal poderia ella fazer-nos nos tempos em que vivemos, em que já não se destróe só pelo gosto da destruição? Desmantellar uma fortaleza, ou bloquear um porto, e nada mais. Entretanto, o Governo Imperial continuaria desassombrado a cumprir os seus deveres na capital, e a côrte aguardaria sem receios, e nem perigos, o triumpho infallivel da causa nacional. E' realmente tão imperiosa a necessidade, que as nações sentem de pôrem as suas capitaes ao abrigo de qualquer golpe de mão, que a propria Inglaterra, comquanto, senhora dos mares, todavia trata de fortificar Londres, afim de defendêl-a de qualquer tentativa similhante, e procura um lugar no centro do paiz, aonde possa estabelecer o seu grande deposito de munições de guerra, e erigir os seus arsenaes militares, tão convencida se acha ella de que nenhuma victoria sua subsequente, poderia jámais diluir o desar e a desmoralisação para ella da entrada de um inimigo victorioso na sua capital, bem como da impossibilidade de defender efficazmente um porto de mar contra um attaque repentino das gigantescas esquadras dos nossos dias. Esse socego de espirito, que resulta da consciencia da segurança, tão necessario para a força moral de uma nação, não poderemos nós sentil-o em tempo de guerra, emquanto a nossa capital se achar collocada em uma grande bahia, dentro da qual podem fundear a seu salvo, e em perfeita tranquillidade, todas as esquadras do mundo reunidas. Não desejaremos jámais citar qualquer acto do Imperio Celeste, como digno de imitação para o nosso paiz, é certo, porém que, na escolha do lugar para a residencia da sua côrte, mostrou elle profunda e consummada sagacidade. Na difficuldade de chegar a Pekin, é que está toda a força d'aquelle Imperio.

A mudança, pois, da séde do nosso governo central para a cidade de S. Paulo, elevaria extraordinariamente o prestigio da nação, collocando a dynastia á um tempo, tanto á salvo dos perigos sanitarios de uma cidade pestilenta, como dos insultos ou ameaças de uma esquadra inimiga, dirigidos contra a cidade designada para a sua residencia.

Os campos, nos arredores de S. Paulo, são muito proprios para as evoluções de grandes forças militares, e por esta razão, bem como pela sua salubridade, e abundancia e barateza de viveres e forragens, seria ella o lugar mais appropriado para o deposito de grandes massas de tropas, visto como em uma ou duas horas estarião ellas na praça de Santos, promptas para embarcarem ahi, para aonde a tranquillidade publica, ou a honra da nação reclamasse. Todo o espaço comprehendido no districto das duas cidades, e igualmente o municipio de S. Vicente, que verte dentro da bahia de Santos, deverião constituir o municipio neutro, sujeito á administração directa do governo central.

Vae-se hoje pela via maritima de S. Paulo ao Rio de Janeiro em 24 horas, e quando a Estrada de Ferro de D. Pedro II tiver chegado ao Parahyba, poder-se-ha fazêl-o em pouco mais da metade d'esse tempo, porque os vapores, logo que a estrada tiver tocado ahi, se encarregaráõ immediatamente da navegação d'este rio, desde a Cachoeira até á Escada, e d'este lugar a S. Paulo, d'onde dista de 10 a 12 leguas, não muito difficil será prolongar a via ferrea, e talvez não fosse impossivel, nem mesmo muito custoso, operar uma communicação fluvial por meio de canal, entre os rios Parahyba e Tietê, em lugar appropriado para esse fim, habilitando-se d'esta arte os pequenos vapores a virem descarregar mesmo dentro da cidade de S. Paulo.

D'esta maneira, pois, se poria a côrte em communicação diaria com a cidade do Rio de Janeiro, centro do commercio brazileiro, sem os riscos e incommodos inherentes a uma viagem de mar, constituindo-se esta cidade a New-York do Brazil, e o porto de Santos, o grande arsenal e praça militar do Imperio, cuja capital então, pela belleza da sua posição, bem como pela salubridade dos seus ares, se tornaria a admiração e o encanto do mundo inteiro; e estas vantagens em breve a elevaria á posição soberba de uma magnifica e grandiosa metropole, tal como o reclamão os destinos manifestos d'este Imperio.

CAPITULO XVIII.

Todos os annos, por occasião de descutir-se o relatorio do ministerio da guerra, na nossa Assembléa Geral Legislativa, o systema de recrutamento practicado no Brazil, e a organisação do nosso exercito, dão thema para vagas, mas acrimoniosas e apaixonadas declamações.

Temos observado que quasi sempre as censuras, que se proferem, nascem mais da ignorancia da realidade das cousas, do que de uma consciencia profunda da existencia de grandes males, a que cumpre dar remedio em bem do socego da sociedade. N'esta materia, como em quasi todas, estuda-se o Brazil mais no gabinete em livros francezes, do que no mundo real da vida practica. Falla-se muito em *tributo de sangue, disciplina cruel e barbara, direitos inauferiveis do cidadão,* etc., etc., palavras grandilocas, mas destituidas inteiramente de applicação ás circumstancias peculiares do nosso paiz. Não se quer, entretanto, tomar o trabalho de visitar os nossos quarteis, afim de observar e analysar o pessoal de que se compõe o nosso exercito, e não se estuda a natureza e extensão do serviço, que elle é chamado a desempenhar.

Ultimamente tem vogado a idéa, e tem-se-a repetido com muita emphasis, que devemos antes procurar possuir um exercito pequeno, mas bem disciplinado, e marcar-se o *quantum* de dez mil praças, como o maximo d'esse exercito, do que um maior, porém mal disciplinado. Se o dilemma fosse inevitavel, se não tivessemos outro remedio senão escolher entre os dois alvitres, por sem duvida que tambem nós optariamos de preferencia pelo primeiro; porém, é que nenhuma razão solida milita, que nos empeça de termos um exercito proporcionado ás necessidades do serviço publico, e ao mesmo tempo de têl-o perfeitamente disciplinado. Exclama-se contra o vexame de empregar-se a guarda

nacional no serviço activo de guarnecer as nossas praças, e pretende-se ao mesmo tempo, que se reduza o exercito á ultima expressão possivel. Ora, uma cousa é indispensavel ao homem publico, e vem a ser, que ao menos seja coherente nas proposições e corollarios dos seus discursos. Se a guarda nacional não deve ser empregada, excepto em circumstancias excepcionaes, é mister que se proveja o governo com um exercito sufficiente, afim de o habilitar com os meios de occorrer a todas as necessidades do serviço. Querer-se alliviar a guarda nacional do serviço activo, e ao mesmo tempo cercear a cifra do nosso exercito, envolve uma tão flagrante contradicção, que não comprehendemos como possa haver cabeça sãa, que medite n'ella por um só instante. Grita-se que a nossa pobre lavoura é horrivelmente desfalcada com o tributo do recrutamento; vejamos, porém, se similhante asseveração tem algum viso de fundamento: tomemos a França por ponto de comparação, e partindo d'ahi, raciocinemos sobre o que se observa em nosso paiz.

A população da França sobe a trinta e seis milhões de almas, e o seu exercito a seis centos mil soldados; temos, pois, que a França dá um soldado e meio por cada cem almas da sua população; notae, porém, que n'estes trinta e seis milhões de população franceza acha-se comprehendido tudo quanto concorre pela sua industria e pela sua intelligencia para a riqueza e para o engrandecimento e brilho d'aquella nação, porque acha-se ahi comprehendido o camponez laborioso, o obreiro, o mecanico, o negociante, o manufactureiro, o artista, o lavrador e o homem de lettras. Volvamos, porém, agora os olhos e as idéas para o Brazil, demos-lhe oito milhões de almas, e abatamos os tres milhões de escravos, que existem n'elle, e notae que n'estes tres milhões de escravos se encerra toda a riqueza agricola, e quasi toda a riqueza obreira d'este paiz, ficando por consequencia a industria da nação perfeitamente garantida e intacta; abata-se ainda quinhentos mil estrangeiros, e teremos quatro milhões e quinhentas mil almas para, sobre essa base, extrahirmos a

proporção da materia recrutavel; ora, se deduzissemos d'ella uma cifra proporcionada a que milita em relação á população da França, teriamos um exercito de sessenta e sete mil e quinhentos homens, porém acredite-se, e o legislador brazileiro o saberia por propria observação, se conhecesse mais practicamente o seu paiz, que dos quatro milhões e quinhentas mil almas, que démos para a materia recrutavel, pelo menos duzentos mil homens são capangas vadios e turbulentos, homens sempre aptos para servirem de instrumentos da violencia e das desordens, e muitos d'elles para o assassinato assalariado, e os quaes seria até um serviço, que se conferia á lavoura e á sociedade, recrutar para o exercito, afim de que, debaixo do rigor salutar de uma disciplina severa, aprendessem a conhecer melhor os deveres do cidadão.

Se, pois, o governo não póde achar recrutas no nosso paiz, por certo que não procede isso de não haver materia recrutavel n'elle, e sim, porque, ao pé do capanga vadio, preguiçoso e atrevido, está sempre o desmiolado e vicioso homem rico, que o protege e patrocina contra a autoridade recrutadora, e ante o poder do patronato, no Brazil, não ha forças que possão arcar. Em parte alguma do mundo se observa o que se encontra em qualquer lugar d'este paiz: uma classe de homens sadios e vigorosos, sem um officio ou occupação conhecida, vivendo como parasitas collados nas grandes propriedades, promptos para exercerem todas as vontades e caprichos violentos dos seus donos.

E' n'esta classe de homens sem principios, que a maldade, o orgulho e a ambição desmesurada e sem escrupulos, vae achar os seus instrumentos: descubra-se um meio de recrutal-os, nullificando o poder do patronato, e ter-se-ha livrado a sociedade de um perigo perenne, dando ao mesmo tempo excellentes soldados para o exercito do nosso paiz.

Muitos homens estão alistados na guarda nacional, que nenhum direito tem d'ahi se achar: promovão-se os meios de a

depurar do rebotalho, e com essa medida elevar-se-ha esta instituição na estima publica, desfazendo a repugnancia que se observa nos homens bem nascidos de entrar para as suas fileiras. Mas o nosso exercito deve em todo o caso ser elevado a um computo adequado ás necessidades do serviço publico: dez mil homens por mais perfeita que seja a sua disciplina, jámais poderáõ desempenhar as obrigações, que demandão a presença numerica de vinte mil, e nós podemss ter um exercito sufficiente sem gravame algum para a lavoura, e podemos têl-o igualmente muito bem disciplinado. Dae-lhe bons officiaes, reformae os mandriões, os relaxados e os pacholas, preenchei as suas vagas com homens de nascimento e educação, e vereis como elle se torna ao mesmo tempo o palladio da ordem publica no interior, e objecto de respeito no exterior.

O Brazil carece, como de uma necessidade imprescindivel da sua existencia, de um governo fortemente constituido e apoiado em um exercito sufficientemente numeroso e perfeitamente disciplinado, e não existe razão nenhuma para que não possamos têl-o, mas é mister dar mais consideração e importancia ao elemento militar, crear e desenvolver n'esta corporação a nobre ambição da gloria, e radicar no seu espirito um amor intenso, uma dedicação profunda e inabalavel em prol das instituições juradas do nosso paiz. Fazei isto, e tranquillos podereis zombar das ameaças e tentativas impotentes da anarchia.

Um exercito bem disciplinado e bem commandado, é sempre fiel ao seu governo; quando a desmoralisação lavra nas suas fileiras, é porque a corrupção fôra incutida pelos proprios officiaes d'elle.

E' necessario attender mais para este objecto, e jámais perder de vista, que os bons officiaes constituem sempre o exercito fiel e dedicado ao governo do seu paiz.

Radicae, pois, no espirito d'aquelles o amor da monarchia, tornae-os tão leaes e dedicados a este principio, quanto o são os

officiaes inglezes, para quem o sentimento de fidelidade ás instituições da sua patria é um mytho; fazei isto, e deixae que a anarchia vá continuando a minar, a urdir e a conspirar; quando ella ousar pôr a cabeça de fóra, um exercito tal ha de cortal-a.

Já é tempo de erguer do abatimento a grande instituição do exercito, e acabar com um systema miseravel, que colloca muitas vezes o general encanecido e coberto de gloriosos serviços, debaixo das ordens de um juiz municipal, badaméco sahido da academia.

CAPITULO XIX.

Muitas vezes temos ouvido repetir que « o futuro do Brazil está no Amazonas », como aphorismo de um acerto e uma profundeza incontestavel. Infelizmente para nós, porém, damos a este a mesma importancia que ao outro de que « quem diz Brazil, diz marinha », e talvez tenhão ambos a mesma origem, ou muito proxima.

O que é que constitue a grandeza de uma nação ? Serão rios caudalosos e navegaveis ? Serão terras uberrimas e em grande quantidade ? Será mesmo uma densa população ? Não, porque a China e o Hindostão possuem tudo isto, e no entanto, longe de serem nações poderosas — são fraquissimas.

« A grandeza de um Estado, diz um celebre publicista,
« consiste em tres cousas: no numero de seus cidadãos, nas
« suas virtudes militares e na sua riqueza. Porém, ella consiste
« menos no numero, do que nas virtudes militares d'esses
« cidadãos.

« Mas o valor por si só, nem sempre é bem succedido :
« o constante feliz exito na guerra, só póde ser assegurado
« mediante a reunião de todas as virtudes militares — habilidade
« nos chefes, disciplina, força physica, dexteridade e a capaci-

« dade de resistir ás fadigas e aos trabalhos (*) » Vêmos, pois, que a grandeza das nações, não depende das condições e vantagens materiaes que expuzemos, e sim das qualidades moraes, das propriedades militares dos seus habitantes. Ora, se é certo, como se assevera, mas nós não acreditamos, que a colonisação não póde medrar no Amazonas, visto como o Europêo não póde dedicar-se ali ao trabalho de lavrar a terra, de explorar as riquezas naturaes do solo com a constancia e assiduidade que é mister, porque o calor e a humidade estragão a sua saude, e o matão em pouco tempo, sendo por isso indispensavel, que se recorra ao Africano, ao Indio e ao Chim para assegurar o supprimento de trabalho, que a industria d'aquella Provincia requer; diremos nós, n'este caso, se realmente taes embaraços existem, contra a colonisação de Europêos no Amazonas, então nem agora, e nem jámais poderá o futuro d'este Imperio achar-se ahi. Póde o Pará vir a produzir muito assucar, muito café, muito algodão, e muito arroz; póde augmentar indefinidamente a sua colheita de gomma elastica; póde concorrer fortemente com a cifra das suas rendas para a riqueza da nação, mas não poderá nos fornecer os homens, de cujas virtudes militares dependa a solução do futuro d'este Imperio. Não, não, não é ahi que existe elle, é no sul, em toda esta vasta região, que comprehende as provincias de Minas, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio-Grande, com o seu clima europêo, que está o futuro do Brazil.

São os povos vigorosos, que demorão n'estas alturas, e que todos os dias se aperfeiçôão com a infusão do sangue caucáso, a quem está confiado o grandioso porvir, que esta nação aguarda d'elles. São estes os homens, os quaes, em uma época não distante, hão de eleval-a a um gráo de grandeza e força tal, que ha de constituil-a a admiração e inveja do mundo inteiro, e esta circumstancia é ainda mais uma razão para aconselhar a conveniencia de estabelecer-se a capital do Imperio no centro d'elles;

(*) Vattel, DIREITOS DAS GENTES.

porquanto, como ensina o escriptor notavel já citado: « As « capitaes dos Estados devem ser collocadas sempre n'aquella « parte d'elles, aonde os povos são mais fortes, energicos e « vigorosos; a desattenção d'este preceito póde ser seguida de « resultados desastrosos, porque os homens varonís, difficil- « mente se sujeitão ao governo, ou á influencia dos mais fracos « e effeminados. » Todas as considerações, pois, de uma politica intelligente e previdente, estão indicando a conveniencia e necessidade da trasladação da côrte para a capital d'esta Provincia. Os homens aqui são mais fortes, mais energicos e varonís. A região que elles habitão presta-se toda á colonisação de Européos em toda ella, e desde ahi, até ao Rio-Grande, podem os colonos estabelecer-se e dedicar-se ao serviço da lavoura da mesma fórma que practicavão na sua terra. Já se vê, pois, que o futuro do Brazil está no Sul, mas desgraçadamente é justamente tambem ahi, aonde as idéas subversivas, as velleidades republicanas tem creado maiores raizes. Uma certa tendencia centralisadora no governo central do Rio de Janeiro, no que toca ao systema de administração; uma certa illiberalidade no modo de haver-se o fisco; uma vexatoria dependencia do ministerio, até para o preenchimento dos empregos mais subalternos; a teima com que se continúa a negar a estas Provincias os beneficios de uma justiça prompta e barata, como sem duvida lhes traria o estabelecimento de Relações n'ellas; todos estes vexames reaes, dão ares de fundamento ás doutrinas dos sectarios da republica, quando estes se dilatão na enumeração das grandes vantagens, que emanão para os povos das instituições republicanas. Cumpre, pois, tirar-lhes todo o pretexto para a disseminação das suas doutrinas anarchisadoras, satisfazendo estas justas reclamações dos cidadãos pacificos; mas, se apezar d'isso continuarem os sectarios republicanos á propagar as suas maximas, e a concitar o povo a conspirar contra as instituições do paiz, nós deveremos cahir sobre elles sem piedade, nem compunção com todo o peso da lei, apoiado na força publica até desbaratal-os completamente, como uma praga, da qual todo o

verdadeiro patriota deverá envidar os ultimos esforços, afim de livrar a sociedade. Porém para prevenir estes extremos, desejariamos trazer o sol da monarchia para o meio d'elles, afim de que o calor beneficente dos seus raios fizesse germinar em seus corações o amor da dynastia, como um sentimento indispensavel á tranquillidade da sociedade e á permanencia da monarchia.

Considerado debaixo de um ponto de vista moral o sentimento profundo de lealdade, a intensa dedicação para com o principio monarchico no nosso paiz, não exerceria menos influencia para elevar as idéas dos Brazileiros, do que o do proprio patriotismo. Só cultivando e desenvolvendo n'elles com esmero este sentimento, poder-se-ha arrancar do seu espirito o egoismo estupido, e as sordidas preoccupações do interesse pessoal, que constituem em geral o motor das suas acções.

O patriotismo abstracto, essa paixão sublime, que induz a servir e a morrer pela patria, unicamente pelo amor que se tem a ella, não é para a nossa raça. Os elementos constitutivos do caracter da maxima parte da população d'este paiz são de uma tempera assás baixa, grosseira e vulgar para se impressionarem por sentimentos tão elevados. Para alcançar d'ella algum esforço no sentido do bem geral, é mister apresentar ante seus olhos a perspectiva da recompensa, e só a monarchia póde fazêl-o na distribuição das graças com que galardôa aos que se votão ao bem publico e a actos de beneficencia e philantropia.

Em um paiz, como o Brazil, aonde desde a independencia gozamos das instituições mais livres de que ha noticia, e para lograr uma parte das quaes, quando nós as possuimos em perfeita plenitude, ainda agora se batem as melhores nações do velho mundo, e se derrama o sangue mais generoso; só póde desejar mais liberdade, symbolisada no regimen republicano, ou o louco, ou o tolo, ou o malvado, e contra homens de similhante natureza, todos os sentimentos do verdadeiro patriotismo, todas as considerações de humanidade e philantropia aconselhão

a mais exemplar e severa repressão, como o unico meio efficaz de salvar a sociedade.

Em um paiz, como o Brazil, aonde todo o mal que se tem feito, todo o sangue derramado tem procedido do exercicio de um excesso de liberdade.

Em um paiz, como o Brazil, aonde a incapacidade da massa do povo, para exercer os nobres principios do governo da nação pela propria nação, é tão notoria e manifesta, não ha convicções, não ha predilecções innatas, que possão desculpar os anhelos pela republica; só o demente, só o malvado, ou o ambicioso sem escrupulos, desvairado pelo amor proprio, póde almejar vêr este bello e magnifico paiz estorcer-se, como presa, nas garras sanguinolentas da anarchia, como o resultado infallivel de tal regimen. Se não temos capacidade para prezarmos devidamente os beneficios da monarchia constitucional que possuimos, e que é a mais popular do mundo inteiro, realçada ainda pela indole verdadeiramente liberal e generosa do monarcha, que adorna o throno americano, prova isso, que não nos achavamos preparados para o systema representativo. Quaes são as tyrannias e os vexames que pesão sobre a nação, provindos da monarchia ?

Quaes são as classes privilegiadas entre nós, que se oppõem ás liberdades da nação ? Não tem o paiz representantes eleitos pelo voto universal d'elle ? E se não sabe escolhêl-os bem, quem é que disso tem a culpa ? Porque se vende o povo nos dias das eleições, offerecendo miseravelmente o seu suffragio áquelle que melhor lh'o paga ? E crê alguem, que é com gente d'esta casta, com elementos d'esta ordem, que se poderia constituir uma republica ?

Não, não, ter-se-hia no principio a anarchia sanguinolenta, o despotismo estupido e vil, que domina nas republicas hespanholas, e mais tarde, teriamos a sorte de S. Domingos, como o castigo merecido dos nossos crimes, e, nós o repetimos, só o

louco, ou o tolo, ou o malvado poderá desejar vêr a sua patria reduzida a este estado lamentavel. A republica tem sido, e ainda é, o idéal de muitos povos, mas a realidade practica unicamente para uma raça privilegiada, e nós Brazileiros, infelizmente não somos d'ella. Mostrae-nos uma nação de origem, de indole e de costumes similhantes aos nossos, aonde o systema republicano tenha medrado, mostrae-nos uma só, e nós nos daremos por vencidos, e seremos tambem republicanos.

CAPITULO XX.

Quem acompanha com alguma attenção os incidentes politicos, que occorrem no Brazil, depara logo com uma tendencia extraordinaria em todos os animos para filiar, ou assimilhar e encadear todos os grandes acontecimentos, que tem lugar na velha Europa com a marcha da nossa politica, ou antes, para pautar a direcção dos nossos negocios, conforme o caminho que as cousas levão n'esses paizes. Assim, quando a Italia ou a Hungria se agitão, agitão-se tambem os *patriotas* do Brazil.

Se a França se subleva, tentão elles igualmente sublevar-se. Infelizmente o proprio Governo Imperial mais de uma vez tem dado importancia e vulto, a esta tendencia, alterando o systema da sua politica com receios infundados da repercussão no Brazil dos successos, que tem lugar n'essas nações.

Ora, é isto um erro fatal para os verdadeiros interesses do nosso paiz. Um exame o mais perfunctorio das situações respectivas, mostra logo o abysmo que separa o Brazil d'essas nações.

Quando, ha doze seculos, pelo desmoronamento do Imperio Romano do Occidente as nações celtas — aguerridas, porém incultas, que descião como torrentes das regiões do Norte, invadirão, e se derramárão pelos estados que havião pertencido

a esse Imperio, avassallando os povos enervados pelo luxo e corrupção de uma raça em decadencia, estabelecêrão estes guerreiros o seu systema feudal de governo, o qual consistia na divisão, que um chefe victorioso fazia entre os seus officiaes das terras conquistadas, e as quaes, estes officiaes subdividião entre os seus inferiores immediatos.

As condições com que estes favores erão concedidos, consistião na prestação de serviços militares dentro e fóra do paiz, ao qual denominavão o preito, e a homenagem do vassallo. Ao fiel cumprimento d'estas obrigações, elles se ligavão pelo juramento de fidelidade, e quando não os cumprião, devolvião as terras para os chefes de quem as havião recebido.

A todas as pessoas, pois, que erão feudatarias, isto é, que havião recebido terras de taes chefes em feudo, corria a obrigação de os defenderem, e a estes, a de defenderem aos seus chefes superiores, e assim em uma escala ascendente até chegar ao Principe.

D'este modo, as diversas ordens de vassallos formavão um systema de circulos concentricos, dependente cada circulo do immediato, mas tendo todos o mesmo centro commum, que era o Rei, como o chefe feudal em supremo grão. D'este estado de cousas nascia, que cada individuo constituia um penhor de segurança para o outro; pois cada individuo contribuia com o seu contingente para a solidez da structura feudal, que o abrigava e defendia a elle proprio.

Em um estado de civilisação, como era aquelle em que se achava a Europa, quando o systema feudal se estabeleceu, no qual as façanhas e o renome militares erão os unicos caminhos para a distincção, esta mutua dependencia entre o chefe e seus vassallos era realmente de natureza admiravel, e a ella se deveu tudo quanto de grande se realisou n'esses tempos, bem como o facto de não se haver podido estabelecer na Europa o despotismo autocratico do Oriente.

Creou-se igualmente n'esta época outra classe de individuos com a designação de servos ou villões, aos quaes incumbia o exercicio das artes e industria: constituião estes a reserva, e os vassallos a força militante dos estados.

Mas com o correr dos annos, e á proporção que as idéas sobre os direitos do homem se tornavão mais claras, e melhor definidas, o systema feudal começou a declinar: os villões crescião em riqueza e illustração, e pouco á pouco, em troca dos thesouros com que supprião aos seus chefes feudaes, e que estes dissipavão nas orgias, ou nos aprestos militares para as algaras contra outros chefes, ou nas cruzadas da terra santa, forão elles adquirindo certos privilegios e isempções, que os subtrahião á dependencia d'estes chefes.

A Inglaterra foi a nação, que mais se avantajou n'esta marcha do progresso, conquistando pouco á pouco as suas liberdades nacionaes do predominio dos Barões feudaes, como antes havião estes conquistado os seus direitos do poder absoluto do rei João.

A indomavel energia, a fixidez inalteravel, a inabalavel constancia da raça anglo-saxonia, a qual constituia as camadas inferiores da sociedade ingleza, paulatinamente triumphava da natureza mais brilhante do seu conquistador normando, porém muito menos varonil e tenaz na realidade do que a sua propria. As liberdades do povo inglez progressivamente se dilatavão, e tinhão já adquirido grande expansão e consistencia, quando arrebentou a revolução franceza, a qual engulindo na sua voragem uma dynnastia, e a flôr da nobreza mais cavalheirosa de que ha noticia, lançou repentinamente sobre a face do mundo as idéas mais avançadas de igualdade universal. Porém, como em todos os movimentos convulsivos do corpo humano, seguio-se logo a prostração, e depois d'ella, a reacção fez muitos paizes retrocederem ao mesmo estado, em que se achavão antes das doutrinas de liberdade universal, disseminadas por toda a parte pelos Anacharsis Clootz da revolução franceza.

Só a Inglaterra proseguia impavida no seu caminho, ao mesmo tempo inaccessivel ao delirio da liberdade, e incapaz de intimidar-se com os triumphos do despotismo. Cada sessão successiva do seu parlamento lhe augmentava o cabedal de liberdade, que o seu povo já possuia, e hoje, quando nações que em um momento parecêrão deixal-a muito atraz no progresso dos governos livres, se estorcem sob o punho de aço de um absolutismo de ferro, comquanto patriotico e intelligente, ella progride desassombrada no desenvolvimento do principio grandioso do *self-government* com uma tranquillidade, que lhe attrahe a inveja e a admiração do mundo inteiro. Mas apezar de todas as vantagens em prol das liberdades alcançadas para o seu povo, todavia as suas instituições, a sua legislação, e ainda mais os seus costumes, ainda se resentem da sua origem, e se basêão nos principios do feudalismo, o qual, com muita calma e discernimento, vae ella abrogando em alguns pontos, e adaptando em outros ás modernas exigencias da sociedade.

Todo o resto da Europa, ainda actualmente, se agita convulsamente no processo de organisação.

As nacionalidades procurão constituir-se. Os thronos tentão conservar o seu predominio absoluto ; as classes nobres, os seus privilegios ; e os povos forcejão por arrancar d'elles o reconhecimento dos seus direitos. Mas o que é que ha em todo este processo trabalhoso e sangrento, que tenha paridade com os negocios do nosso paiz ? Por ventura existe aqui a monarchia absoluta ? Temos nós classes privilegiadas ? Qual é a instituição popular que ainda nos falta ? De que modo, pois, poderáõ os successos da politica européa influir sobre os destinos do Brazil ? Supponha-se que Mazzini triumphava, e que conseguia estabelecer na Italia uma republica. Supponha-se que Luiz Kossuth lograva libertar a sua patria do jugo austriaco. O que terião, um e outro, alcançado para os seus paizes respectivos, que já não estejamos nós de posse desde a nossa independencia ? Qual é a instituição nova, calculada para promover a felicidade

publica, que se espera do seu triumpho? Não ha nenhuma. Tudo quanto elles promettem, e procurão realisar, já é desde ha muito conhecido por nós outros, e ha muitos annos que o fruimos plenamente.

Mas não; desejão elles collocar á frente das suas nações chefes lectivos e amoviveis, e nós o temos hereditario. Ah! é ahi, é n'este alvo, aonde se fitão os olhos dos *patriotas* do nosso paiz; quaes Incaros, ousão querer elevar ao sol o vôo, e é para isso que agitão a sociedade, que procurão abalar os seus alicerces, affrouxar as molas que a segurão, para poderem subvertêl-a. Porém, Mazzini é um heróe, á despeito de todos os seus grandes erros. Este illustre Italiano nutre no seu grande espirito um pensamento sublime: deseja realisar a unificação da Italia, e dar-lhe a cidade eterna, sobre cujos muros tem vinte cinco seculos accumulado as memorias mais gloriosas d'este povo, como a capital mais digna d'elle. Quer fazer reviver para a sua patria a gloria e o renome da antiga Roma. Póde haver illusão, póde mesmo haver desacerto n'esta idéa. E' ella quiçá uma utopia, talvez mesmo não devesse realisar-se: porém a inspiração é sublime, e por sem duvida, que ha de transmittir o nome de Mazzini ás glorias da immortalidade.

Kossuth é um heróe de tempera ainda mais forte: quer que a Austria reconheça a nacionalidade hungara, quer que se conceda para a sua patria, sem separal-a do imperio austriaco, aquella autonomia nos seus negocios peculiares, que cada uma das nossas provincias ha muito tempo já possue, e Kossuth infallivelmente triumphará, porque tem por si a justiça, e todas as sympathias dos homens illustrados.

Mas o vosso pensamento, oh! vós, republicanos do Brazil, dizei-nos qual é elle? Será crivel, que desejeis felicitar-nos com a bemaventurança de S. Domingos? Não o crêmos, entretanto, ficae seguros de que seria esse o paradeiro inevitavel das vossas loucuras, se pudesseis lograr o resultado dos vossos

esforços Não, não, não é por esse rumo, que o verdadeiro partiota se esforçaria por dirigir os destinos d'este paiz, n'essa rota só cachopos encontraria.

Procurae antes tornar o povo mais digno da liberdade de que *só abusa*, Estudae-o com mais calma, e então conhecereis que, sem nenhuns visos de espirito publico; sem a consciencia dos deveres do cidadão; sem instrucção; sem o conhecimento exacto dos principios que constituem as regras da moralidade, confundindo muitas vezes o vicio com a virtude; sem a perspicacia que sabe discriminar entre o verdadeiro merecimento e a ostentação fôfa da impostura e hypocrisia,

Destituido inteiramente da dignidade, que leva o homem a prezar-se a si proprio, e que o livra de practicar as acções vís; aborrecendo o trabalho, e preferindo a vida dependente, mas indolente do parasita; não é este o povo em cujas mãos os destinos de uma republica correrião sem perigo.

Ha, sem duvida, Brazileiros muito distinctos, e nós temos a fortuna de conhecer alguns taes, porém o quadro que esboçamos n'esta obra, não é por certo uma caricatura; desgraçadamente é elle o retrato fiel da grande massa da população, e só o homem que vive em um mundo de illusões ou aquelle a quem a vaidade, e o amor proprio nacional traz vendado, deixará de reconhecer a similhança. Porém, como diziamos, existem Brazileiros muito distinctos, cidadãos e cavalheiros, como em toda a Europa não os ha melhores, mas a massa da nação jaz no estado de abatimento qual nós o descrevemos; cumpre, pois, ao verdadeiro patriotismo trabalhar por erguêl-a, por elevar o timbre da nação á uma altura condigna dos destinos manifestos d'este Imperio, e só mediante a consolidação das nossas instituições politicas, e o desenvolvimento á sombra d'ellas dos grandes recursos naturaes do paiz, é que poderemos chegar á consummação d'esses destinos. Mas não é por certo da politica republicana, que poderemos esperal-o, e até n'isto estamos nós em perfeita antithese, com

o que se observa nos paizes cultos. Ali a denominação de republicano symbolisa a aspiração do progresso; a destruição dos privilegios; uma concurrencia franca e aberta a todas as aptidões, e o amor universal da humanidade. Aqui o partido que se approxima a esses principios, mais se distingue pelo mesquinho e tacanho das suas idéas.

Em um paiz vasto e mal povoado, como é o Brazil, e sendo de intuição, que d'esta circumstancia procede em grande parte a sua falta de civilisação, pela impossibilidade de fazer chegar a todos os pontos os beneficios da instrucção, e os preceitos da religião e da lei, bem como a difficuldade de dotal-o de boas vias de communicação, de maneira que as idéas, os homens e seus productos gyrem, e se communiquem por toda a parte, afim de tiral-os do isolamento selvagem em que permanecem; em um paiz como este, aonde similhantes difficuldades empecem o seu progresso, o bom senso está indicando a colonisação, como o mais efficaz, como mesmo o unico remedio para estes males.

Entretanto, esse partido no Brazil obstinadamente se oppõe a ella. Este grande pensamento de futuro e de prosperidade para a nação, só merece a sua aversão. Em toda a parte o partido liberal almeja destruir os privilegios e franquear a concurrencia: aqui elle quer crial-os, e preconisa a idéa da nacionalisação do commercio a retalho, que pretende vedar o exercicio d'elle aos estrangeiros, como um dogma da sua politica. Um amor inconsiderado, que borda na insensatez para com a humanidade, é o caracteristico dos principios republicanos em outras terras: aqui o odio, o rancor e a intolerancia, não sómente contra os estrangeiros, mas tambem contra os nacionaes, que não commungão na sua religião politica, é a paixão que domina os homens, que o professão, e que transuda em todas as suas idéas. Porém este partido obedece ao impulso irresistivel, que os seus elementos organicos lhe transmittem; quasi todos os homens de côr pertencem a elle, e um odio figadal e implacavel contra os estrangeiros, é o distinctivo d'esta classe, e d'ahi

provém todas essas profissões de ultra-brazileirismo com que os politicos, que pretendem as boas graças d'este partido, adubão as suas doutrinas.

E será a um partido, que adoptou no seu programma politico principios tão mesquinhos ?

Será a um partido, cujo espirito ignobil, não póde attingir ás grandes alturas, que a Providencia traçou para o vôo d'este Imperio, a quem se entregaria o governo d'elle ? Não, não, porque se fosse, então o seu futuro inevitavel, em uma época não distante, seria o estado abjecto, vil e sanguinolento da republica mexicana.

Não, não, a Providencia, que véla sobre os destinos d'este Imperio, ha de entregar a direcção do seu futuro ao predominio das idéas conservadoras, nas quaes se fixão todas as esperanças da parte sãa d'esta nação.

O Brazil carece de consolidar as suas instituições politicas para sob a égide d'ellas, poder desenvolver em paz e segurança os inexgotaveis elementos naturaes de riqueza e prosperidade com que a bondade divina o amerceou. Carece de um governo fortemente constituido, que faça sentir a sua acção em toda a parte por meio de autoridades respeitadas, afim de reprimir a sedição e o espirito insolente do capanguismo, que pretende erguer o ousado collo. Carece de um exercito sufficientemente numeroso, e perfeitamente disciplinado, para fazer calar no animo das massas um salutar receio de infringir as leis, perturbando o socego da sociedade. Carece de um clero instruido e moralisado em substituição do que possue, o qual na sua grande maioria é ignorante, immoral e sedicioso, para inculcar no coração do povo os preceitos da moral, o amor do trabalho e da ordem, e uma dedicação profunda e intensa para com o principio monarchico das nossas instituições ; e todas estas grandiosas idéas de porvir estão em diametral opposição com as doutrinas anarchisadoras, promulgadas pelos sectarios do partido republicano d'este paiz.

Liberdade, liberdade, liberdade, sem criterio, sem futuro, sem um fim nobre, quando é certo que já a possuimos em demasia, eis o santelmo d'este partido, eis a legenda insana, que elle ostenta incessantemente no seu carro revolucionario, como o salvaterio d'este Imperio, e o qual ha de infallivelmente conduzir-nos ao desmoranamento e subversão completa da sociedade, se um poder muito alto, emquanto é tempo, não cravar um prego na sua carreira insensata.

CAPITULO XXI.

Estavamos residindo na cidade de Itú, quando imaginamos escrever este opusculo: corria então o mez de Novembro do anno de 1860, dous mezes por consequencia depois das eleições para juizes de paz e vereadores, a que se havia procedido em todo o Imperio. A nossa posição social, ligada á parte e ao interesse que tomamos na politica militante, habilitou-nos para conhecer os designios e as operações dos dous partidos contendentes. O que vimos e presenciamos encheu-nos de pasmo e pezar.

Não criminamos tanto os chefes: o seu fim, se não era nobre, era ao menos desculpavel: ambicionavão apparecer e figurar na politica do paiz, porém a abjecta corrupção da massa do povo, encheu-nos de asco e desprezo.

Não houve um laço de dever por mais sagrado que fosse, não houve um sentimento de gratidão, que se não quebrassem, n'esses dias de ignominia.

O povo acudia ao tinir do dinheiro como uma manada faminta. Nenhum só acto de nobre independencia: nenhum só acto de dignidade pessoal veio mitigar esta scena de corrupção. O leilão de votos só cessou, quando um dos partidos, exhausto de meios, e o outro, tendo como certo o seu triumpho, virárão as

costas aos muitos que por excessivamente exigentes, ainda regateavão o preço dos seus suffragios.

Em Dezembro viemos observar as eleições para eleitores d'esta Capital, e aqui presenciamos as mesmas scenas de corrupção, aggravadas ainda com ameaças e violencias.

Vimos a primeira autoridade da Provincia descer ao lodaçal, revolver-se n'elle, mareando, pela indignidade da sua conducta, o prestigio e brilho do Governo Imperial, cujo delegado era. Lêmos depois, nas folhas da côrte, as relações do occorrido, nas outras porções do Imperio, e nenhuma rasão tivemos para suppôr, que em parte alguma deixassem de ter sido empregados os mesmos meios. Comprehendemos então que a corrupção era geral e profunda, e tinha attingido a todas as classes da sociedade. E pois decidimos escrever esta pequena obra, na qual, descrevendo o povo do Brazil, tal qual elle é na realidade, e não com os atavios e enfeites phantasticos de qualidades excelsas, com que alguns escriptores soem adornal-o, possão aquelles a quem incumbe o governo da nação, tratar de regeneral-a.

Bem conhecemos que não trilhamos a vereda propria, para nos grangear popularidade.

Tambem não a queremos, e no nosso paiz, desprezamos as glorias de Tribuno.

Tem-se querido inculcar a crença, de que a corrupção dos povos vem de cima, porém similhante proposição é inteiramente falsa.

Os Governos representão as feições predominantes da sociedade, rarissimas vezes, e só por pouco tempo, descem abaixo do nivel d'esta.

Mas muitas vezes, como succede no Brazil, o Soberano, por suas virtudes pessoaes, por sua sabedoria e seu patriotismo, destaca-se em sublime relevo da grande massa do seu povo. E qual será a causa de tanta degradação? Sem duvida que os ha-

bitos de indolencia e ociosidade tão geraes, concorrem poderosamente para este tristissimo resultado. Apoucado, apathico e falto de ambição nobre; os brios, a altivez do homem, que com o fructo do seu trabalho rodea-se de todas as commodidades da vida civilisada, e que, olhando em torno de si, eleva-se de nobre orgulho, e sente toda a dignidade do seu ser; são sentimentos para elle inteiramente desconhecidos — eis porque em um dia de eleições cede á peita, e até a procura. Que se importa, que este ou aquelle governe: que tem com os destinos da Nação, o que é mesmo que póde saber d'ella, aquelle que não sabendo ler, não tendo ainda aprendido a prezar a dignidade propria, é com tudo chamado a exercer o direito sagrado do seu suffragio.

Porém o dinheiro que lhe offerecem, o vae habilitar a passar alguns dias sem trabalho, e é isto o tudo que elle entende e aquillo com o que se importa. Se pois não é turbulento e sedicioso por inclinação innata, o que succede muitas vezes, e é aqui que a republica colhe os seus adeptos, raras vezes deixa de ser venal. E qual será o remedio capaz de regenerar um ente d'esta casta? Nós só conhecemos um — A colonisação — collocae ao lado d'estes homens, o estrangeiro laborioso; este não ha de por certo degenerar do estado de civilisação, que recebeu no seu paiz natal, e nem perder o gosto por aquelles gozos, que constituem a essencia d'ella; e pois, procurará, com o seu trabalho, haver os meios de rodear-se no Brazil de todos aquelles commodos, de todas aquellas infinitas miudezas, as quaes, no seu paiz, são o apanagio do bem-estar do lavrador. Então o Brazileiro, sentindo com o contacto material d'elle, o fructo agradavel d'esse trabalho, a seu turno procurará imital-o. Ha de entregar-se com mais constancia e assiduidade ao seu serviço, e em recompensa de sua perseverança, ha de auferír d'elle tres ou quatro vezes maiores fructos, do que auferíra até esse tempo. A sua posição social se elevará, e vendo-se rodeado de todas as provas do bem-estar, a sua opinião da importancia e dignidade propria ha de crescer, tornando-o incapaz de commetter as acções vis e

baixas, ou de ser o instrumento dos mandões ambiciosos e sem principios.

Então um homem d'estes se respeitará, e estará realisada a sua regeneração, tornando-o capaz de conhecer e apreciar devidamente o valor dos direitos do cidadão livre. O resultado d'esta feliz transformação, tambem trará uma baixa geral nos generos alimenticios, pela abundancia d'elles, e um consumo quadruplicado nos artigos de importação, em virtude do melhor estar das classes trabalhadoras, e como consequencia d'isto, um augmento extraordinario nas rendas do estado.

Eis aqui o meio, mediante o qual, crêmos infallivel a — Regeneração — dos Brazileiros, não é elle porém aquelle, preconisado por eerta classe de escriptores. Para estes, a amalgamação das raças Latina e Africana, que existem no Brazil. A consagração da intolerancia religiosa. Uma cruzada de rancor e odio contra as raças Germanica e Anglo-Saxonia, parecem os meios mais adequados. Somos tambem conservador, porém, mercê de Deos, nada temos em commum com muitos homens que professão essas idéas. Somos conservador e ufanamo-nos de sêl-o, e se o Brazil tivesse agora de ser politicamente reconstituido, conhecendo-o como nós o conhecemos, não temos o menor receio de declararmos, que dariamos o nosso voto á favor de uma Monarchia mais fortemente constituida, e na qual menos influencia exercesse o elemento democratico, tão longe como elle está no nosso paiz d'aquelle gráo de illustração e moralidade, em o qual o exercicio pleno dos direitos politicos, poder-lhe-hia ser outorgado, sem perigos para o futuro das instituições, e a segurança da sociedade.

Os nossos maiores, porém, decidirão diversamente, e porisso mesmo que somos conservador, tremeriamos que mãos sacrilegas viessem tocar agora na Arca Santa da Constituição. As suas balisas, marcando os direitos politicos dos Brazileiros, forão assentadas muito adiante do estado de civilisação d'elles. E' verdade, porém não podemos, não devemos agora voltar atraz.

Cumpre-nos, pelo contrario, envidar todas as nossas forças, afim de elevarmos o timbre da nação á altura dos grandes principios consagrados n'ella.

A Realeza para nós é uma Entidade sagrada. Adoramol-a como um principio e como a fonte de todo o bem. Adoramol-a na pessoa do egregio Monarcha, em cuja fronte excelsa, o diadema Imperial só torna mais sensivel a calma sabedoria, o ardente patriotismo, e os vastos e inexgotaveis recursos intellectuaes do grande homem, cujos attributos constituem a maior, senão a unica garantia de segurança e prosperidade para a nação Brazileira.

S. Paulo, 20 de Janeiro de 1862.

Antonio Augusto da Costa Aguiar.

Erratas e Alterações.

Pag.	lin.				
11	23	—	Brazileiras,	leia-se:	Brazileiros.
		—	solteiro	,,	solteira.
,, 34	,, 23	—	dirigida	,,	digerida.
,, 55	,, 21	—	das	,,	as.
,, 66	,, 7	—	seusa	,,	a seus.
,, 71	,, 12	—	adoptar	,,	adaptar.
,, 74	,, 14	—	Runnegmede	,,	Runnymede,
,, 75	,, 10	—	um mytho	,,	uma adoração.
,, 76	,, 25	—	um Monarcha	,,	o Monarcha.
,, 79	,, 24	—	observa	,,	observava.
,, 83	,, 16	—	olha	,,	olhando.
,, 87	,, ult.	—	saquarema	,,	conservador.
,, 89	,, 5	—	supprima-se:		ou menos.
,, 93	,, 2	—	as quaes,	leia-se:	os quaes.
,, ,,	,, 22	—	nomear	,,	nomeae.
,, 99	,, 11	—	Falta a palavra:		occupado.
,, ,,	,, penult	—	dirigio,	leia-se:	digerio.
,, 103		—	Na nota supprima-se:		o artigo inglez: the.
,, 110	,, 23	—	publica,	leia-se:	fiscal.
,, 111	,, 8	—	motor interesseiro	,,	motor estranho e interesseiro.
,, 114	,, 11	—	o cobrar	,,	arrecadação.
,, 118	,, 15	—	aos	,,	nos.
,, 123	,, 19	—	suppunha	,,	supponha.
,, 133	,, 2	—	um mytho	,,	uma adoração.
,, 142	,, 6	—	lectivos	,,	electivos.

A ausencia do autor deu lugar a apparecerem estes erros e alguns outros que por insignificantes não apontamos, e que a intelligencia do leitor facilmente corrigirá.

Santos. — 1862. — Typ. COMMERCIAL. — Rua de Santo Antonio n. 60.